debates sôbre educação com alunos e professôres em Banaras, India

KRISHNAMURTI

SABEIS por que vos educam, e o que significa esta educação?
... Deveis ser educados para serdes capazes de enfrentar adequadamente todos os problemas da vida.
... Para a maioria de nós, a educação consiste em ensinar o que pensar. A máquina que ensina o que pensar é o que chamamos educação e essa educação apenas torna os indivíduos mecânicos, embotados, estúpidos, estéreis.
... As moças fazem certos exames, tiram seus diplomas e casam-se — para se tornarem cozinheiras e gerarem filhos; e tôda a educação adquirida durante anos se torna uma coisa inútil.
... Não deve a educação ajudar os estudantes a serem livres do temor, de qualquer espécie que seja, o que significa: compreender de agora em diante os problemas da vida — problemas de sexo, problemas da morte, da opinião pública, da autoridade?

POR certo, é função da educação ensinar-nos não a maneira de enfrentarmos a vida, mas como libertarmos a mente de todos os seus condicionamentos, todos os valores tradicionais, para que essa mente livre possa enfrentar e resolver os inumeráveis problemas de todos os dias. Só então é possível o conhecimento real do que chamamos "Deus", a "Verdade". Só a Verdade resolve os problemas.

O SABER, a acumulação de conhecimentos sôbre fatos, pode produzir a quebra do meu condicionamento? Entretanto é isto o que estamos fazendo; cuidamos tão sòmente de acumular conhecimentos, saber, de exercitar a memória. Isso é importante, no seu nível próprio.

ESTAMOS acumulando conhecimentos e saber, no nível superficial sem alterarmos fundamentalmente os níveis mais profundos da nossa consciência. A coisa mais importante, na crise atual, é que a revolução se realize no nível inconsciente, e não meramente no nível consciente.

MOSTRA a História que foram sempre uns poucos indivíduos, diferentes dos outros na conduta da vida, que operaram modificações na sociedade. A não ser que, individualmente, nos transformemos profundamente, fundamentalmente, nenhuma possibilidade vejo de se ter a tranqüilidade no mundo.

DEBATES SÔBRE EDUCAÇÃO

(Palestras para meninos estudantes, com perguntas e respostas, realizadas na Escola de Rajghat, Banaras, India, em Janeiro de 1954 e Conferências para professôres e alunos, realizadas na Universidade Hindu de Banaras, India, em Janeiro de 1954).

PALESTRAS DE RAJGHAT-BANARAS — 1954

I

SUPONHO que quase todos vós entendeis bem o inglês. Se não, isso não importa, porquanto os vossos mestres e as pessoas mais velhas aqui presentes compreendem o inglês, e podeis depois pedir-lhes explicações sôbre o que estive dizendo. Não deixeis de fazê-lo, pois o assunto de que vamos tratar nestas três ou quatro semanas é importantíssimo: vamos falar sôbre o que é a educação, e tudo o que a educação implica — que não é, simplesmente, estudar para fazer exames. Por conseguinte, como vamos falar sôbre esta matéria todos os dias, pedi a vossos mestres que vos expliquem criteriosamente o que não tiverdes entendido bem. É possível também que, depois de cada uma de minhas palestras, desejeis fazer-me perguntas. Uma vez que estas palestras são dedicadas especialmente aos estudantes, as pessoas mais velhas que o desejarem, poderão fazer perguntas que ajudem os estudantes a compreender o problema, que sirvam para explicar melhor o problema. Se os mais velhos fizerem perguntas que ajudem os estudantes, suas perguntas serão úteis. Perguntas atinentes aos seus problemas pessoais de nada servem aos estudantes.

Perguntais a vós mesmos por que estais sendo educados? Sabeis por que vos educam, e o que significa esta educação? A educação, como a conhecemos, consiste em

freqüentar as escolas, aprender a ler e escrever, fazer exames, e praticar jogos esportivos; saindo da escola, ides para o colégio e lá ficais a estudar, a estudar, durante meses ou anos, e depois prestais exames e obtendes um emprêgo; e, então, esqueceis tudo o que aprendestes. Não é isso o que chamamos "educação"? Estais entendendo? É só isso o que fazeis aqui?

As moças fazem certos exames, tiram seus diplomas, e casam-se — para se tornarem cozinheiras e gerarem filhos; e tôda a educação adquirida durante anos se torna uma coisa inútil. Sabem falar inglês, tornaram-se um pouquinho mais traquejadas, um pouquinho mais bem arranjadas e asseadas — e nada mais, não é verdade? E os rapazes vão exercer uma profissão técnica, tornar-se escriturários ou funcionários públicos — e aí param, não é exato?

Com efeito, o que chamamos "viver" é obter emprêgo, gerar e criar filhos, saber ler e escrever, ler jornais e revistas, discutir e saber argumentar hàbilmente sôbre tal ou tal assunto. Eis o que chamamos Educação, não é verdade? Já observastes os vossos pais, as pessoas mais velhas de vossas famílias? Êles fizeram exames, obtiveram empregos, sabem ler e escrever. A educação é só isso?

A educação é coisa muitíssimo diferente. Seu fim não é só o de ajudar-vos a obter empregos, mas também ensinar-vos a enfrentar o mundo. Não é assim? Sabeis o que é o mundo. No mundo há competição. Sabeis o que significa "competição" — cada um por si, a lutar e a afastar os demais do seu caminho, para obter as melhores vantagens possíveis. No mundo há guerras e divisões de classe, e luta entre as classes. No mundo cada um quer uma posição melhor, subir, subir sempre: quem é escriturário, quer subir um pouco mais — e vivemos lutando, sem parar. Já não notastes isso? Quem tem um carro, quer outro carro mais bonito. Há, pois, uma luta constante,

não só dentro de nós mesmos, mas também contra todos os nossos semelhantes. E há também a guerra, que mata, que destrói — como a última guerra, em que pereceram ou foram feridos e mutilados milhões de indivíduos.

Nossa vida se consome em lutas políticas. E, também, a vida é religião, não é verdade? O que chamamos religião é observar rituais, ir à igreja, pôr vestes sagradas, engrolar orações, ou seguir um certo **guru**. A vida é também — não é? — mêdo de morrer, mêdo de viver, mêdo do que digam ou do que não digam de nós, mêdo de não saber para onde vamos, mêdo de perder um emprêgo, mêdo à opinião. A vida, pois, é extraordinàriamente complexa, não achais? Sabeis o que significa esta palavra — "complexa"? Quer dizer: uma coisa muito complicada, muito difícil, extremamente difícil, envolvendo muitas e muitas outras coisas.

A educação, por conseguinte, deve ter a finalidade de habilitar-vos a resolver todos êstes problemas. Deveis ser educados para serdes capazes de enfrentar adequadamente todos os problemas da vida. Isto é que é educação — e não apenas passar nuns poucos exames, entregar-se a certos estudos estúpidos, aprender matérias em que não se tem o mínimo interêsse. A educação apropriada é aquela que ajuda o estudante a enfrentar esta vida, a compreendê-la, não se deixando sucumbir, ser esmagado por ela, como acontece com a maioria de nós. Pessoas, idéias, nação, clima, a necessidade de alimentação, a opinião pública — tudo isso nos constrange constantemente, nos impele constantemente numa dada direção, que a sociedade quer obrigar-nos a seguir. Vossa educação deve ajudar-vos a compreender essa pressão, para que não cedais a ela, e possais rompê-la, tornando-vos um indivíduo, um ente humano capaz de iniciativa própria e não um mero seguidor do pensar tradicional. Esta é que é a verdadeira educação.

Para a maioria de nós, a educação consiste em ensinar **o que** pensar. Dizem-vos o que deveis pensar. Di-lo vossa sociedade, dizem-no os vossos pais, vossos vizinhos, vossos livros, vossos mestres. A máquina que nos ensina **o que** pensar é o que chamamos educação, e essa educação apenas torna os indivíduos mecânicos, embotados, estúpidos, estéreis. Mas se **souberdes como pensar**, e não **o que deveis** pensar, não sereis então entes mecanizados, escravos da tradição, mas sêres humanos cheios de vitalidade; podereis ser grandes revolucionários — não no estúpido sentido de matar gente, para se galgar um pôsto melhor ou impor uma determinada idéia, mas promovendo a revolução que ensina a pensar corretamente. Esta revolução é de suma importância. Entretanto, enquanto estamos na escola, nunca se faz nada nesse sentido. Os próprios mestres não sabem fazê-lo. Só nos ensinam a ler ou indicam **o que** devemos ler, corrigem-nos o inglês ou os nossos exercícios matemáticos. É só isso que os interessa; e ao cabo de cinco ou dez anos, somos jogados nesta vida de que não sabemos coisa alguma. Ninguém nos falou a respeito dela; ou, se isso se fêz, foi para impelir-nos em certas direções, fazer-nos socialistas, comunistas, congressistas, etc.; nunca se nos ensina ou ajuda a compreender e a resolver os problemas da vida, não num dado momento ou período de anos, mas durante todo o tempo — e esta é que é a verdadeira educação, não achais? Afinal, numa escola como esta, tal é a tarefa que nos incumbe, isto é, não só preparar-vos para passardes em alguns detestáveis exames, mas preparar-vos também para enfrentardes a vida, depois que sairdes daqui, tornando-vos entes humanos inteligentes, e não meros autômatos — hinduístas, muçulmanos, comunistas ou coisa que o valha.

É sumamente importante a maneira como sois educados, a maneira como pensais. A maioria dos mestres não pensa; querem emprêgo, e depois de o obterem se estabili-

zam — porque têm suas famílias, suas preocupações, porque seus pais e suas mães lhes ensinaram a observar tais e tais ritos, a fazer tais e tais coisas. Têm seus problemas e dificuldades pessoais; deixam em casa essas coisas, e vão para a escola dar umas poucas lições; não sabem pensar, nem nós sabemos pensar. Nesta nossa escola, é sumamente importante que vós, que os vossos mestres, que todos os que vivemos aqui, consideremos os problemas da vida, os investiguemos e compreendamos; dêsse modo, a vossa mente se tornará muito desperta, e não ficareis meramente a seguir alguém. Compreendeis o que estou dizendo? A educação não é tudo isso? A educação não vai só até à idade de vinte e um anos, mas dura até à morte. A vida é como um rio; nunca é estática, está sempre em movimento, cheia de atividade, e de riquezas. Quando pensamos ter compreendido uma parte de um rio e ficamos interessados só nessa parte, o que temos são águas estagnadas, não é verdade? Porque o rio vai passando, sempre. Observar o movimento do rio, observar tudo o que sucede no rio, compreendê-lo, tê-lo sempre diante dos olhos — eis o que é a vida; e todos temos de preparar-nos para ela.

A educação, por conseguinte, não é apenas uma questão de se passar nuns poucos exames, mas de se ser capaz de pensar nos problemas da vida; só assim a vossa mente não se tornará mecânica, tradicionalista; será uma mente criadora, e não vos sujeitareis apenas a ajustar-vos à sociedade, mas quebrareis todos os seus vínculos, para criardes coisas novas, fora dela — não as inovações dos socialistas, dos comunistas, dos congressistas, mas coisas completamente originais. Esta é que é a verdadeira revolução. É êste, afinal de contas, o verdadeiro sentido da educação — isto é, fazer-vos crescer em liberdade e tornar-vos capazes de criar um mundo novo. Os mais velhos não criaram um mundo belo; êles encheram o mundo de desordem e confusão. A função da educação, a função do educador,

não é a de velar por vós, para que cresçais em liberdade e sejais capazes de compreender a vida, capazes de transformar as coisas, em vez de vos tornardes indivíduos embotados, cansados, até à morte, como acontece com a maioria das pessoas?

Por conseguinte, eu sinto, como o sente a maioria das pessoas que pensam sèriamente nestas coisas, que aqui, em Rajghat, deveis encontrar uma atmosfera em que tenhais oportunidade para vos desenvolverdes, livres de influências, de condicionamentos, de doutrinações, para que, quando sairdes daqui, sejais capazes de enfrentar a vida inteligentemente, sem temores. Do contrário, nenhum valor terá êste estabelecimento; será uma coisa ruím, como qualquer outra escola — ou talvez um pouquinho melhor, porque aqui o ambiente é mais belo, as pessoas um pouco mais bondosas, não vos espancam — mas podeis ser coagidos de outras maneiras. É nosso dever criarmos uma escola onde o estudante não seja constrangido, fechado, esmagado pelas nossas idéias, pela nossa estupidez, pelos nossos temores; para que se desenvolva e se torne capaz de comprender os seus problemas e de enfrentar a vida inteligentemente. Sabeis o que isso reclama: não só um estudante inteligente, um estudante cheio de vitalidade, mas também um verdadeiro educador. Mas não há verdadeiros educadores, nem verdadeiros estudantes; êles estão ainda por nascer; e temos de esforçar-nos, de investigar, de trabalhar com energia, até que essa coisa se torne realidade. Sabeis que para se cultivar uma bela rosa, necessita-se muito desvêlo. Para escrevermos um poema, precisamos ter o sentimento, ter as palavras próprias para exprimí-lo. Tudo isso requer desvêlo, vigilância. Por conseguinte, não achais muito importante, esta nossa escola seja um estabelecimento de tal ordem? Se não o fôr, não será por culpa de ninguém mais, senão de vós mesmos e dos vossos mestres. Não digais: "os mestres não cuidam

disso". A culpa será dêles, se se não criar um tal estabelecimento. Ninguém mais irá criá-lo. Outros não o criarão; nós — vós e eu e os mestres — iremos criá-lo. Esta é a verdadeira revolução: têrmos em nós o sentimento de que esta é a escola que vós, e eu, e os mestres — todos juntos — estamos edificando.

É, por conseguinte, importantíssimo — não achais? — compreender o que significa educação — não "ideais de educação"; tais ideais não existem; são puro contra-senso. Temos de começar assim como somos, compreender as coisas como são, e, com essa compreensão, construir. Ninguém possui um jardim ideal ou uma escola ideal; tem-se de preparar o solo, tratá-lo tal como é, adubá-lo convenientemente, irrigá-lo, e criar então alguma coisa, do nada. Como nada existe ainda, tendes de criar, de construir juntos.

Não acreditais muito importante, para cada um de nós, saber pensar corretamente — não "o que pensar", não o que está dito nos livros, mas saber pensar. É sôbre isso que vamos discorrer nas próximas semanas, isto é, sôbre a capacidade de pensar — para que, no final, as nossas mentes estejam bem esclarecidas e possamos, com essa claridade, com êsse pensar, com essa capacidade, sair para o mundo, e enfrentar a vida.

Deixai-me perguntar-vos: que pretendeis fazer, depois de sairdes da escola e do colégio? Sabeis o que desejareis fazer? Não desejareis empregos? Vossa preocupação principal não será a de obter um emprêgo? Ficastes todos mudos. Hoje é o primeiro dia, e ainda estais um pouquinho acanhados. Daqui a uns poucos dias tudo estará bem. Não deixeis durar muito o vosso acanhamento, pois só estaremos aqui por umas poucas semanas.

PERGUNTA: *Que é inteligência?*

KRISHNAMURTI: Que julgais ser a "inteligência"? Não citeis o que vem no dicionário, ou o que foi dito pelo vosso mestre ou vosso livro. Deixai tudo isso de parte e pensai, tentai descobrir o que é inteligência. Não o que disse Buda, Sankara, Shakespeare, Tennyson, Spencer, ou outro qualquer — mas, que pensais vós que é inteligência? Estais vendo como no momento em que se vos pede que não sigais a costumada linha de pensamento, ficais como que atordoados? Por exemplo, um homem que lê Sankara, ou a filosofia comunista, ou outra autoridade qualquer, vos dirá prontamente o que é inteligência, citando as palavras de outro. Se se vos pede, porém, que não citeis, que não repitais o que outro pensa, que não tireis simplesmente do dicionário a definição de "inteligência" — logo ficais desorientados, não é verdade? Sabeis o que é "inteligência"?

Que pensais que é inteligência? Êste é um problema muito complexo, pois não? É muito difícil dizer em poucas palavras o que é inteligência. Investiguemos o que é inteligência. Quem tem mêdo da opinião pública, mêdo do mestre, mêdo do que "os outros" digam, mêdo de perder um emprêgo, de ser reprovado num exame, — não é inteligente; a mente que tem mêdo, não é inteligente. Que dizeis a isso? Está muito difícil? Se tenho mêdo de meus pais, mêdo de que me ralhem, que façam isso ou aquilo, sou inteligente? Eu me comporto, atúo e penso de acôrdo com êles, porque tenho mêdo de pensar livremente, de pensar independentemente, de pôr em ação o que penso. Por conseguinte, o mêdo me está impedindo de ser o que sou. Estou sempre copiando, sempre a seguir outras pessoas e a tentar fazer o que elas me mandam fazer — porque tenho mêdo. Assim, pois, a mente que tem a tendência

de imitar, de copiar, porque tem mêdo, não é inteligente, é? Que achais?

Não é função da educação ajudar os estudantes a compreender êsses temores, mostrar-vos como tendes mêdo dos vossos mestres, dos vossos pais, de maneira que não possais dizer: "como estou assustado, farei o que entender" — o que é igualmente estúpido? A educação deve ajudar-nos a compreender êsses temores e a viver livres dêles. Isso é dificílimo, pois requer muita penetração, muita compreensão e exame. Sabeis o que significa "degelar": quando faz muito frio, há congelamento, e quando o sol aparece, o gêlo começa a derreter-se. Nesta manhã todos nos sentimos congelados, pois não nos conhecemos mùtuamente. Vós vos sentis um tantito nervosos, porque tendes mêdo de fazer alguma pergunta de que possais envergonhar-vos, alguma pergunta que vossos mestres reprovem, ou por sentirdes receio de vossos próprios colegas. Tudo isso vos está impedindo de "descongelar-vos", de vos sentirdes naturais, espontâneos, à vontade, para perguntardes o que quiserdes. Não tenho dúvida de que dentro em vós fervilham perguntas, que não ousais fazer, porque vos sentis apreensivos nesta primeira manhã. Faço votos para que amanhã o sol haja derretido o gêlo e possamos fazer perguntas uns aos outros.

4 de janeiro de 1954.

II

ESTA manhã vou falar sôbre um tópico que parecerá um pouco difícil, mas tentaremos expô-lo pela maneira mais simples e direta possível. Sabeis quase todos nós temos alguma espécie de temor, não é verdade? Conheceis o temor que particularmente vos atinge? Podeis ter mêdo de vosso mestre, de vosso tutor, de vossos pais, das pessoas mais velhas, ou ter mêdo de uma cobra, de um búfalo, ou do que digam de vós, ou da morte, etc. Cada um tem o seu temor. Mas, no que respeita aos jovens, os temores são mais ou menos superficiais. Quando nos vamos tornando mais velhos, os temores se tornam mais complexos, mais difíceis, mais sutis. Conheceis as palavras "sutil", "complexo" e "difícil", não? Por exemplo, eu desejo preencher-me; não sou velho, e desejo preencher-me numa dada direção. Sabeis o que significa "preenchimento". Tôdas as palavras são difíceis, não é verdade? Quero tornar-me um grande escritor. Penso que se eu pudesse escrever, minha vida seria feliz. Por essa razão, desejo escrever. Mas, algo me acontece, fico paralítico, e passo o resto da vida atemorizado, frustrado, e sinto não ter vivido. Êste se torna, portanto, o meu temor. E assim, à medida em que envelhecemos, vão-se manifestando várias formas de temor, temores de ficarmos sòzinhos, sem um amigo, de nos vermos abandonados, de perdermos nossos bens, nossa posição — e várias outras modalidades de temor. Mas não consideraremos agora tôdas as complica-

das e sutis variedades de temor, pois elas exigem reflexão muito mais demorada.

É de grande importância que nós, vós, os jovens, e eu, consideremos esta questão do temor, porque a sociedade e as pessoas mais velhas pensam que o temor é uma coisa necessária para manter-vos o bom comportamento, o comportamento correto. Se temeis o vosso mestre ou os vossos pais, mais fácil lhes será controlar-vos, não achais? Êles podem então dizer: "fazei isto e não façais aquilo" — e tendes de obedecer-lhes direitinho. O temor é, portanto, um instrumento de pressão moral. Os mestres se servem do temor, numa classe numerosa, por exemplo, como meio de controlar os seus alunos. Não é assim? A sociedade diz que o temor é necessário, pois, do contrário, os cidadãos — o povo — se excederão e procederão como selvagens. Torna-se o temor, por consequência, uma necessidade para o contrôle do homem.

Sabeis que o temor é também usado como instrumento para civilizar o homem. As religiões, em tôdas as partes do mundo, têm utilizado o temor como meio de controlar o homem. Não é exato isso? Elas vos dizem que se não fizerdes tais e tais coisas, pagareis por elas na próxima vida. Embora tôdas as religiões preguem o amor, embora preguem a fraternidade, embora falem da unidade do homem, tôdas elas, sutilmente ou com tôda a brutalidade e rudeza, mantêm êsse sentimento de temor.

Se sois uma classe muito grande de alunos, como pode o mestre controlar-vos? Não pode fazê-lo. Tem de inventar meios e modos de controlar-vos. Diz êle, então: "emula com os outros, torna-te como aquêle menino que é muito mais adiantado do que tu". E ficais a lutar, a lutar, e sempre com mêdo. Vosso mêdo é utilizado geralmente como um meio de controlar-vos. Compreendeis? Não é importantíssimo que a educação desarraigue o temor, ajude os estudantes a se livrarem do temor, visto que o

temor corrompe a mente? Parece-me importantíssimo que, nesta nossa escola, o temor, sob tôdas as formas, seja compreendido, dissolvido, arrancado de cada um de vós. Porque, do contrário, se tiverdes qualquer espécie de temor, êle vos perverterá a mente e jamais sereis inteligente. O temor é como uma nuvem negra, e quando tendes um temor, isso é como andar na luz do sol com uma nuvem negra no espírito e por conseguinte sempre assustado.

A função da educação não é a de tornar-vos verdadeiramente educados, isto é, capazes de compreender o temor e de viverdes livres dêle? Suponhamos, por exemplo, que saiais sem nada dizerdes ao mestre ou ao vosso guardião e que, ao voltardes, comeceis a inventar histórias, dizendo que estivestes com tais e tais pessoas, quando de fato estivestes no cinema; isso, com efeito, significa que tendes mêdo. Se não tendes mêdo de vosso professor, pensais que podeis fazer o que entenderdes — e o professor pensa do mesmo modo. Mas a compreensão do temor implica muitas coisas — muito mais do que o fazer justamente o que se deseja fazer. Sabeis que há reações naturais do corpo, não sabeis? Ao verdes uma serpente, dais um salto. Isto não é temor, porque é uma reação natural do corpo. Diante do perigo, o corpo reage, salta. Ao verdes um precipício, não seguis cegamente para a frente. Isto não é mêdo. Ao perceberdes um perigo, um carro que se aproxima à tôda velocidade, saís ràpidamente do caminho. Isto não é indício de temor. São reações do corpo, que se protege do perigo. Tais reações não são de mêdo.

Manifesta-se o temor — não é verdade? — quando desejais fazer uma coisa e sois impedido de fazê-la. Esta é uma variedade de temor. Desejais ir ao cinema, passar o dia fora de Banaras, e vosso mestre diz "não". Há regulamentos e não gostais dêles. Desejais sair. Saís sob um pretexto qualquer, e voltais. O mestre descobre que estivestes fora, e temeis a punição. Manifesta-se o temor,

por conseguinte, quando tendes o sentimento de que ides ser punido. Mas se o mestre vos expõe amigàvelmente as razões por que não deveis ir à cidade, explicando-vos os perigos a que vos expondes — tomar alimentos malsãos, etc. — vós compreendeis. Ainda que êle não tenha tempo para explicar tudo, para considerar longamente a questão, e demonstrar-vos porque não deveis ir, vós compreendeis, porque também pensais, pois vossa inteligência foi despertada para compreender porque não deveis sair. O problema deixa então de existir, e não saís. Sempre que desejardes sair, conversai sôbre o assunto e procurai **compreender**.

O fazerdes o que vos apraz, para mostrar que estais livre do temor, não é inteligência. A coragem não é o oposto do mêdo. Sabe-se que nos campos de batalha os soldados são muito corajosos. São-no por várias razões: tomando bebidas ou fazendo coisas de tôda ordem, para se sentirem corajosos; mas isso não significa estar livre do temor. Não vamos investigar esta questão profundamente; deixemo-la aqui.

Não deve a educação ajudar os estudantes a ser livres do temor, de qualquer espécie que seja, o que significa: compreender de agora em diante os problemas da vida — problemas do sexo, problemas da morte, da opinião pública, da autoridade? Vou falar sôbre tôdas estas coisas, pois desejo que ao sairdes daqui, ainda que haja temores no mundo, ainda que tenhais ambições, desejos, estejais aptos a compreender o temor e a viver livres dêle, sabendo que o temor é uma coisa muito perigosa. Todo o mundo tem mêdo de uma coisa ou de outra. Em geral, as pessoas não querem errar, não querem desviar-se do caminho certo, principalmente os jovens. Pensam, portanto, que se puderem seguir alguém, obedecer a alguém, ser-lhes-á ensinado o que deverão fazer, e que, fazendo-o, alcançarão um fim, um objetivo.

Em maioria, somos muito conservadores. Sabeis o que significa esta palavra, sabeis o que significa "conservar"? — manter, guardar. Todos desejamos manter um nome respeitável e por conseguinte queremos fazer o que é correto, seguir a conduta correta; mas, se o penetrardes profundamente, vereis, isso é um sinal de temor. Por que não errar — por que? Entretanto, o homem que tem mêdo está sempre pensando: "tenho de fazer o que é correto, tenho de manter uma aparência respeitável, não devo permitir que o público pense aquilo que sou ou não sou". Êsse homem, com efeito, fundamental e bàsicamente, está com mêdo. Um homem ambicioso é realmente um homem atemorizado, e o homem atemorizado não tem amor nem compaixão. É como uma pessoa encerrada atrás de uma parede, dentro de uma casa. É muito importante que, enquanto somos jovens, compreendamos essa coisa, compreendamos o temor. É o temor que nos faz obedecer; mas se pudermos conversar a respeito da coisa que se nos mandam fazer, raciocinar juntos, discutir e pensar juntos, poderei então, talvez, compreender essa coisa e fazê-la. Mas o obrigar-me, o forçar-me a fazer uma coisa que não compreendo, porque estou receioso de vós, isso é uma educação errônea, não achais?

Parece-me, pois, importantíssimo que, num lugar como êste, tanto o educador como o educando compreendam êste problema. Atividade criadora — capacidade de criar — sabeis o que isso significa? Escrever um poema é, em parte, ação criadora; pintar um quadro, contemplar uma árvore, amar a árvore, o rio, os pássaros, a gente, a terra, o sentimento de que a terra é **nossa** — isso, em parte, é ação criadora. Êsse sentimento, porém, está destruído, quando sentis mêdo, quando dizeis: "isto é **meu,** — minha pátria, minha classe, meu partido, minha filosofia, minha religião". Quando tendes essa qualidade de sentimento, não sois criador; porque é o instinto do mêdo

que está ditando o sentimento de "meu, minha pátria". Afinal, a terra não é vossa nem minha; é **nossa**. E se formos capazes de pensar dêsse modo, criaremos um mundo todo diferente — não um mundo americano, um mundo russo, ou hindú, mas um mundo que será nosso, vosso e meu, do rico e do pobre. A dificuldade, porém, está em que, quando existe temor, nada podemos criar. Uma pessoa que tem mêdo nunca poderá achar a Verdade ou Deus. Atrás de tôdas as nossas devoções, tôdas as nossas imagens, todos os nossos rituais, está o temor, e, por conseguinte, os vossos deuses não são deuses, são pedras.

Muito importa, por conseguinte, que, enquanto somos jovens, compreendamos esta coisa; e só a compreenderemos quando soubermos que temos mêdo e formos capazes de encarar os nossos temores. Mas êsse problema exige muita penetração, e sendo um problema muito profundo, conversarei sôbre êle com vossos mestres. A função do educador é a de ajudar o educando a compreender o temor. É dever dos mestres ajudar-vos a compreender os vossos temores, em vez de reprimir essa compreensão, em vez de manter-vos debaixo do seu contrôle; de modo que, ao sairdes dêste estabelecimento, tenhais a mente muito clara, penetrante, e não corrompida pelo temor. Como ontem disse, os mais velhos não criaram um mundo belo. Êles estão cheios de escuridão, de temor, de corrupção, do espírito de competição; não criaram um mundo bom. Se, quando sairdes desta escola, quando sairdes de Rajghat, estiverdes realmente livres do temor, sob qualquer forma, ou compreenderdes a maneira de enfrentar o temor, em vós mesmos e nos outros, tereis a possibilidade de criar um mundo totalmente diverso, — não um mundo como o quer o comunista, o congressista, etc., mas um mundo de todo diferente. Esta é a verdadeira função da educação.

PERGUNTA: *Que é "sofrimento"?*

KRISHNAMURTI: Um menino de 10 anos pergunta o que é sofrimento. Tendes alguma noção do que seja o sofrimento? Não importa saber quem foi que fêz a pergunta. Mas um menino de dez anos perguntar o que é o sofrimento, é uma coisa triste, não achais? — uma coisa terrível. Por que deve esta criança saber o que é sofrimento? São as pessoas mais velhas, infelizmente, que conhecem o sofrimento. Sabeis o que significa o sofrimento? Quando vêdes passar um mendigo ou um milionário; quando assistis ao espetáculo da morte, à cremação de um corpo; quando vêdes uma ave morta, uma pessoa chorando; quando vêdes degradação, miséria, pessoas a disputarem e a baterem-se, verbal e fìsicamente, — tudo isso é sofrimento, não é? Quando morre vosso pai ou vossa mãe, ficais sòzinho, entregue ao sofrimento. Aqui, porém, nós crescemos junto com a morte. Compreendeis isto que estou dizendo: que crescemos junto com a morte? Nunca somos entes humanos felizes. Vêdes um corpo morto ser conduzido ao rio (para ser cremado no cáis) e estais em companhia de vossos pais; e vossos pais dizem: "não olheis, a morte é terrível". É assim que começais a viver! Ao verdes um mendigo — como menino, que sois, não podeis deixar de olhar para um mendigo — com suas roupas esfarrapadas, seu corpo doente, coberto de chagas, e sentis piedade por êsse ente humano, vosso pai ou pessoas mais velhas vos afastam do local, sem nada vos explicarem. É uma calamidade, uma verdadeira miséria social, estardes rodeados de tais pessoas. Os pais são responsáveis, porque não vos explicam estas coisas; querem proteger-vos, escondendo-as de vós. Não fazem de vós um revolucionário — o que não significa devais tornar-vos um insensato comunista; um revolucionário é uma pessoa muito

e muito diferente. Êles não vos explicam estas coisas. Têm mêdo, e desejam proteger-vos.

O sofrimento é uma coisa que precisa ser compreendida; as lágrimas têm de ser compreendidas. Não há compreensão quando se é feliz. Quando sorrides, sorrides, e êsse ato não requer explicação. Mas, tanto aqui como fora daqui, infelizmente, somos educados sem sabermos como pensar, como observar, estar vigilantes; e, dêsse modo, aumentamos o sofrimento e multiplicamos as nossas tribulações. Entretanto, se conhecemos essas coisas, se a educação que recebemos e os mestres que temos nos chamam a atenção para elas, discutem conosco, conversam conosco a respeito delas, talvez não venhamos a ser pais, ou mães, ou políticos, ou funcionários vulgares, rotineiros, estúpidos, mas entes humanos reais, verdadeiros revolucionários, dispostos a criar um mundo novo. Então, talvez possamos compreender, modificar ou abolir o sofrimento.

PERGUNTA: *Qual a definição de "um mundo bom"?*

KRISHNAMURTI: Como ontem disse, estas reuniões são dedicadas especialmente aos estudantes desejosos de investigar, descobrir. Os mais velhos, se lhes interessa ajudar os estudantes a compreender seus problemas, fariam bem em não fazer perguntas atinentes aos seus problemas pessoais. É bem provável que às crianças não interesse a definição de "um mundo bom".

Ora bem, que é essa mente que faz uma tal pergunta, essa mente que diz: "qual é a definição de um mundo bom?" — O enunciado é claro, e pode-se consultar um dicionário e achar uma definição. Acreditamos que depois de acharmos uma definição o problema está compreendido. Eis como somos educados: pensamos que quando temos uma definição, compreendemos. Definição não é com-

preensão; pelo contrário, é a maneira mais destrutiva de pensar. Por que desejais saber a definição de "um mundo bom?" Sendo incapaz de examinar o problema a fundo, recorreis a alguém — Sankara, Buda, eu, ou outro — dizendo: "fazei o favor de dar a definição de um mundo bom". Se examinardes cabalmente o problema, penetrando-o e compreendendo-o, é bem possível que então se faça luz no vosso espírito.

Que se entende por "mundo bom"? É realmente importantíssimo considerar bem isso. Tôda palavra tem um significado — não é verdade? — está em relação com alguma coisa. Tôda palavra tem uma significação extraordinária. Uma palavra, como "Deus", ou "Amor", ou "Sacrifício", ou uma palavra como "Índia" tem muita significação. Se credes em Deus, a palavra "Deus" tem para vós uma significação e provoca em vós uma reação nervosa ou psicológica. Se não credes em Deus, esta palavra é sem sentido para vós. Se fui educado no ateismo ou no comunismo, que não crê em Deus, minha reação é diferente. De modo idêntico, "um mundo bom" pode significar algo para vós, e para mim não ter significação alguma.

Que entendeis por "mundo bom"? Não temos um mundo bom. O fato é que o mundo está corrompido, porque há guerras, porque há divisão entre os povos e as pessoas — os que estão mais alto, os que estão mais baixo, a autoridade, o Primeiro Ministro e o pobre cozinheiro, o político importante e o homem faminto, o rei que tem tudo e o pobre coitado que nada tem. Êste mundo é um mundo corrompido. Deixamo-nos prender pelas palavras "bom" e "mundo". Temos de compreender o que a palavra "bom" implica, temos de criar um mundo que seja bom.

Não há nenhum bem em nos deixarmos levar pelas palavras. Ensina-se-vos, desde pequeninos, **o que pensar**, e nunca **a pensar**. Há uma ciência chamada semântica

— que em grêgo quer dizer: significação das palavras. É uma ciência que se está desenvolvendo agora, porque as palavras têm significação. As palavras produzem efeito em nós, mental bem como fìsicamente, e é importante compreendamos as palavras, sem nos deixarmos influenciar por elas. No momento em que se emprega a palavra "comunismo", um capitalista sente arrepios. Idênticamente, um homem que possui bens, tem pavor à palavra "revolução"; se lhe falardes em revolução, êle vos porá na rua. Se alguém diz aos que seguem um **guru**: "não sigais ninguém; é estupidez seguir", êles se encherão de mêdo e terão vontade de pô-lo para fora. Êsse constante temor à palavra é devido à falta de compreensão. A educação, afinal, é compreensão das palavras e compreensão da comunicação por meio de palavras. Estou-me afastando demais da vossa pergunta?

Não existe coisa tal, como seja "um mundo bom". Devemos tomar as coisas como são; jamais idealizar; não devemos ter ideais sôbre como o mundo deveria ser. Todos os ideais — a escola ideal, a nação ideal, o diretor ideal, o ideal da não-violência — são contra-sensos, ridicularias, ilusões. O que é real é o que é de fato. Se sou capaz de compreender a coisa real, tal como é — a pobreza, a degradação, a miséria, a ganância, a corrupção, os temores — estarei apto a ocupar-me devidamente com ela, e a quebrá-la. Mas se digo: "eu deveria ser **assim**", estou descambando para a ilusão. Êste país alimenta-se de ideais, há séculos — ideais que são pura ilusão. Sois nutridos com o ideal da não-violência, mas na realidade sois violentos. Por que não compreender a violência e deixar de falar de "não-violência"? Haveria uma verdadeira revolução se tivéssemos a compreensão do que é.

PERGUNTA: *Como libertar-nos do temor?*

KRISHNAMURTI: Desejais saber como um homem se liberta do temor? Sabeis de que é que tendes mêdo? Vinde devagar, junto comigo. O mêdo é uma coisa que está em relação com outra coisa qualquer. O mêdo não existe sòzinho. Existe em relação — com uma serpente, com alguma coisa que meu pai possa dizer, com um professor, com a morte; está sempre em conexão com alguma coisa. Compreendeis? O mêdo não é uma coisa que existe sòzinha; existe em contacto, em relação, em ligação com alguma outra coisa. Estais cônscio, percebeis claramente que o vosso mêdo está em relação com alguma outra coisa? Sabeis que tendes mêdo? Não temeis os vossos pais, não temeis os vossos mestres? Espero que assim não seja, mas é bem provável que os temais. Não tendes mêdo de ser reprovado nos exames? Não tendes mêdo, porque desejais que os outros pensem lisonjeiramente a vosso respeito e digam que sois "um grande homem"? Não tendes mêdo, não conheceis os vossos temores? Estou procurando mostrar-vos que tendes mêdo, e já perdestes o interêsse. Precisais, pois, em primeiro lugar, saber de que é que tendes mêdo. Vou explicá-lo muito lentamente. E, também, precisais saber, a mente precisa saber porque tem mêdo. O mêdo é algo que existe separado da mente, ou é a mente que cria o mêdo, por efeito de uma lembrança ou de uma projeção no futuro? O melhor que podeis fazer é importunar com perguntas os vossos mestres, até que êles vos expliquem tôdas essas coisas. Consumis uma hora inteira, todos os dias, estudando geografia ou matemática, mas não dedicais dois minutos, sequer, ao problema mais importante da vida. Não devíeis — junto com vosso mestre — aplicar muito mais tempo a esta questão — como ficar livre do mêdo? — e não apenas discorrer sôbre matemática ou ler livros didáticos? Fizestes a pergunta sôbre

como se fica livre do temor; vossa mente, porém, é incapaz de acompanhar o desenvolvimento desta questão. Os mais velhos talvez o possam. Trataremos dela com os vossos mestres.

Uma escola baseada no temor, de qualquer espécie que seja, é uma escola que não vale nada. Melhor fôra que não existisse. Requer-se muita inteligência da parte dos mestres e dos alunos, para se compreender êste problema. O mêdo corrompe, e para se ficar livre do mêdo é necessário que se compreenda como a mente cria o mêdo. Não existe uma coisa chamada "mêdo" — a não ser o mêdo criado pela mente. A mente quer proteção, a mente quer segurança, a mente tem variadas ambições de auto-proteção; e enquanto existir tudo isso, existirá o mêdo. Muito importa compreender a ambição, compreender a autoridade; uma e outra são indicações dêsse têrmo — o mêdo — que significa destruição.

PERGUNTA: *É exato, como dizeis, o mêdo corrompe a mente, em particular nas pessoas mais velhas. É igualmente exato que a mente corrupta, principalmente nos mais velhos, gera o mêdo. O problema parece ser o de como eliminar uma tal mentalidade?*

KRISHNAMURTI: Compreendestes a pergunta? Êste Senhor pergunta se não deveríamos "eliminar a mentalidade das pessoas mais velhas, que está corrompida pelo temor". Isso significa o que? Que devemos destruir os mais velhos, jogá-los em campos de concentração? A mente de qualquer pessoa, seja velha, seja nova, pode ser corrompida pelo temor, quer impôsto de fora, quer criado por ela própria. Não é questão de eliminar alguém — como se faz atualmente no mundo inteiro: se não concordo convosco, vós me liquidais, me internais num campo de concentração. Isso não irá resolver o problema. O

que resolverá o problema é a educação correta, que me habilitará a compreender o problema do temor, como o temor se origina, como êle procede do passado e como é criado no presente para ser projetado no futuro. Pensai nisso, Senhores, que é muito mais importante do que todos os vossos exames, todos os vossos livros didáticos, todos os vossos diplomas; B. A. ou M. A.(1) depois do nome, nada significa, absolutamente, embora vos facilite a obtenção de um emprêgo. O problema não é de como liquidar os mais velhos ou os jovens de mente corrompida. O de que agora se necessita é de uma revolução, a mente capaz de pensar em todos êstes problemas de maneira diversa e de criar um mundo novo.

5 de janeiro de 1954

---

(1) B. A. = Bacharel em Artes.
M. A. = Mestre d'Artes.

III

DEVEIS lembrar-vos de que ontem estivemos apreciando a questão do temor. Quase todos nós temos mêdo de uma coisa ou de outra; e se pudéssemos eliminar o mêdo, livrar-nos dêle, talvez criássemos um mundo completamente diferente. Parece-me importantíssimo compreender-se isso, principalmente enquanto somos jovens. Porque, quanto mais velhos ficamos, tanto mais difícil se torna livrar-nos do mêdo, uma vez que as circunstâncias são tão fortes, que a maioria das pessoas é incapaz de resistir ao embate do temor. Desejo deveras comunicar-vos, dizer-vos algo a êsse respeito, pois acho que a questão é muito importante, visto que o mêdo nos corrompe a mente, e quando há mêdo não há amor.

Neste mundo não existe amor. Falamos de amor, de fraternidade, de benevolência, sôbre a vida como um todo; mas isso são meras palavras, um amontoado de palavras sem significação, para mistificar, enganar. Em verdade, o amor não existe. Como pode haver amor, se estamos vendo tanta pobreza e sofrimento, alguns homens prepotentes e tantos desgraçados?

Acho que uma das causas da não existência do amor é o mêdo. Se tendes mêdo do vosso mestre, dos vossos pais, do que se diz de vós, etc., como podeis amar? Sem o amor, a vida não tem significação, porque se torna, então, uma coisa árida, monótona, cansativa; e não vemos as flôres, as árvores, os pássaros e o sol brilhando sôbre as águas; não vivemos realmente, não fruimos a vida. Por

"fruir a vida" não quero dizer "freqüentar os cinemas ou ter um bom emprêgo ou possuir um carro" — isso são coisas externas. A verdadeira alegria interior de viver, o sentimento de riqueza interior, quer sejais pobre, quer sejais rico, materialmente, o sentimento de que a terra é nossa e que devemos torná-la mais bela, estabelecer novas condições em nossas relações — isso é que é importante. Mas se existe temor, nada disso podeis ter. Só vêm essas coisas quando existe amor dentro do nosso ser. O amor não é coisa que se cultive, êle está no ato que se pratica. Podeis repetir, dia por dia: "devo amar, devo ser benevolente, devo ser delicado". Êle não vem daí; surge como a luz do sol no amanhecer, sem sabermos como; e só pode vir quando não existe temor. Escutai isso atentamente, agora, que sois jovens, pois se puderdes compreendê-lo, se puderdes sentí-lo, nada poderá destruir-vos. Podeis ser pobre, sem talentos, sem beleza; mas o que torna a vida rica, verdadeiramente rica, é êsse atributo do amor despido de todo temor.

Assim, pois, num educandário como êste, nosso primeiro cuidado, sem dúvida, não só dos mestres mas de todos nós e de todos os membros da Fundação, deve ser, assim me parece, o de eliminarmos as verdadeiras causas do temor. Enquanto aqui estiverdes, é necessário sejam explicadas a cada um de vós as causas do temor, e não apenas matemática, geografia ou história. Poderão os mestres, os Membros da Fundação continuar com seus temores; para vós, entretanto, é importantíssimo tôdas estas coisas vos sejam explicadas, porque então sereis capazes de criar um mundo novo, uma nova educação.

Parece-me que uma das causas do temor é a comparação. Sabeis o que é "comparação"? Comparar-vos com outra pessoa, comparar-vos com um aluno inteligente, comparar-vos com um aluno estúpido, comparar-vos com

Gandhiji (1), ou Buda, ou Cristo, ou outro — se sois comunista não será Buda ou Cristo, mas Stalin ou Lenine — comparar-vos com outra pessoa é o comêço do temor. Mostrar-vos-ei porque. Explicarei bem isso, para verdes quanto é importante não temer. Tôda a nossa sociedade está baseada na comparação. Pensamos que a comparação é necessária ao progresso. Comparo-me com outro político e digo "preciso excedê-lo, preciso tornar-me melhor do que êle". Quando um mestre vos compara com outro aluno, talvez um pouco mais inteligente, que acontece convosco? Já notastes o que vos acontece quando sois comparado? Diz o mestre: "sê inteligente como aquêle menino". Para tornar-vos tão inteligente, tão aplicado, tão estudioso como o outro menino ou a outra menina, êle vos dá gráus, notas; e dêsse modo sois mantido numa luta, numa competição constante; sentis inveja do outro aluno. A comparação, pois, gera a inveja, o ciúme — e o ciúme é o comêço do temor. Assim, quando sois comparado com outro, vós, como indivíduo, como menino ou menina, não sois importante: o que importa é o outro. Quando se vos compara com outro menino, quando vos comparais com alguém, êsse alguém fica sendo mais importante do que vós. Não é assim? Vós, como indivíduo, com vossas capacidades, vossas tendências, vossas dificuldades, vossos problemas, vosso ser, sois sem importância, mas um outro indivíduo é importante; e vós, por conseguinte, como ser, sois eliminado e pôsto a lutar para vos tornardes igual a um outro. Dessa luta nasce a inveja, o temor. Observai a vós mesmo, quando, numa classe, o mestre vos compara, vos dá notas diferentes, gráus diversos; sois destruido, vossas capacidades, vosso ser natural, se apagam. Falais sôbre a alma, a liberdade, etc., tudo isso, porém, não são senão palavras,

(1) **Mahatma Glandhi.**

porque, quando se vos compara com outro indivíduo, estais sendo destruido. Podeis ser lerdo ou estupido, mas sois tão importante quanto o outro menino ou a outra menina a quem o mestre ou o pai considera inteligente.

Não é necessário, pois, que numa escola, num centro educativo como êste, se elimine de todo a comparação, porque sois tão importante como outro qualquer? Vosso mestre também deverá dar muito mais atenção a cada indivíduo, não achais? O difícil é que os pais não sentem interêsse por essas coisas; êles querem que passeis nos exames, para obterdes emprêgo; nisso se cifra todo o seu interêsse. Assim sendo, que fazem êles? Em casa, comparam-vos com vosso irmão mais velho, com um sobrinho ou sobrinha, dizendo: "sê eficiente como êle". Isto não é amor. Quando há comparação, não há amor. Numa família de muitas crianças, a mãe que ama realmente os filhos, não faz comparações. Cada um é tão importante como os outros. Não é assim? A não ser que a mãe seja estúpida, insensível, sem inteligência, ela nunca pega um dos filhos, dizendo "êste aqui é meu predileto, e todos vós deveis ser iguais a êle". A verdadeira mãe, que abriga o amor no seu ser, não compara. O aleijado, o estúpido é tão importante como o inteligente. Do mesmo modo, aqui, não devemos ter um ideal e dizer que vamos trabalhar para alcançá-lo. Temos de eliminar completamente esta comparação geradora de competição.

O mestre deve estudar cada aluno e descobrir-lhe as capacidades, ver em que sentido está progredindo, em que sentido se está aplicando mais. Seria melhor, talvez, que se não usasse absolutamente a palavra "progresso". A dificuldade está em como levar, em como ajudar cada aluno ou aluna a ser estudioso e aprender. Atualmente aprende-se por meio da comparação, da competição, das notas; força-se o aluno, não é verdade? Se sois preguiçoso, na classe, que acontece? Sois apontado como um preguiçoso,

e outro aluno como aplicado. O mestre diz, porventura: "por que não sois igual a êle?". Dão-vos notas mais baixas do que ao outro aluno, e ficais a lutar e a lutar para aprender matemática; que acontece? Vosso cérebro, vosso ser está sendo torcido continuamente, visto que não estais interessado na matemática. Mas podeis sentir interêsse por outra coisa e através dela chegar a compreender a matemática.

Efetivamente, a eliminação do temor é sobremodo difícil; ela deve ser efetuada radicalmente, desde o comêço, desde a meninice, desde o Jardim da Infância, desde que sois pequenos até à época de deixardes êste Estabelecimento. Tal é a nossa tarefa, que não é um ideal. Ela deve ser executada todos os dias, verificando-se sempre os respectivos resultados, pois é bem evidente que neste mundo dito civilizado, a competição conduz à desumanidade. Compreendeis o que significa esta palavra? Significa: brutalidade, desconsideração pelos outros. Porque estais entregue à ambição, à competição, sois agressivo, quereis mais, cada vez mais; como vós, todos os outros têm direito a **mais**, e todos lutam. Nossa sociedade está edificada sôbre esta base, edificada sôbre a inveja, o ciúme, a ambição, em nome da pátria, em nome do povo, etc. etc. — mas o centro é cada indivíduo — vós. Esta competição leva por fim à guerra, à destruição de pessoas, a sofrimentos maiores. Vendo-se tudo isso acontecer no mundo inteiro, não é justo que uns poucos dentre nós, que sentimos verdadeiro interêsse por esta espécie de educação, nos apliquemos a elaborar um modo de ensinar, um modo de viver, de educar, em que não haja comparação, em que não haja a idéia de que outra pessoa seja mais importante do que cada um de vós? Cada um de vós é tão importante como qualquer outro, mas o mestre não descobriu ainda a maneira de despertar-vos o interêsse. Se puder o mestre

achar um modo de despertar o vosso interêsse, sereis então tão eficiente como outro qualquer.

Parece-me, pois, muito importante que compreendais, enquanto jovens, esta questão da comparação. Pensamos que aprendemos, à força de comparação, mas em verdade não aprendemos. O verdadeiro inventor, o indivíduo verdadeiramente criador jamais compara, nunca diz: "tenho de igualar Edison ou Rama; êle trabalha".

Se, quando estais escrevendo um poema, vos comparais com outro poeta, que acontece ao vosso poema? Não escreveis poema algum se começais a comparar-vos com Keats, com Shelley, ou outro grande poeta; desistis completamente de escrever. Escreveis, porque tendes algo para dizer. Podeis compor mal, o vosso escrito pode não ter o rítmo correto, vossas palavras podem não ser ricas de significação, fluentes, abundantes; mas tendes algo para dizer, e o que dizeis — por mais estúpido que seja — é tão importante como o que foi dito por Keats ou Shelley ou Shakespeare. Se comparais, não podeis escrever.

Já pintastes? Costumais pintar, de vez em quando? Ao pintardes uma árvore, esta árvore vos diz alguma coisa. A árvore vos transmite o seu significado — sua beleza, a quietude, o movimento, as sombras, as tonalidades de luz, a forma, o agitar de uma fôlha. Ela vos diz algo que pintais; não copiais meramente uma fôlha, mas expressais o sentimento que tendes diante da árvore. Se quando o expressais, porém, comparais a vossa mente — se a conheceis — com a de um dos grandes pintores, desistis de pintar, não é verdade? — Vejo que nunca fizestes nada disso. É pena! O que estais perdendo da vida! Provàvelmente sois muito bom nas matemáticas ou ciências — coisas também necessárias. Se perdeis tudo o mais, nem as matemáticas nem a aprovação nuns poucos exames, têm significado algum; vos tornais entes humanos tão prosaicos!

O importante é que se compreenda o que é o mêdo

e que se elimine o mêdo. Uma das causas do mêdo é a inveja, e inveja é competição. Uma sociedade baseada na comparação, na inveja, está fadada a criar misérias para si própria e para outras. Deveis saber que uma pessoa que se sente verdadeiramente contentada não é a que alcançou um certo resultado, mas aquela que compreende as coisas como são, e passa além. Mas se desejais compreender as coisas como são e vossa mente está sempre a comparar, a julgar, a pesar, isso nada adianta. Essa mente nunca compreenderá as coisas. Expressando-o com tôda a simplicidade: se sois comparado com outra pessoa, não sois importante, sois? Nessa comparação não há amor. Nossa sociedade, nossas escolas, nossa educação, nossa gente importante — são sem amor. E, assim, a nossa sociedade, a nossa civilização está caindo aos pedaços; tudo está a deteriorar-se. Eis porque é importante que num estabelecimento como êste, que aqui, em Rajghat, se realize essa coisa; que os mestres, que os membros da Fundação e os estudantes criem essa coisa.

PERGUNTA: *Que são "boas maneiras"?*

KRISHNAMURTI: Escutastes o que estive dizendo antes da vossa pergunta, ou estáveis tão interessado na vossa própria pergunta, que não ouvistes o que estive falando? Bem, vamos falar sôbre "boas maneiras".

Desejais saber o que são "boas maneiras". As boas maneiras nascem do respeito. Se vos respeito, sou amável, delicado. Respeito e boas maneiras são companheiros, não é verdade? — sendo maneiras conduta, sendo conduta comportamento, sendo comportamento ação. Isto é, quando sou respeitoso, se chega um rapaz ou uma moça ou uma pessoa idosa, levanto-me — não porque tal pessoa seja um velho, ou um poderoso, ou alguém de quem posso ganhar alguma coisa, mas porque tenho o sentimento de

respeito às pessoas, sejam ricos, sejam pobres. Maneiras é conduta, comportamento; e é necessário, não achais? — é necessário têrmos boas maneiras, sermos corteses, não artificialmente — que significa "superficialmente" — mas sentirmos benevolência para com os outros. Com êsse sentimento de benevolência para com os outros, vos tornais respeitosos, tendes boas maneiras, falais serenamente, mostrais consideração pelos outros. Êsse sentimento é necessário, não achais? — porque, quando um grande número de pessoas vivem juntas, se todos fôssem desatenciosos, teríamos uma sociedade caótica. As boas maneiras, pois, quando produto, quando manifestação natural de profundo respeito, compreensão e amor, têm uma significação; elas são uma das coisas belas da terra.

Infelizmente, só aprendemos maneiras superficiais. Observai a maneira como tratais o servente e a maneira como tratais o Diretor. Para um sois descomunalmente respeitosos; diante de alguém que, pensais, tem alguma coisa para dar-vos, quase caís de joelhos; mas para com o cule ou o desgraçado mendigo sois indiferente, nenhuma atenção lhes dais. Mas existe a verdadeira consideração, quando tendes respeito tanto ao pobre como ao rico; quando sois rico interiormente; quando sentis afeição, benevolência para com outrem, não importa que seja um poderoso ou um cule.

Já aspirastes o perfume de uma flor? A flor pouco importa se o passante é rico ou pobre. Ela tem perfume, tem beleza, e a dá, sem levar em conta se sois um menino, um poderoso, ou um cozinheiro. Ela é uma flor, simplesmente. A beleza que aí se revela, está na flor, no perfume.

Se temos aquela compreensão que emana da beleza interior, do respeito interior, do amor interior, da sensibilidade interior, daí, por certo, sem necessidade de nenhuma compulsão, nascerão aquelas maneiras que são belas, boas, cheias de alegria. Do contrário, se somos só superficial-

mente corteses, isso é como andarmos com um casaco vistoso — muito bonito por fora, porém vazio.

PERGUNTA: *Que é o verdadeiro amor?*

KRISHNAMURTI: Outra vez a mesma história! Queremos uma definição, queremos palavras. Como se pode amar, se há temor? Vêde como nos satisfazemos fàcilmente com palavras! Se eu vos digo o que é o verdadeiro amor, isso não tem nenhuma significação para vós. Muito mais importante é procurarmos saber se amamos, e não "o que é o verdadeiro amor" — não achais? Amamos uma flor, um cão, nosso marido, nossa espôsa, nosso filho? Amamos a terra? Não o sabemos e queremos falar sôbre o verdadeiro amor. Êsse amor de que falamos, em tais condições, é um amor falsificado, uma coisa irreal, uma ilusão.

Como posso amar, se em mim existe o temor? Uma das coisas mais difíceis de nos livrarmos é o temor. Nunca é fácil isso. Se não compreendemos todo o "processo" do temor, tôdas as coisas que o temor implica — não só os temores conscientes, mas também os temores mais sutis, os temores existentes nas profundezas, ocultos nas profundezas — se não compreendemos todo êsse "processo", nada adianta perguntarmos o que é o verdadeiro amor. Nesse caso, podemos consultar um dicionário, e ver o que significa "verdadeiro" e o que significa "amor". O problema resulta de que sempre fomos instruídos sôbre "o que pensar", mas não sabemos pensar; e a maior dificuldade é a de nos livrarmos de "o que pensar", para entrarmos na corrente do "saber pensar". Para nos libertarmos de "o que pensar" devemos saber, estar cônscios, reconhecer claramente que todo o nosso sistema educativo, tôda a nossa formação cultural se cifra em "o que pensar". Lemos o Bhagavad-Gita, Shakespeare, Buda ou outro instrutor, outro líder revolucionário, e ficamos sabendo "o que

pensar". Êles nos dizem exatamente "o que pensar", e ficamos a pensar de acôrdo com tal padrão. Isso não é pensar, absolutamente; é repetir, como uma máquina, como um gramofone que toca o mesmo disco só e só. Reconhecer isso e pôr têrmo a isso, é o comêço do "saber pensar".

PERGUNTA: *É correto copiar uma coisa?*

KRISHNAMURTI: Vamos andando passo a passo. Quando uso a língua inglêsa, estou "copiando" o inglês, não estou? Quando falais hindustani, estais copiando as palavras, aprendendo as palavras, repetindo as palavras do hindustani e, por conseguinte, praticando uma espécie de imitação. Quando visto esta **kurta** ou um pijama isto é uma forma de copiar. Quando escrevo, quando repito uma canção, quando leio, quando estudo matemática, isso é uma certa imitação. Num certo nível, pois, tem de haver cópia, imitação. Noutro nível da vida, o nosso viver não é só imitação. Há aqui problemas e questões de tôda ordem. Examinemo-los com vagar.

Copiamos a tradição; seguir a tradição é copiá-la. Quando executais o **puja**, quando pondes vestes sagradas, quando fazeis isto ou aquilo, isso também é imitação. Quando praticais **puja** ou coisa parecida, perguntais a vós mesmo: "por que estou fazendo isto?" Nunca pondes a coisa em dúvida. Vós a aceitais meramente, porque vossos pais a praticam, vossa sociedade a pratica; e dessa maneira vos tornais simplesmente uma máquina de imitação. Jamais perguntais: "por que devo praticar **puja**; qual a significação que isso tem? Tem alguma significação?". Se alguma significação tem, cabe-vos descobrí-la, pois não necessitais que outra pessoa vos diga isso tem tal e tal significação. Tendes de descobrir essa significação, e para a descobrirdes não deveis ter preconceito, não deveis ser

contra o **puja** nem a favor dêle. Isso requer muita inteligência, requer destemor.

A maioria das pessoas de mais idade seguem tal ou tal **guru** — uma certa qualidade de **guru** que se encontra ao dobrar da esquina. Deveis seguir um **guru**, só porque os mais velhos o fazem? Deveis averiguar por que razão êles o seguem. Seguem-no porque têm mêdo, porque desejam alcançar com segurança o reino dos céus. Nem êles nem vós, sabeis se existe céu. O céu dêles é tal como êles o imaginam ser. Necessitais, por conseguinte, de uma forte dose de ceticismo — não de incerteza — para descobrirdes a significação das coisas e não vos deixardes sufocar pelos mais velhos e por suas idéias sôbre o que é verdadeiro, o que é ideal, o que é certo ou errado.

Tem de haver inevitàvelmente uma certa parcela de imitação — como no cantar qualquer canção, no estudar matemáticas, etc. Quando, porém, a imitação se estende ao sentimento psicológico, ela se torna destrutiva. Sabeis o que significa esta palavra — "psicológico"? Significa o "eu", o "ego", os sentimentos mais sutis, a natureza interior. Quando começa a haver imitação aí, não há mais capacidade criadora. Êste é um problema muito complexo, desde que o imitar implica numa ação de conformidade com um modêlo. O imitar, o copiar significa a aceitação da ação ditada pela memória. A experiência é forçosamente imitação, pois tôda experiência é ditada pelo passado, e o passado é imitação.

A dificuldade está em perceber se a imitação é inevitável, e em ser livre interiormente de tôda imitação. Isso requer muita atividade do pensamento, ou seja a meditação real. Se a mente puder libertar-se de tôdas as imagens e pensamentos "projetados", que são imitativos, só então haverá a possibilidade de existir aquela realidade, a Verdade, ou Deus. A mente que imita nunca achará o que é real.

PERGUNTA: *Como se pode evitar a preguiça?*

KRISHNAMURTI: Vamos descobrir juntos como se evita a preguiça. Porque esta é vossa pergunta, e eu não vou simplesmente responder a ela. Vós e eu vamos investigar juntos.

Podeis ser preguiçoso devido à alimentação inadequada, podeis ser preguiçoso porque herdastes dos vossos pais uma disposição letárgica, ou porque vosso fígado não está funcionando bem, ou por insuficiência de cálcio no organismo — quer dizer, falta de leite. A preguiça é também uma fuga às coisas de que tendes mêdo. Tornais-vos preguiçosos, porque não desejais ir para a escola, por não desejardes estudar, porque não sentis interêsse pelo estudo. Mas não sentis preguiça para jogar futebol nem para brigar com alguém. A preguiça, portanto, pode ser devida à falta de alimentação adequada, a uma tendência hereditária, ou a uma fuga. Compreendeis o que quero dizer com "fuga"? Desejais fugir daquilo que não tendes vontade de fazer; por conseguinte, vos tornais preguiçosos. Não tendes vontade de estudar, porque não estais interessado em estudos, porque estudar é "uma maçada"... e o mestre também não é muito bom, sendo igualmente "maçante". E, assim, dizeis: "Está certo" — e vos tornais preguiçoso.

Assim, pois, o mestre e vós tendes de descobrir se estais recebendo alimentação conveniente; talvez com alimentação adequada vos torneis aplicado. Vosso mestre tem o dever de descobrir se sentis verdadeiro interêsse pela matemática, pela geografia ou pela arquitetura. Se o fizer, então vos tornareis mais aplicado. Tudo isso tem de ser averiguado. Nunca deve o mestre dizer: "sois um menino muito preguiçoso, sereis punido, tereis notas baixas".

PERGUNTA: *Se não fôsse o mêdo, nenhum respeito teríamos aos nossos pais. Como dizeis que o mêdo é destrutivo?*

KRISHNAMURTI: Respeitais os vossos pais por amor ou por mêdo? O que eu digo é: "como se pode ter respeito, se há mêdo?". Êsse respeito não é respeito nenhum; é uma apreensão, um temor. Se tendes amor, porém, sentireis respeito, seja por vosso pai ou patrão, seja pelo pobre cule. Isto não é simples? O respeito nascido do temor é destrutivo, é falso, é sem significação.

PERGUNTA: *Por que experimentamos um sentimento de temor, quando não somos bem sucedidos?*

KRISHNAMURTI: Porque desejais ser bem sucedido? Quando fazeis alguma coisa, ela, em si, é bela, suficiente. Por que desejais o sentimento de ter sido bem sucedido? Neste caso, sentis orgulho; e então dizeis "não devo ter orgulho". Procurais então cultivar a humildade, e tudo isso, afinal, é absurdo. Mas se dizeis: "estou fazendo isso porque gosto de fazê-lo", então não há problema algum.

PERGUNTA: *Quais as qualificações de um estudante ideal?*

KRISHNAMURTI: Espero que não exista nenhum estudante ideal. Vêde o que perguntastes! Desejais um estudante ideal; pintais a sua imagem, sua maneira de comportar-se, sua conduta, e desejais imitá-lo. Não dizeis: "aqui estou; quero esclarecer-me a respeito de mim mesmo. Quero descobrir como viver, sem ser em conformidade com uma imagem." É bem de ver que, no momento em que tendes um ideal, vos tornais falsificado; dizeis: "como fui educado errôneamente!" O ideal se torna uma coisa muito mais importante do que aquilo que sois realmente.

O importante é aquilo que sois e não o que o ideal é — o estudante ideal ou suas qualificações. Vós é que sois importante, e não um ideal qualquer. Compreendendo a vós mesmo, descobrireis como são falsos os ideais. Os ideais são invenções da mente, a fugir daquilo que a coisa é na realidade. O importante não é um ideal, mas a compreensão do que é. Vemos um mendigo: que utilidade tem lhe falarmos acêrca de um ideal? Tendes de compreendê-lo, de ajudá-lo diretamente. Os ideais relativos a uma sociedade perfeita são todos fictícios, irreais. Falar sôbre tais ideais é divertimento dos mais velhos. O que é é a Realidade, e tem de ser enfrentado e compreendido.

6 de janeiro de 1954.

I V

NÃO nos parece muito importante que, enquanto estais na escola, nunca sintais ansiedade, incerteza, mas tenhais em grande dose o sentimento de estar em segurança? Sabeis o que significa sentir-se em segurança? Há diferentes qualidades de segurança, do sentimento de que se está bem protegido. Enquanto sois jovens, tendes a segurança do amparo dos mais velhos, o sentimento de que alguém vela por vós, dando-vos alimentação conveniente, roupa adequada, ambiente adequado. Tendes o sentimento de que cuidam de vós, olham por vós — sendo isso uma coisa essencial, absolutamente necessária, enquanto sois jovens. Depois de ficardes mais velhos e sairdes da escola para o Colégio e daí para a vida, aquela segurança, aquêle sentimento de estardes fìsicamente garantidos, bem protegidos, se transfere para outra esfera. Quereis sentir-vos em segurança interiormente, espiritualmente, psicològicamente; desejais alguém para vos ajudar, guiar, cuidar de vós, alguém que chamais **guru** ou guia; ou tendes alguma crença ou ideal — pois necessitais sempre de alguma coisa em que possais amparar-vos. O problema relativo à busca de segurança é muito complexo e não vamos tratar dêle agora. Penso que, enquanto estais na escola, necessitais de estabilidade física, emocional e mental, do sentimento mental e físico de que estão velando por vós, cuidando de vós, provendo para o vosso futuro, de modo que, enquanto estais muito novos, enquanto estais na escola, nunca sintais ansiedade, nunca sintais temor. É essencial isso, uma vez que é uma coisa muito má, muito nociva para o espírito a ansiedade, o temor, a apreensão, a incerteza sôbre

o que irá acontecer; de um tal estado mental jamais poderá surgir a inteligência. Só quando há o sentimento de que tendes mestres que são capazes de velar por vós, de cuidar de vós fìsicamente, mentalmente e emocionalmente; que vos estão ajudando a descobrir a vossa vocação; que não vos estão impondo à fôrça as suas opiniões, suas maneiras de vida e de conduta — só então vos sentireis capazes de desenvolvimento, aptos para a vida. Esta possibilidade só existe quando tendes na escola ambiente adequado e mestres competentes.

Uma das coisas que impedem o sentimento de segurança é a comparação. Quando se vos compara com alguém, nos vossos estudos, ou nos vossos jogos, ou na vossa aparência física, experimentais um sentimento de ansiedade, um sentimento de temor, um sentimento de incerteza. Por conseguinte, como ontem estivemos conversando com alguns dos vossos mestres, é importantíssimo que nesta nossa escola de Rajghat seja eliminado êste critério de comparação, êste critério de dar notas e graus, bem como o mêdo dos exames.

Tendes mêdo dos exames, não tendes? Isso significa o que? Vêdes-vos constantemente diante desta ameaça de fracassardes, do receio de não estardes progredindo como devíeis, de tal sorte que, durante todos os anos que passais na escola, paira sôbre vós essa nuvem negra dos exames. Estivemos a discutir ontem com alguns dos mestres sôbre a possibilidade de abolir por completo os exames, cuidando-se, antes, de observar-vos constantemente, dia por dia, mês por mês; atendendo-se a que aprendais naturalmente, alegremente, com facilidade; procurando-se descobrir o que é que vos interessa, e alimentando-se êsse interêsse — de modo que, quando sairdes desta escola, estejais dotados de um alto grau de inteligência, e não apenas da capacidade de fazer exames. É bem de ver que, se estudardes ou fordes estimulado a estudar com interêsse, com

gôsto, e nesse caso não há temor — durante todo o tempo e não apenas nos últimos dois ou três mêses, em que tendes de estudar com afã para os exames — é bem de ver que, se se cuidar de cada um de vós com atenção e desvêlo, durante todo o tempo, então, quando chegarem os exames, passareis fàcilmente.

Estuda-se melhor quando há liberdade, quando há interêsse, quando há felicidade. Sabeis muito bem, quando praticais esportes ou arte dramática, quando saís para dar passeios, contemplar o rio — que daí advém um estado de felicidade geral, de boa saúde, e que então se aprende com muito mais facilidade. Todavia, quando há o temor criado pela comparação, pelas notas, pelos exames, não se estuda nem se aprende tão bem. Entretanto, infelizmente, a maioria dos mestres transige com esta antiquada teoria. Proporcionando-se ao estudante a atmosfera adequada, de recreação, de destemor, em que nunca seja forçado a fazer alguma coisa, para que êle se sinta feliz e possa fruir a vida — numa tal atmosfera êle estudará com muito mais gôsto. Mas a dificuldade está em que nem os mestres nem os estudantes têm êsse ponto de vista. Ao mestre só interessa que os alunos sejam aprovados nos exames e passem para a classe subseqüente; e os pais apenas desejam vê-los numa classe mais adiantada. Nem uns nem outros estão interessados em que saiais da escola como um ente humano inteligente e sem temor.

Mestres e pais afeiçoaram-se à idéia de que é preciso "empurrar" os estudantes, para fazê-los passar nos exames, porque receiam que, sem forçá-los, por meio da competição, das notas, êles não estudarão. Para êles é uma novidade o criar e educar meninos e meninas sem comparação, sem compulsão, sem ameaças, sem se lhes instilar temor.

Que pensais vós, estudantes, aconteceria se não tivésseis exames nem notas? Se não fôsseis comparados uns

com os outros, que seria dos vossos estudos? Achais que estudaríeis menos?

UMA VOZ: *sem dúvida nenhuma.*

KRISHNAMURTI: Não penso desta maneira. É surpreendente ver que, embora sejais tão jovem, já tenhais aceito a velha teoria! Isto é uma tragédia. Aí está! — sois tão jovens e já pensais que a compulsão é necessária para fazer-vos estudar. Se se vos desse porém, a atmosfera adequada, se se vos estimulasse e se cuidasse de cada um de vós, não há dúvida de que haveríeis de estudar bem — independentemente da questão dos exames.

Tôdas estas coisas já têm sido experimentadas noutros países. Aqui não lhes temos dado nenhuma atenção e, por isso, vós, como estudante, dizeis: "tenho de deixar-me impelir, forçar, comparar, porque do contrário não estudarei". Isso denota que já adotastes o padrão dos velhos. Sabeis o que significa a palavra "padrão"? Significa a idéia, a tradição das pessoas mais velhas. Não tendes refletido maduramente a êste respeito. Vêde bem! — Enquanto estais jovens, esta é a ocasião oportuna para a revolução, para se pensar de maneira completa em todos êstes problemas, em vez de se aceitar simplesmente o que dizem os mais velhos. Mas os velhos insistem em que acompanheis a tradição, pois não desejam vos torneis um fator de perturbação; e vós vos submeteis.

O obstáculo que encontraremos resultará, por conseguinte, de que tanto os mestres como vós estais convencidos da necessidade de alguma espécie de compulsão, de apreciação, de coerção, comparação, notas, exames. Vai ser muito difícil abolir estas coisas, achar meios e modos de, prescindindo de tôdas elas, estudar-se com naturalidade, facilidade, prazer. Achais isso impossível. Entretanto, isso jamais foi tentado. Êsse modo de proceder — por

meio de exames, apreciação, comparação, compulsão — não tem produzido entes humanos verdadeiramente grandes, entes humanos criadores. As personalidades já produzidas são personalidades sem iniciativa; tornam-se simplesmente funcionários autômatos, ou patrões ou guarda-livros, com uma mentalidade muito tacanha, muito pobre, muito estúpida. Percebeis? Não dais a devida atenção a estas coisas, porque as julgais impossíveis. Mas temos de experimentá-las. Do contrário, ficaremos vivendo numa atmosfera de mêdo, de ameaça; e ninguém pode viver feliz numa tal atmosfera. É muito difícil, se estou habituado a essa maneira de pensar, de viver, de estudar, mudar completamente de critério, e afastar o velho padrão para descobrir uma maneira nova de estudar e fruir a vida. Isso só se tornará possível, se todos nos pusermos de acôrdo — todos os estudantes e todos os mestres — em que o mêdo seja banido completamente, e que é essencial, enquanto sois jovens, um sentimento de segurança emocional, mental e física. Essa segurança não existirá enquanto existirem tôdas essas ameaças. A dificuldade é que nem todos nos interessamos por muitos dos mais importantes problemas da vida. Aos mestres só interessa que passeis nos exames, e fazer-vos estudar para êsse fim. Mas não se interessam pelo vosso ser integral. Entendeis o que quero dizer? A maneira como pensais, as tendências das vossas emoções, vossa visão das coisas, as tradições, vossa personalidade como um todo — tanto a parte consciente como a parte inconsciente — ninguém se interessa por nada disso.

Ora, sem dúvida, a função da educação é interessar-se pela totalidade do vosso ser. Não sois simplesmente um estudante, que cumpre impelir para passar em certos exames. Tendes vossas inclinações próprias e vossos temores; dái atenção às vossas emoções, ao que desejais fazer, à vossa vida sexual. Aqui, na escola, aos mestres interessa tão-sòmente que estudeis, mesmo que uma dada

matéria não vos interesse muito, para passardes adiante — e acham que, com isso, estais recebendo educação. Ser educado implica, não é verdade? — implica compreender o todo, o processo total, a totalidade do vosso ser. Para se compreender essa totalidade, é necessário que haja, tanto da vossa parte como da parte dos mestres, um sentimento de confiança, de afeição, um sentimento de segurança e não de temor. Vêde bem! — isso não é uma coisa impossível, utópica, nem um mero ideal. Não é impossível. Se juntarmos tôdas as nossas cabeças, poderemos levá-la a efeito. E ela tem de ser levada a efeito, nesta escola, para que ela, a escola, não redunde num fracasso, como qualquer outra. Cumpre-vos, pois, compreender que realmente se pode estudar muito melhor, muito mais fàcilmente, numa atmosfera em que não haja temor, em que não sejais compelidos, forçados, comparados, empurrados, como no antigo sistema. A tal respeito porém, devemos estar perfeitamente certos. E é disso que tratamos aqui, tôdas as tardes, junto com os vossos mestres. Estamos apreciando êste problema, com o propósito de possibilitar que, ao sairdes desta escola, não sejais uma simples máquina, mas um ente humano ativo com todo o vosso ser, inteligente com todo o vosso ser, e portanto capaz de enfrentar adequadamente todos os problemas da vida, e não meramente reagir a êles de acôrdo com uma dada tradição.

PERGUNTA: *Por que temos aversão aos pobres?*

KRISHNAMURTI: Tendes aversão aos pobres, sentis aversão pela pobre mulher que leva um pesado cêsto à cabeça, percorrendo todo o caminho que vai de Saraimohana a Banaras? Tendes-lhe aversão, por andar esfarrapada e suja? Ou vos sentis cônscio de um sentimento de vergonha, porque andais bem vestido, limpo, bem nutrido, enquanto um outro anda semi-nú e tem de trabalhar da

manhã à noite, entra ano, sai ano? Que é que sentis? Um sentimento de comoção interior, por terdes tudo e aquela mulher, nada; ou um sentimento de aversão? Talvez estejamos usando imprópriamente a palavra "aversão". Pode ser que, realmente, sintais vergonha de vós mesmo, e daí, porque vos sentis envergonhado, o sentimento de repulsa, aversão.

PERGUNTA: *Há diferença entre capacidade e inteligência"?*

KRISHNAMURTI: Não achais que há uma grande diferença? Podeis ter muita capacidade, na vossa matéria, para passar num exame, para sustentar uma arguição, para argumentar com um colega. Mas podeis ter mêdo — mêdo do que diga o vosso pai, do que diga o vizinho, vosso irmão, ou outro qualquer. Podeis ter muita capacidade e talento e no entanto estar com mêdo; e, se tendes mêdo, não tendes inteligência. Vossa capacidade não é realmente inteligência. Quase todos nós, que cursamos as escolas, vamos ficando cada vez mais traquejados e astuciosos, com o passar dos anos, pois é para isso que estamos sendo preparados — para vencermos um concorrente, nos negócios ou no câmbio negro, para sermos tão ambiciosos que o nosso alvo seja sempre o de passar à frente dos outros, afastá-los do nosso caminho. A inteligência, porém, é coisa inteiramente diversa. É um estado em que todo o vosso ser, a totalidade da vossa mente e das vossas emoções, estão integrados num só todo. Êsse ente humano integrado é um ente humano inteligente, e não uma pessoa "talentosa".

PERGUNTA: *O amor depende da beleza e da atração?*

KRISHNAMURTI: Talvez. É muito fácil fazer uma pergunta, mas é muito difícil refletir sôbre os problemas que

a pergunta envolve. Aquêle menino perguntou "a capacidade é diferente da inteligência?" — Ora, refletir realmente sôbre esta questão, sem esperar uma resposta da minha parte, refletir sôbre ela, passo por passo, descobrindo tudo o que a questão envolve, penetrá-la completamente — isso é muito mais importante do que esperar a minha resposta. Tal pergunta indica, não é verdade? — que só estamos acostumados a que nos digam "o que pensar", "o que fazer", e não a que se nos ensine a pensar ou fazer alguma coisa. Nunca pensamos de maneira completa nestes problemas; não sabemos pensar.

Enquanto somos jovens, é importante sabermos pensar, e não apenas repetir o que lemos no livro de alguma sumidade; temos de descobrir por nós mesmos a verdade, a significação de tôdas as coisas que estão implicadas em qualquer problema. Eis a razão por que é importantíssimo que, enquanto estivermos nesta escola, tôdas estas coisas, todos êstes problemas sejam considerados, discutidos, para que nossa mente não permaneça tacanha, insignificante, trivial.

PERGUNTA: *Como afastar o sentimento de ansiedade?*

KRISHNAMURTI: Se não tivésseis de fazer exames, teríeis ansiedade a respeito dêles? Refleti sôbre isso, com tôda a calma, e vereis. Suponhamos que estamos dando um passeio e conversando a respeito dêste problema. Há em vós algum sentimento de ansiedade, porque daqui a poucos mêses tereis de submeter-vos a exames? Sentis ansiedade, porque, terminados os exames, tereis de lutar pela obtenção de um emprêgo? Sentis essa ansiedade? Vós a sentis, porque tendes de obter emprêgo. Numa sociedade em que existe a mais acerba competição, em que todos estão à procura de alguma coisa e lutando por alguma coisa, vós, como estudante, sois educado desde pequeno

numa atmosfera de ansiedade, não é exato? Tendes de passar da 1.ª classe para a 2.ª, da 2.ª para a 3.ª, e assim por diante. E vos tornais, assim, uma parte da estrutura social, não é verdade? Não é isso, porém, o que vamos fazer nesta escola. Vamos criar uma atmosfera em que não tereis ansiedade, em que não tereis exames, em que não sereis comparados uns com os outros. Havemos de criá-la, mesmo com o risco de abrir falência. Sois importante como ente humano, e nenhum outro é mais importante do que vós. Criada uma tal atmosfera, não serão então inevitáveis os exames, e vós estudareis; mais tarde, não vos será difícil passar nos exames de admissão à Universidade, porque fôstes um ser inteligente durante todos os anos de escola e de colégio e sereis capazes de estudar com afinco durante quatro ou cinco mêses antes dos exames e ser aprovados nêles. Quando, depois dos exames finais, sairdes para o mundo, necessitareis de uma ocupação; mas na ocupação que adotardes, nunca sentireis mêdo; nunca sentireis mêdo de vossos pais nem da vossa sociedade; fareis o que tiverdes vontade de fazer — ainda que seja pedir esmolas; jamais sentireis ansiedade.

Atualmente vossa vida é cheia de ansiedades, porque desde a mais tenra infância estais aprisionados nesta estrutura de competição e ansiedade. Todos queremos bom êxito na vida e constantemente se nos diz: "vêde aquêle homem — vêde o êxito que alcançou na vida!" Enquanto estiverdes em perseguição do êxito, tereis necessàriamente ansiedade. Se exerceis, porém, uma ocupação por gostardes dela e não porque quereis êxito, não existirá então nenhuma ansiedade. Enquanto desejardes bom êxito, enquanto desejardes elevar-vos na escala social, haverá sempre ansiedade. Mas se fizerdes uma coisa porque ela vos interessa, porque gostais de fazê-la — seja ela o que fôr: consertar uma roda, pintar quadros ou exercer um cargo administrativo — se a fizerdes com gôsto e interêsse, e

não por ambicionardes posição ou êxito, nunca haverá ansiedade.

PERGUNTA: *Por que lutamos neste mundo?*

KRISHNAMURTI: Por que lutamos? Quereis uma coisa; desejo-a também; por isso, lutamos. Tendes muita capacidade e eu não tenho; e lutamos por causa disso. Sois mais belo do que eu, eu acho que devo também ser belo, e por isso vivemos a brigar. Sois ambicioso e eu também sou; pretendeis um determinado cargo e eu também o pretendo — e assim por diante. Não é assim? É um nunca acabar de disputas, enquanto ambicionamos algo. É muito difícil pôr-lhes têrmo. Enquanto desejarmos alguma coisa, teremos de lutar. Enquanto disserdes que a Índia é o país mais belo, mais perfeito, mais civilizado do mundo, teremos disputas. Começamos em pequena escala; desejais um chale e lutais para obtê-lo. Esta mesma coisa está sucedendo contìnuamente no mundo, de diferentes maneiras, em diferentes setores da vida.

PERGUNTA: *Quando um mestre ou outro superior nos obriga a fazer uma coisa que não desejamos fazer, que devemos fazer?*

KRISHNAMURTI: Que fazeis, em geral? Ficais atemorizado e a fazeis. Não é assim? Mas suponhamos que não tenhais mêdo e peçais ao superior, ao mestre, que vos explique o que a coisa significa; que aconteceria então? Suponhamos que digais — não de maneira impudente ou desrespeitosa — "não compreendo porque me obrigais a fazer o que não desejo; por favor, explicai-me por que quereis que eu faça tal coisa". Que aconteceria então? O que geralmente acontece é que o mestre ou o superior se torna impaciente. Dirá êle: "não tenho tempo, ide

fazê-la". Pode acontecer que o superior ou o mestre reconheça que está sem razão; entretanto diz: "ide fazê-la" — porque não refletiu de maneira completa sôbre o assunto. Se lhe pedirdes com gentileza, respeitosamente: "tende a bondade de dizer-me..." — fazeis que o mestre, ou superior, estude o problema junto convôsco. Compreendeis? Então, se perceberdes a razão da coisa, se perceberdes ser justo o que êle quer, que o que êle diz tem significação, fareis então a coisa naturalmente, sem compulsão. Mas fazer uma coisa que o superior manda, só porque se tem mêdo dêle, isso não tem significação alguma. Se fazeis a coisa, dizendo: "tenho mêdo do mestre", continuareis a fazê-la, mesmo quando êle não esteja presente.

PERGUNTA: *Se* Puja *é uma forma de imitação, por que o praticamos?*

KRISHNAMURTI: Praticais **puja**? Por que o praticais? Porque vossos pais o fazem. Não pensastes a fundo a seu respeito, não lhe conheceis a significação. Vós o praticais, porque vosso pai ou mãe ou tia-avó o praticam. Nós todos somos assim. Quando alguém faz uma coisa, imitâmo-lo, esperando daí nos advenha algum benefício. E, assim, pratico **puja** porque todo o mundo pratica **puja**. É uma forma de imitação. Não há nisso nenhuma originalidade. Não reflito a tal respeito. Pratico-o, simplesmente, porque espero alguma coisa boa resulte daí.

Pois bem, podeis ver por vós mesmo que quando se repete uma coisa, vêzes sôbre vêzes, a mente se embota. Isto é um fato bem óbvio, tal como acontece no estudo das matemáticas: quando repetimos uma coisa contìnuamente, ela se torna sem sentido. De modo idêntico, um rito contìnuamente repetido torna-vos a mente embotada. A mente embotada sente-se em segurança. Diz ela: "não tenho problemas; Deus está velando por mim; pratico **puja**; tudo

está em perfeita ordem". Mas isso é uma mente embotada. A mente embotada não tem problemas. **Puja**, a repetição constante de um **mantram** ou de uma palavra qualquer, torna a mente embotada, e é isso o que geralmente queremos; queremos, a maioria de nós, estar embotados, para não têrmos perturbações. Se isso é benéfico ou não, é um problema diferente. Sabeis que, pela repetição, pode-se tornar a mente muito tranqüila — não no sentido "vivo", mas no sentido "morto"; e a mente diz: "resolvi o meu problema". A mente morta, embotada, porém, não pode estar livre dos seus problemas. Só a mente que está ativa, não entregue à imitação, nem ao temor, só essa mente pode encarar bem um problema, e transcendê-lo, e ficar livre dêle.

Citais outros, quando não compreendestes um problema. Lêdes Shakespeare, Milton, Dickens ou outro qualquer, e tirais uma frase de qualquer dêles, dizendo: "preciso conhecer a significação desta frase". Mas, se quando estais lendo, procurais compreender as coisas, se no correr da leitura fizerdes uso de vossa mente, neste caso nunca citareis ninguém. Colecionar citações é a maneira mais estúpida de se aprender.

PERGUNTA: *Sem risco não há ganho; sem mêdo não há consciência; sem consciência não há desenvolvimento. Que é "progresso"?*

KRISHNAMURTI: Que é progresso? Vemos um carro de bois e vemos um avião a jato. Aí nota-se progresso. O avião a jato percorre 1.300 a 1.500 milhas por hora, e o carro de bois faz umas duas milhas por hora. A êsse respeito há progresso. Há progresso em qualquer outro sentido? O homem progride, cientìficamente — conhece — a distância entre as estrêlas e a terra, sabe quebrar o átomo, dirigir um aeroplano, um submarino, medir a velo-

cidade da terra. Ao longo dessa linha há progresso, evidentemente. Existe progresso em qualquer outra direção? Houve diminuição das guerras? As pessoas são mais bondosas, mais atenciosas, mais belas? Onde está o progresso? Há progresso numa direção, e nenhum progresso noutra direção. Dizeis, porém, o risco produzirá progresso. Dizemos coisas sem perceber tudo o que elas implicam. Lemos umas certas frases, e alguns estudantes copiam, imitam essas frases, pregam-nas na parede e ficam a repetí-las.

PERGUNTA: *Que é a felicidade e como se pode alcançá-la?*

KRISHNAMURTI: A felicidade se alcança como um subproduto. Se visais à felicidade, não a obtereis. Mas, se estais fazendo uma coisa que achais agradável, bôa, a felicidade vem então, como um resultado indireto. Se perseguirdes a felicidade, ela sempre vos fugirá, nunca se aproximará de vós. Digamos que estejais fazendo uma coisa que gostais muito de fazer — pintar, estudar, passear, observar a luz, as sombras, — algo que vos faz dizer: "como é bom fazer isto!" — encontrais então a felicidade. Entretanto, se a fizerdes porque desejais ser feliz, não sereis feliz.

7 de janeiro de 1954.

V

HÁ muitos dias vimos falando sôbre o temor e as várias causas que produzem o temor. Acho que uma das coisas mais difíceis e que a maioria de nós parece não apreender, é o problema do hábito. Em geral, pensamos que, quando somos jovens, devemos cultivar bons hábitos em oposição aos máus hábitos, e estão-nos sempre dizendo o que são bons hábitos e o que são maus hábitos. Somos instruidos constantemente sôbre os hábitos que convém cultivar, e os hábitos a que devemos resistir ou que devemos livrar-nos. Quando nos dizem isso, que acontece? Temos os chamados máus hábitos e desejamos ter hábitos bons. E, nessas condições, há uma luta sem tréguas entre o que temos e o que deveríamos ter. Temos o que se considera serem máus hábitos e pensamos que devemos cultivar hábitos bons. Há pois um conflito, uma luta, uma pressão constante para os bons hábitos, para mudarmos dos máus hábitos, para os bons hábitos.

Ora bem, que é que achais importante? Os bons hábitos? Se cultivamos hábitos bons, que acontece? Nossa mente se torna mais alertada, mais flexível, mais sensível? Afinal de contas, os hábitos implicam, não é verdade? — um estado contínuo em que a mente não está sendo perturbada. Se tenho bons hábitos, minha mente não necessita de preocupar-se a respeito dêles, e posso pensar noutras coisas. Por isso dizemos que devemos ter bons hábitos. Mas, no "processo" de cultivar bons hábitos, a mente não se embota, porque está funcionando na rotina do hábito? Se tendes os chamados "bons hábitos" e deixais a vossa mente funcionar, mover-se sôbre êsses carris que se cha-

mam "bons hábitos", a vossa mente não é flexível, é? Ela se tornou rija. O importante, pois, não são os bons hábitos ou os maus hábitos, mas que saibamos pensar. Saber pensar é muito mais importante, porque, quando sabemos pensar, quando estamos vigilantes, lúcidos, já não há o problema de cultivar bons hábitos. A mente que sabe pensar é sensível e, por conseguinte, capaz de ajustamento; já a mente que está funcionando na rotina do hábito, não é sensível, nem flexível, nem refletida. Um dos obstáculos da mente que é medíocre, limitada, mesquinha, é o estar funcionando sob a influência do hábito; e uma vez aprisionada no hábito, é sobremodo difícil para a mente livrar-se dêle. O que mais importa, por conseguinte, não é o cultivo de hábitos, bons ou maus, mas que saibamos pensar, não numa dada direção, mas em todos os sentidos. Porque o hábito é irreflexão, encaminhada numa determinada direção.

Espero que estejais compreendendo. É provável que acheis isso um pouco difícil; se é, perguntai-o aos vossos mestres, e a próxima vez que êles vos falarem no cultivo de "bons hábitos", conversai com êles sôbre a matéria, não para os envolverdes em argumentação, mas para compreenderdes o que êles entendem por "bons hábitos".

Também os bons hábitos são irrefletidos. A mente aprisionada no hábito é incapaz de pronto ajustamento, pronto raciocínio, vigilância constante. Saber pensar, não apenas superficialmente, mas profundamente, é muito mais importante do que o cultivo dos bons hábitos. A mente é uma coisa viva; está escravizada, porém, a várias formas de hábito, que a tolhem, limitam, controlam, moldam, impelem. A crença, a tradição, são hábitos. Meu pai crê numa coisa e insiste em que eu também creia. Não o faz diretamente, mas cria um ambiente, uma atmosfera em que tenho de seguir-lhe a crença. Pratica puja, que é um há-

bito, e eu naturalmente o imito e por conseguinte cultivo um hábito.

Vossa mente está sempre interessada em viver na rotina do hábito, para não ser perturbada, para não ter de pensar de maneira nova, considerar os problemas de modo diferente. A mente, portanto, gosta de viver num estado em que esteja apenas semi-desperta; e os hábitos vêm-nos muito a propósito, tal como a tradição, porque então não se precisa pensar, não se precisa ser sensível. A tradição manda uma coisa, e vós lhe obedeceis — como, por exemplo, a tradição de ornar a testa com alguma coisa, a tradição dos turbantes, a tradição de criar barbas. Quando aceitais e seguis uma tradição, estais livre de perturbação, pois vossa mente está embotada e gosta de estar embotada. Eis o que é a nossa educação. Aprendemos matemática, geografia ou ciência, com o fim de obtermos um emprêgo e nêle nos estabilizarmos para o resto da vida. Sois cristãos, hinduistas, muçulmanos, ou como quer que vos chameis, e aí funcionais como uma máquina, sem perturbação alguma. Quando encontrais perturbações, sabeis explicá-las e afastá-las com vosso modo de pensar criado pelo hábito; e, nessas condições, a vossa mente nunca está ativa, pensando, nunca está vigilante, a indagar, nunca está incerta, mas sempre semi-adormecida, narcotizada pela tradição, pelos hábitos, pelos costumes. É por isso que (se o notais) quando estais na escola, desapareceis, simplesmente, no meio da massa. Sois igual a todos os outros. Sois educado, bacharel em ciências ou artes. Tendes filhos, um marido, um automóvel; ou se não tendes automóvel, desejais tê-lo. Assim ficais funcionando, assim viveis ou melhor, morreis gradualmente, até o dia em que sereis incinerado no cais. Tal é a vossa vida, não é exato? Sois educados, para viverdes sem pensar, sem revoltar-vos, sem duvidar. Qualquer ligeiro extremecimento ocasional de

ansiedade, depressa é afastado com alguma explicação. E achais que isso é educação.

É muito importante, por certo, que enquanto estiverdes nesta escola, façais tôdas estas experiências, para que, quando fôr chegado o tempo de sairdes daqui, possais sair com uma mente que não esteja funcionando dentro das rotinas do hábito, da tradição, do temor, mas com uma mente que sabe pensar. Esta capacidade de pensar não deve ter nenhuma tendência — comunista, congressista, socialista; se recebe um rótulo, não é mais capacidade de pensar. Quando pertenceis a alguma coisa, alguma sociedade, algum grupo, algum partido político, já deixastes de pensar; pois, estais pensando dentro da rotina do hábito, e isso não é capacidade de pensar. O principal interêsse de uma escola como esta deve ser o de criar uma atmosfera em que não exista temor, em que os estudantes não sejam compelidos ou coagidos ou comparados uns com os outros, de modo que haja sempre liberdade. Isso não significa que os estudantes devam ser livres para fazerem o que entenderem, mas que a liberdade é necessária para que êles possam desenvolver-se, compreender, pensar, viver, para que sua mente não funcione dentro do hábito e se torne muito ativa — não com a atividade da tagarelice, a atividade da mera leitura, mas a atividade de investigação, de descobrimento, de busca do que é real, do que é verdadeiro. Assim, a mente se torna uma coisa admirável, uma coisa criadora.

Não há dúvida de que esta é a função da educação, não achais? — isto é, ela não deve consistir em dar-vos bons hábitos ou maus hábitos, em fazer-vos a mente viver dentro das tradições, mas em tornar-vos capazes de romper tôdas as cadeias dos hábitos e das tradições, de modo que vossa mente seja livre desde o comêço até o fim, sempre ativa, viva, vendo as coisas de maneira nova. Se contemplamos o rio tôdas as manhãs ou tôdas as tardes, ao cabo

de uma semana já perdemos tôda a apreciação da sua beleza, porque nos acostumamos com ela; nossa mente se embotou, e já não é sensível para os campos virentes e as árvores agitadas pelo vento; vemo-los e passamos adiante. Não sois mais sensíveis, não sois mais refletidos. Vêdes passar por aqui aquelas pobres mulheres, dia por dia, e nem notais que estão vestidas de andrajos e que transportam pesados fardos; já não lhes notais sequer a presença, por fôrça do costume. O acostumar-vos com uma coisa torna-vos insensíveis a ela. Isto é destrutivo, porque a mente em tais condições é mente embotada, estúpida. Assim, pois, a função da educação é ajudar a mente a ser sensível, refletida, para que não fique a funcionar dentro do hábito, da tradição, e não se acostume com coisa alguma, para que seja sempre nova, sempre viva. Exige isso muita penetração e muita compreensão.

PERGUNTA: *Por que nos irritamos?*

KRISHNAMURTI: Pode haver muitas razões para isso. Pode ser devido a más condições de saúde, falta de sono, de alimentação adequada. Pode ser puramente uma reação física, uma reação nervosa; ou pode ser de natureza muito mais profunda. Se vos sentis frustrado, aprisionado, inibido e sem achar saida, começais a ferver, a irritar-vos. A cólera não é uma simples questão de contrôle. No momento em que exerceis contrôle, criastes um hábito. A chamada meditação da maioria das pessoas é cultivo de hábito; quando meditam, estão cultivando uma mente que não quer ser perturbada, que quer funcionar dentro do hábito; e essa mente nunca descobrirá o que é verdadeiro, o que é Deus. Se meramente controlais a cólera, êsse "processo" significa cultivar um hábito. Talvez não estejais compreendendo o que digo. Se os mais velhos o compreendem, poderiam explicá-lo depois às crianças, escru-

pulosamente, e não de maneira perfuntória ou impaciente — explicar todo o "processo" do contrôle, como êle faz criar-se o hábito e torna a mente embotada. Poderiam explicar porque há cólera — não só as razões físicas, mas também as razões psicológicas; explicar como a mente, que é sensível, se deixa embotar, insensibilizar pelo temor, pelas várias formas de desejos e preenchimentos; e como essa mente só é capaz de pensar em têrmos referentes a hábitos, contrôle, repressão.

A mente que está muito desperta, vigilante, pode perder a calma, mas isso não é importante. O importante é que se observe a mente, que se tenha cuidado em que ela não funcione na rotina do hábito, não se torne insensível, embotada, cansada, e pronta para morrer.

PERGUNTA: *Os pensamentos dispersos impedem-me a concentração, e sem concentração não posso ler.*

KRISHNAMURTI: Se não podeis ler, isso não é por causa dos pensamentos dispersos, mas, sim, porque não estais interessado no que estais lendo. Lêdes uma história policial ou um romance, e vossos pensamentos não se dispersam. Não é verdade? Se estais interessado na coisa que lêdes, ela vos dá prazer; não sois então perturbado por nenhum pensamento, não é exato? Pelo contrário, é muito difícil largar o livro. Gostais de ler histórias policiais? Gostais de ler romances? Não? Então, que lêdes? O que vos mandam ler na classe, não é verdade? Naturalmente, como não sentis interêsse por essas coisas, vos estais forçando a lê-las. Quando vos forçais a ler, a vossa mente se evade — e isso mostra que recebeis uma educação errônea. Se, porém, desde a infância, se vos dá oportunidade para descobrirdes o que vos interessa, tereis então a concentração, natural e fácil, sem fazerdes nenhum esfôrço para vos concentrardes. Mas infelizmente

os estudantes mais antigos acham impossível essa concentração, porque foram educados pelo velho estilo, forçados a ler e a estudar. Quando a vossa mente se desvia, surge o problema: "como controlar os meus pensamentos?". Não podeis controlá-los. Não controleis os vossos pensamentos, mas descobri o que é que vos interessa. Tendes de passar nos exames, infelizmente. É o que se espera de vós. Mas se desejais realmente compreender as tendências da mente, ela tem de descobrir aquilo em que está interessada, vitalmente interessada, para o resto da vida, e não por dez dias ou alguns anos. Para a mente que descobriu a coisa que lhe interessa, não haverá nenhum problema de concentração; ela se torna concentrada naturalmente.

PERGUNTA: *Qual é o resultado da meditação?*

KRISHNAMURTI: O resultado, geralmente, é aquêle que desejais que a meditação dê. Compreendeis? Se medito sôbre a paz, terei paz. Mas não será a verdadeira paz; será uma coisa criada pela minha mente. Se sou cristão, medito à maneira cristã e minha mente criará uma certa imagem. Se sou devoto do hinduismo e medito, minha mente criará uma imagem, que percebo como uma imagem viva. Minha mente projeta tudo o que deseja, e vê a coisa como se fôsse viva; mas isto é auto-mistificação. A mente engana a si própria. Se sou hinduista, creio em coisas inumeráveis e minhas crenças controlam-me o pensar, não é verdade? Suponhamos que sou muito devoto e me sento para meditar sôbre Krishna. Que acontece? Crio uma imagem de Krishna, não é verdade? Minha mente, educada que foi no hinduismo, tem uma imagem de Krishna e sôbre essa imagem eu medito; e esta meditação é o "processo" do meu pensar condicionado. Por conseguinte, já não é meditação e sim, sòmente, uma for-

ma contínua e habitual de pensar. Posso ver Krishna dançando, mas isso será ainda o resultado de minha tradição. Enquanto eu tiver essa tradição, a coisa real não poderá ser percebida. Meu espírito por conseguinte, deve libertar-se da tradição. Esta é a meditação real.

A meditação é o "processo" em que a mente se liberta de todo condicionamento — seja o do hinduista, do cristão, do muçulmano, do budista ou do comunista. Então quando a mente está livre, surge a Realidade. De outro modo, a meditação não é mais do que auto-mistificação.

PERGUNTA: *Por que sentimos pena do mendigo quando êle se aproxima e sentimos irritação quando se afasta?*

KRISHNAMURTI: Não estou certo se formulastes corretamente a parte final da pergunta. Talvez sintais uma coisa diferente, quando dizeis que vos aborreceis quando o mendigo se afasta. Sentis irritação apenas porque êle se vai, ou porque se afasta com uma praga porque não lhe destes nada? Chego-me a vós, pedindo uma esmola, e vós me dais alguma coisa e ao dá-la vos sentis feliz, importante, porque destes algo. Para a maioria de nós há vaidade no dar, não é exato? Suponhamos que nada deis; que acontece? O mendigo profere uma praga contra vós e se vai. Êle se irrita e vós, em troca, vos irritais também. Talvez não desejais ser perturbado e por isso vos irritais.

Realmente — eu não compreendo esta pergunta. O que quereis dizer será isto: sentis disposições benevolentes quando vêdes uma pessoa, um mendigo, porque vos despertam os sentimentos de compaixão, e achais que é bom ter essa natural simpatia; mas ao mesmo tempo vos sentis perturbado pela sua pobreza e pela vossa abastança; não gostais de ser perturbado, e isso vos causa agitação — será isso que quereis dizer? Várias coisas sucedem aí: o impulso natural de compaixão, para dar alguma coi-

sa; o sentimento de ansiedade; o sentimento de irritação, de cólera, por não poderdes fazer coisa alguma, por estar a sociedade corrompida e nada podeis fazer para ajudá-lo; o receio natural de apanhardes a doença de que êle é portador. Não percebo o que quereis significar, ao dizer que vos sentis irritado quando um mendigo se afasta de vós.

PERGUNTA: *O hábito de nos encolerizarmos e o hábito de sermos vingativos são diferentes processos psicológicos, ou o mesmo processo com variação de gráu?*

KRISHNAMURTI: A cólera pode ser repentina, mas é passageira e cai no esquecimento. Acho que o espírito de vingança implica o guardar e lembrar uma ofensa, um sentimento de que fôstes frustrado, de que fôstes embargado, tolhido. Guardais isso na memória e eventualmente o tirais de lá e vos tornais violento. Parece-me que há uma diferença. A cólera pode ser repentina e ser esquecida; e o espírito de vingança implica a preparação da cólera, da irritação, do desejo de revidar. Se ocupais uma posição poderosa, e me insultais, não posso encolerizar-me, porque posso perder o meu emprêgo. Por isso guardo a minha cólera, vou suportando todos os insultos, e quando chega a ocasião propícia, vingo-me.

PERGUNTA: *Como posso achar Deus?*

KRISHNAMURTI: Uma menina pergunta como pode achar Deus. Provàvelmente desejava perguntar outra coisa e a esqueceu.

Respondendo à pergunta, dirigimo-nos tanto à menina como às pessoas mais idosas. Os mestres que tenham a bondade de ouvir e explicar depois à menina em hindí, pois a questão é importante para ela.

Já observastes uma fôlha dançando ao vento, uma fôlha solitária? Já observastes o luar sôbre as águas e vistes uma noite destas a lua nova? Vistes os pássaros a voar? Sentis amor profundo a vossos pais? Não falo do temor, da ansiedade, ou da obediência, mas do sentimento, da grande compaixão que se experimenta ao ver-se um mendigo, uma ave a morrer, um corpo a ser cremado. Se ao verdes tais coisas sois capaz de grande compaixão e compreensão — compreensão para os ricos que passam nos seus grandes automóveis, erguendo nuvens de pó, compreensão para o mendigo e o pobre cavalo de **ekka**,(1) que é quase um esqueleto ambulante. Se conheceis tudo isso; se tendes êsses sentimentos não apenas em palavras, mas interiormente; se tendes o sentimento de que o mundo é **nosso** — vosso e meu e não dos ricos nem dos comunistas — para o tornarmos belo; se sentis tudo isso, então, atrás dêsse sentimento há algo que é muito mais profundo. Mas para compreender essa coisa que é muito mais profunda e que a transcende, deve a mente ser livre, estar tranqüila; e ela não pode estar tranqüila se não compreende tudo isso. Tendes pois de começar com o que está perto de vós, em vez de indagardes o que é Deus.

PERGUNTA: *Como se pode eliminar para sempre os nossos defeitos?*

KRISHNAMURTI: Vêde como a mente deseja estar em segurança! Ela não quer ser perturbada. Quer estar em completa segurança, para todo o sempre; e a mente que deseja estar completamente em segurança, vencer para sempre tôdas as dificuldades, irá procurar um meio de o conseguir. Começará a seguir um **guru**, terá uma crença, alguma coisa em que arrimar-se, a que apegar-se. E

---

(1) Carro puxado por um só cavalo.

a mente se torna assim embotada, cansada, morta. Quando dizeis "quero ficar livre de tôdas as minhas dificuldades, para todo o sempre" — ficareis livre delas, mas o vosso ser integral, a vossa mente estará morta.

Não queremos ter dificuldades, não queremos pensar, não queremos investigar, descobrir. Espero que alguém venha dizer-me o que devo fazer, pois não desejo ser perturbado; procuro alguém que julgo ser um grande homem ou uma grande mulher ou um santo, e faço o que se me manda fazer, imitando, repetindo, como um macaco, como um gramofone. Assim procedendo, posso não ter dificuldades superficialmente, porque estou mesmerizado. Tenho, porém, dificuldades no inconsciente, nas profundezas de mim mesmo, e estas hão de explodir eventualmente, embora eu espere que não venham a explodir. Como vêdes, a mente quer um abrigo, um refúgio, algo a que possa recorrer, a que possa apegar-se — uma crença, um Mestre, um **guru**, um filósofo, uma conclusão, uma atividade, um dogma político, uma doutrina religiosa. A essa coisa quer recorrer, a ela apegar-se, quando se vê perturbada. Mas a mente **precisa** ser perturbada. É só pela perturbação, pela vigilância, pela investigação que a mente compreende os problemas.

Uma senhora pergunta: "Pode uma mente perturbada compreender?" Um homem que está perturbado e busca um meio de fugir à perturbação, jamais compreenderá. Entretanto, a mente que está perturbada e sabe que está perturbada, e começa a investigar pacientemente a causa da perturbação, sem condenar nem traduzir as causas, essa mente compreenderá. Mas a mente que diz: "estou perturbada e não quero ser perturbada; por isso vou meditar sôbre a ausência de perturbação" — essa é a mente falsa, estúpida.

PERGUNTA: *Que é a beleza interior?*

KRISHNAMURTI: Sabeis o que é a beleza exterior? conheceis um belo edifício? Quando vêdes um belo edifício, ou uma bela árvore, uma bela fôlha, uma encantadora pintura, uma pessoa agradável, que acontece? Dizeis que é uma coisa bela. Que entendeis por "belo"? Há de haver em vós algo que é belo, para reconhecerdes a beleza exterior, não achais? — Compreendeis? — Explicai-o a êste menino. O mestre responsável por êle tenha a bondade de escutar o que estou dizendo e explicá-lo a êstes meninos e meninas. Isto é muito mais importante do que as aulas ordinárias.

Tende a bondade de escutar. Um menino deseja saber como ficar livre para sempre de tôdas as perturbações. Outro quer saber o que é a beleza interior; e quando pergunto o que é a beleza exterior, todos vos rides. Mas se sabeis o que é belo, se tendes o sentimento da beleza, se tendes simpatia, sensibilidade, apreciação do que vêdes — uma montanha majestosa, um cenário maravilhoso — sem reação, deve então existir algo em vós, para serdes capaz de apreciá-lo, e isso pode ser a beleza interior. Quando vêdes uma pessoa bondosa, quando apreciais qualquer coisa bela, quando sentis verdadeira benevolência, amor — e percebeis isso exteriormente, deveis tê-lo também dentro de vós. Quando apreciais o arco da ponte ferroviária sôbre o Ganges, deve haver em vós algo que reconhece a beleza de uma curva. A maioria de nós não reconhece a beleza nem exterior nem interiormente — porque não a possuímos interiormente. Interiormente, somos insensíveis, vazios, lerdos, e por isso não percebemos a beleza em coisa alguma, não ouvimos o barulho sôbre a ponte, que tem sua beleza própria. Quando ficais acostumados com qualquer coisa, ela não tem nenhuma significação para vós.

8 de janeiro de 1954.

VI

TEMOS falado a respeito do temor e acho que, se pudermos examinar esta questão mais profundamente, talvez despertemos para a iniciativa. Sabeis o que significa esta palavra — "iniciativa"? — iniciar, começar. Explicarei melhor a sua significação no prosseguimento desta palestra.

Não vos parece que, em velhas nações, como a Índia, devido a fatôres vários, como o clima, pletora de população e pobreza, a tradição e a autoridade controlam o pensar? Já não notastes em vós mesmos, como desejais obedecer aos vossos mestres, aos vossos pais, aos vossos tutores, seguir um ideal, seguir um **guru**? O espírito de obediência, o seguir alguém, o deixar que se diga o que devemos fazer — êsse espírito cria uma autoridade, não é exato? Sabeis o que é "autoridade?" — Alguém que acatais e a quem desejais obedecer, seguir. Porque vós mesmo sentis mêdo, porque vós mesmo estais na incerteza, criais uma autoridade; e com a criação da autoridade, não só vós mesmo a seguis, mas desejais outros também a sigam; achais prazer em seguí-la e em obrigar os outros a seguí-la.

Não sei se ainda não notastes em vós mesmos que, atrás dêsse desejo de obedecer, de seguir, de imitar, de satisfazer a vontade de alguém, está o temor — o mêdo de não fazer o que é correto, o mêdo de errar. A autoridade, pois, mata gradualmente a iniciativa — que é saber fazer alguma coisa com naturalidade, espontâneidade, livremente, por impulso próprio. À maioria de nós falta iniciativa, porque foi destruído em nós o espírito de criação.

Êsse espírito de fazer uma coisa por vós mesmo, sem que vô-lo peçam, sem que vos digam que a façais, êsse espírito de iniciativa perdeu-se, pois estais sempre rodeados pela autoridade, pela velha geração, que parecem pensar que sabem o que estão fazendo, mas não sabem, e vos controlam. E, assim, gradualmente, o espírito de fazer as coisas pelo gôsto de fazê-las se extingue em vós, se destrói. Já alguma vez, passeando pela estrada tirastes uma pedra do caminho, apanhastes um pedaço de jornal ou um trapo; já plantastes uma árvore e cuidastes dela? Quando não vos dizem que façais estas coisas e vós as fazeis, espontâneamente, naturalmente, isso é o comêço da iniciativa. Quando vêdes uma coisa que precisa ser consertada, vós a consertais; quando vêdes uma coisa que precisa ser feita — na cozinha, no jardim, em casa, na estrada — vós a fazeis, sem que vos mandem fazê-la. A mente se vos torna a pouco e pouco livre do temor, e começais a fazer as coisas espontâneamente. Parece-me muito importante proceder assim na vida, porque, do contrário, vos tornareis meros gramofones, tocando sempre e sempre o mesmo disco — perdendo-se assim, completamente, o espírito de liberdade.

A velha geração, porém, com seus desejos nervosos, seus temores, suas apreensões de insegurança, deseja proteger-vos, deseja guiar-vos, manter-vos seguros, no temor e pelo temor destrói gradualmente em vós a liberdade para fazer as coisas, a liberdade de errar, de descobrir as coisas por vós mesmo; e perde-se, assim, aquela coisa extraordinária que se chama "iniciativa". Pedi explicações aos vossos mestres a êste respeito. Sabeis como somos poucos os que temos aquela liberdade — liberdade não só para fazer as coisas, mas a liberdade que nos inspira a fazê-las. Quando vêdes alguém a transportar um pesado fardo, desejais ajudá-lo, não? Quando vêdes alguém lavando pratos, desejais também, às vêzes, fazer a mesma coisa. De-

sejais lavar a vossa roupa, fazer coisas, por livre iniciativa. Sabeis o que isso significa? Se o examinardes muito profundamente, vereis ir nascendo uma extraordinária capacidade de criar.

A liberdade não é uma coisa que se acha muito distante de nós, uma coisa que se precisa procurar e lutar por ela. Se tendes liberdade desde o comêço, desde a meninice, vereis, à medida que fordes crescendo e amadurecendo, vereis que, nesse amadurecer, há iniciativa para fazer as coisas espontâneamente, fàcilmente, com naturalidade, sem que ninguém vos diga o que deveis fazer. É ação criadora escrever um poema, ser sem mêdo, contemplar as estrêlas, deixar a mente vaguear, contemplar a beleza da terra e as coisas maravilhosas que a terra contém. Sentir tudo isso é de fato uma atividade extraordinária; e não podeis sentí-lo sem aquela liberdade, sem aquêle espírito de iniciativa em que estais livre de qualquer autoridade, em que não obedeceis só porque vos dizem o que deveis fazer, mas fazeis as coisas naturalmente, livremente, com facilidade e prazer. Se derdes contínua atenção a isso, começareis a tomar um interêsse extraordinário por tôdas as coisas, pela vossa maneira de andar, pela vossa maneira de falar, pela vossa maneira de olhar as pessoas, pelos sentimentos que tendes — porque tôdas essas coisas são de muita importância. Se cultivardes a inteligência, se cultivardes o espírito de liberdade, durante todo o tempo que estiverdes na escola, então, uns poucos meses de estudo intenso serão suficientes para passardes nos vossos exames. Entretanto, atualmente não fazeis outra coisa senão preocupar-vos, durante todo o tempo, com vossos estudos, e não sabeis o que se passa ao redor de vós.

Vistes aquelas aldeãs levando pesadas cargas à cabeça — estêrco, lenha, ou molhos de feno? Quanta beleza no seu andar! Já observastes as pessoas chamadas "abas-

tadas"? Notais como se tornam elas lerdas e insensíveis, por não saberem olhar para as coisas? Interessam-lhes tão-sòmente, suas pequeninas preocupações e desejos, e de que maneira controlarem os seus temores e apetites. Essas pessoas, por conseguinte, vivem no temor; e vivendo no temor, têm de seguir alguém, obedecer a alguém. E cria-se assim a autoridade — a autoridade do policial, a autoridade do advogado; a autoridade do govêrno; e, noutro nível, a autoridade espiritual — autoridade dos livros, dos guias políticos, dos **gurus**. E perde-se, destarte, a beleza do viver, do sofrer, do compreender.

Eis porque é tão importante, enquanto estais nesta escola, que compreendais tôdas estas coisas. Ide lá fora, um dia, e plantai uma árvore e cuidai dela todos os dias. Vêde que espécie de árvore desejais plantar, que espécie de adubo lhe deveis dar, e cuidai sempre dela. Vereis então ocorrer algo em vós, pois estareis em intimidade com a terra e não apenas em intimidade com os livros. Os livros já não vos interessarão após obterdes emprêgo ou passardes nos exames, e nunca mais abrireis um livro. Ao redor de vós, porém, existem árvores, flôres, animais. Se não tiverdes sensibilidade para tôdas estas coisas, perdereis a iniciativa e vossas mentes se tornarão muito limitadas, mesquinhas, triviais, ciumentas, invejosas. É muito importante, enquanto estais na escola, considerardes tôdas estas coisas, para que vossas mentes despertem para elas.

Afirmam os cientistas que nós só estamos funcionando 15 por cento. Nossa capacidade de pensar é apenas de 15 por cento; provàvelmente, se aprendêssemos a funcionar 50 por cento, causaríamos muito mais danos ainda. Mas, se não cultivamos a sensibilidade, a compreensão, a afeição, a benevolência, mesmo com nossa pequena capacidade de 15 por cento seremos capazes de muitos danos e malefícios — e com uma capacidade de 50 por cento, capazes de praticar verdadeiras monstruosidades.

Se compreenderdes tudo isso, nascerá um sentimento de liberdade do temor. Mas como podeis compreendê-lo, se só ouvirdes estas palestras e depois as esquecerdes? Não as ouçais por essa maneira. Escutai de tal modo que possais viver sem temor, sem seguir alguém; escutai para serdes livres, não quando estiverdes velhos, mas **agora.**

Ser livre exige muita inteligência. Não podeis ser livre se sois um indivíduo estúpido. Por conseguinte, é importantíssimo desperteis a vossa inteligência, enquanto estais tão jovens; e essa inteligência não pode existir quando sentis mêdo, quando seguis, quando desejais que alguém vos obedeça ou quando vós mesmo obedeceis a alguém. Tudo isso requer muita reflexão, e esta é que é a verdadeira educação. A educação que quase todos recebemos atualmente é apenas superficial.

PERGUNTA: *Como se pode criar um mundo feliz, quando existe o sofrimento?*

KRISHNAMURTI: Não **escutastes** o que eu disse. Estáveis ocupado com a vossa pergunta. Enquanto eu falava, a vossa mente estava a interrogar-se sôbre como fazer a pergunta, como formulá-la; vossa mente estava, pois, ocupada com o que íeis perguntar e não **escutastes** realmente. Não houve nenhuma pausa, nenhum intervalo, entre o momento em que me detive e a vossa pergunta. Saltastes imediatamente com a pergunta — o que significa que, na realidade, não escutastes, não percebestes a importância do que estive dizendo, não estáveis prestando atenção. É deveras importante saber **escutar** às pessoas — vosso pai, vossa irmã, vosso irmão, o transeunte — o que significa que vossa mente está tranqüila, e portanto receptiva para uma nova idéia, um sentimento novo, uma percepção nova. O que estive dizendo é com efeito muito complexo, muito difícil. Não o deixastes penetrar, entrar-

vos na mente, porque vossa mente estava ocupada com o "preciso fazer uma pergunta; como fazê-la?". Ou talvez estivésseis a espiar pela janela. É agradável olhar lá para fora, porque as árvores são belas; mas muitos ficam só observando as pessoas que entram e saem, e sua mente está contìnuamente agitada, como as fôlhas daquelas árvores. Por conseguinte, conforme sugeri, tende a bondade de escrever as vossas perguntas e, quando eu terminar de falar, aguardai um instante e lêde a pergunta. Vossa mente acompanhará então o que eu fôr dizendo; e dêsse modo começais a **escutar**. Acredito que, se sabemos escutar, aprenderemos muito mais do que aprendemos quando ficamos lutando todo o tempo para escutar, para prestar atenção.

Alguém perguntou: "que é um mundo belo e como pode ser criado, quando há tanto sofrimento?". Consideremos, todos juntos, por que razão a maioria de nós deseja fazer algo. Pensamos que a atividade, o fazer alguma coisa, é mais importante do que compreender o em que consiste o problema. Vêdes um mendigo e vosso instinto é de dar-lhe alguma coisa. Mas o que em geral acontece é que, depois de dá-la, esqueceis completamente o caso. Não compreendeis, não investigais devidamente a questão da pobreza, da pobreza existente no mundo. Sabeis que há pessoas pobres, e sabeis que há também pobreza interior. Podeis ter muito dinheiro, viver em casas luxuosas, mas interiormente podeis ser tão pobre como um mendigo. Se reconheceis isso, ficais com mêdo e começais a ler livros, a adquirir conhecimentos. Isso é proceder como o homem muito rico que se cobre de joias, mora num palácio e pensa que de fato é rico.

Começais a ler ou a citar numerosos instrutores espirituais e o Bhagavad-Gita. Podeis desejar praticar boas ações, mas não vos contentais com isso. Quereis ajudar o mundo e pôr fim às misérias do mundo. Por conseguinte,

aderis a grupos, entrais para uma Sociedade ou fundais uma Instituição, onde assumis funções de Secretário, pagais os impostos, e gradualmente vos absorveis nessa organização. Na realidade fazeis muito pouco para ajudar o mundo.

Para fazerdes realmente coisas boas, deveis compreender a vós mesmo, quando as fazeis. Tôda ação que praticais deveria ajudar-vos a compreender a vós mesmo, conhecer a vós mesmo. Então, na transformação de vós mesmo, na modificação de vós mesmo, aparecerá a possibilidade de criardes um mundo diferente. Mas se meramente fazeis coisas boas ou ingressais numa sociedade que tem o programa de fazer coisas boas, isso me parece superficial. Se, entretanto, no próprio ato de fazerdes uma coisa boa, começais a compreender as complicações da vida, então daí poderá resultar uma transformação, poderá nascer um mundo no qual não existirá o sofrimento.

PERGUNTA: *Por que se considera coisa má o furtar?*

KRISHNAMURTI: Por que pensais que furtar é uma coisa má? Tendes um relógio e eu vô-lo furto. Achais que isso é correto? Despojo-vos de uma coisa que vos pertence, que vosso pai vos deu ou que obtivestes por outro meio qualquer. Tiro-o sem nada vos dizer, sem o notardes. Isto é uma boa ação? Talvez tenhais adquirido êsse objeto por avidez. Mas eu sou igualmente ávido, igualmente ansioso de aquisição e por isso vo-lo tiro. Isso se chama furtar. É claro que não é uma coisa correta, é? Há meninos e meninas que furtam por hábito, e há também pessoas mais velhas que o fazem. Embora tenham dinheiro, embora tenham tôdas as coisas de que necessitam, o desejo de furtar os domina. Isso é uma doença, uma espécie de perversão mental, uma aberração, um desvio da mente. Não compreendendo êsse desvio, os mais velhos em geral vos

castigam e vos batem, dizendo que não deveis furtar, que é uma coisa muito má, e que merecíeis ir para a cadeia. Assustam-vos e, dêsse modo, o desvio se torna mais acentuado, mais oculto, mais obscuro. Se se desse, porém, uma explicação, se o pai ou o mestre se desse ao trabalho de explicar, sem condenar-vos nem ameaçar-vos, então talvez desaparecesse o desvio. Um dos obstáculos é que os mestres e os pais não têm tempo, não têm paciência. Têm de cuidar de tantas outras crianças; querem um resultado, um resultado imediato. E, assim, fazem ameaças, esperando que o menino deixe de furtar. Mas em geral assim não acontece; o menino continua calmamente a furtar.

Parece-me que numa escola como esta, os mestres, que estão convosco muito mais tempo do que eu, deveriam explicar-vos tôdas estas coisas. Consumimos uma hora de aula estudando matemática ou geografia. Por que não tirar dez minutos para tratar de tais problemas? Se assim se fizer, os mestres, bem como vós, os estudantes, vos tornareis inteligentes. Não estou dizendo que os mestres não sejam inteligentes; êles se tornarão mais inteligentes.

PERGUNTA: *Que é a alma?*

KRISHNAMURTI: Que é a alma? — Pensais que tendes uma alma, não é verdade? Como o sabeis? Aí está uma das nossas dificuldades. Aceitamos as coisas, tais como nossos pais no-las transmitem, e ficamos a repetí-las, a dizer: "tenho uma alma".

Que vem a ser uma alma? Consideremos esta questão com vagar, passo a passo, e se prestardes atenção percebereis alguma coisa. Em Banaras, que é uma "cidade dos mortos", morre tanta gente. Também já vistes um pássaro morto. Uma fôlha de árvore, que é verde, graciosa, delicada, fenece e o vento a leva. À vista disso, o homem diz: "tudo passa, tudo desaparece, nada é permanente". A ca-

beleira negra se torna grisalha; quando moços podemos andar 10 milhas ou mais, porém mais tarde só podemos andar umas duas ou três milhas. Tudo desaparece. Uma árvore que vive há dois ou três séculos é atingida pelo raio e destruida. Há na California árvores de 2 e 3 mil anos; elas também morrerão. Muito poucas coisas são permanentes.

Vendo êste extraordinário caráter de impermanência das coisas, diz o homem: "Há de haver algo que seja permanente, alguma coisa que não morre, que o tempo não pode corromper." E começa a inventar coisas que tenham permanência, criando com sua mente Deus, alma, **atman, paramatman,** etc. etc. Vendo que êle próprio é impermanente, começa a ansiar por algo que seja permanente, imorredouro, algo que nenhum ladrão possa roubar. E sua mente começa a especular e, no seu temor, o homem inventa, imagina. Diz que há uma alma indestrutível. Diz: "meu corpo pode desaparecer, eu posso morrer e ser devorado pelos vermes; mas existe em mim algo que é imperecível." Inventa essa coisa e a diviniza; depois, constrói teorias em tôrno dela, escreve livros a seu respeito e briga por causa dela; mas nunca investiga, por si mesmo, se há de fato alguma coisa que seja permanente. Nunca diz: "sei que tôdas as coisas são impermanentes. Eu também morrerei. Envelhecerei também, e virão as doenças e o declínio. Desejo investigar portanto, se algo existe mais além. Portanto não quero inventar, não quero dizer que existe uma alma ou que existe **Atman**, que existe isto e aquilo. Quero investigar, indagar". Se tomo a deliberação de investigar, indagar, então, com êsse indagar, com o acalmar dos meus temores, o libertar-me de minha avidez, o conhecer a mim mesmo, penetro mais e mais profundamente e é bem possível que descubra algo que não é meras palavras.

Dizeis que existe o caráter e que o caráter deve ser

a alma. Mas, que sois vós? Tendes certas tendências, não é verdade? — certas idiossincrasias, certas "maneiras de ser", certos desejos; isso tudo sois vós. Dizeis: "sou tudo isso, e se morro, que é feito de mim? Deve haver alguma coisa que continua a existir, eternamente". Investigando êste problema, vemos que êle é muito complexo. Mas não aceiteis coisa alguma que não tenha sido investigada, examinada por vós mesmo. Infelizmente, a vossa mente já está comprometida com algo, e não a estais despertando para considerar êste problema. Quando aceitais uma coisa, quando crêdes numa coisa, detivestes o investigar. Para se investigar verdadeiramente precisa-se de uma mente desperta. Não é possível ter-se a mente em tal estado quando se está seguindo uma autoridade, ou quando existe temor. Se vos limitais a aceitar as coisas, nunca descobrireis nada.

PERGUNTA: *Que é alegria?*

KRISHNAMURTI: Um menino pergunta o que é alegria. Por que será que êle o pergunta? Ou êle não sabe o que é alegria — o que realmente seria uma coisa muito triste — ou sabe o que é alegria e deseja saber algo mais a seu respeito. O menino não vai compreender o que vou dizer, porque infelizmente não falo hindustani; mas os que são responsáveis por êsse menino terão a bondade de lho explicar muito cuidadosamente e ajudá-lo a compreender a sua pergunta. Far-me-ão êste favor?

O menino quer saber o que é "alegria". Ao verdes uma flor, tendes um sentimento, não é verdade? Quando vêdes o pôr do sol, quando vêdes uma pessoa agradável, quando vêdes um belo quadro, quando galgais uma montanha, livremente, e do alto da montanha contemplais o vale e vêdes as variações do colorido, a luz solar, as casas, quando vêdes alguém sorrir — não tendes um sentimento

que chamais "alegria"? No momento, porém, em que dizeis "estou alegre, sinto alegria", lá se foi o sentimento. Compreendeis? No momento em que dizeis "sou feliz", já não sois feliz.

Vivemos no passado; já estamos morrendo, a tôdas as horas; a morte é nossa companheira inseparável. A duração é sempre a nossa sombra, porque vivemos sempre no momento que já passou. É por isso que dizemos: "Senti alegria e ela se foi, e quero tê-la de novo". O problema, pois, é: como se estar cônscio, sem "experimentar" o que já se tornou "passado". Estou entrando em águas profundas demais; sinto muito!

Quando vos deleitais com uma coisa, quando escreveis um poema ou lêdes um livro, quando dançais ou fazeis qualquer outra coisa, deixai-a passar; não digais "quero mais". Porque isso já será avidez e portanto não há mais alegria. Sêde felizes no momento. Se fôr a claridade do sol, deleitai-vos com ela, mas não digais "quero mais". Se forem as nuvens, deixai-as passar; elas têm também sua beleza. Não digais "eu queria que o dia estivesse mais belo". O que vos faz infelizes é a exigência de "mais". Escutais o que digo, sacudis a cabeça gravemente, mas o que ouvistes não penetra, não desce até o fundo. Quando realmente deixardes de pedir "mais", quando não tiverdes mais a ânsia aquisitiva, tereis alegria, sem o saberdes.

PERGUNTA: *Que é "pathos"?*

KRISHNAMURTI: Por que pensastes agora em "pathos"? Andastes lendo "Os Três Mosqueteiros"? Um dos três mosqueteiros se chamava Athos.

Êste menino quer saber o que é "pathos". Por que será que êle faz esta pergunta? Provàvelmente outra pessoa a está fazendo por seu intermédio. Eu quisera que os mais velhos não fizessem tais coisas; êles estão corrompendo a

mente juvenil. Os meninos não têm interêsse por essas coisas — o sentimento de tristeza, o sentimento de uma condição **patética**, irremediável. Estou certo de que nenhum menino sente tais coisas. Uma criança tem seus problemas próprios. Deseja saber porque uma ave vôa, porque a água espelha a luz, porque seus mestres ou seus pais são tão cruéis para com ela, porque não gostam dela, porque precisa estudar, porque precisa obedecer a "um velho estúpido". Tais são os seus problemas, e não "pathos". Deseja saber o que é Deus, porque tanto se fala Dêle. Estimulai-o a investigar, a fazer perguntas.

Se apenas desejais saber a significação de "pathos", procurai a palavra no dicionário e encontrareis a sua significaçao. Não precisais de nenhuma explicação ou definição dada por mim. Nossas mentes se satisfazem muito fàcilmente com definições e pensamos que com elas compreendemos as coisas. Uma tal mentalidade é muito superficial.

PERGUNTA: *Como se pode "escutar a alguém"?*

KRISHNAMURTI: "Escutais" a alguém, se estais interessado. Fizestes esta pergunta. Se desejais realmente saber como se pode "escutar a alguém", descobrí-lo-eis. Estais escutando, não? Desejo saber "como se escuta". Pergunto-o a vós, e vos escuto, porque podeis dizer algo que me faça aprender a escutar, saber escutar. Nesta própria ação, nesta própria pergunta, há uma indicação de como se aprende a escutar. Vós me perguntais como se aprende a escutar. Ora, escutais o que estou dizendo? Já escutastes uma ave cantar? Sois capaz de escutar, sem muita tensão, sem muito esfôrço, mas com facilidade, com alegria, com interêsse, de modo que tôda a vossa atenção esteja posta nisso?

Não escutamos dessa maneira; só nos interessa obter alguma coisa de alguém. Quando lêdes, quando conversais,

desejais obter daí alguma coisa. E por isso nunca escutais com naturalidade, com gôsto. E quando de fato escutais, vós o traduzis segundo vossa conveniência, ou o traduzis de acôrdo com o que tendes lido, tornando-se, dêsse modo, o ato cada vez mais complicado, do que resulta que nunca escutais com calma, com naturalidade, com gôsto. Já alguma vez vos quedastes por momentos a contemplar o luar? — vos quedastes, simplesmente, a contemplar, a ver as águas passarem, sem a complicação de vos sentardes para êsse fim, e de vos esforçardes para observar. Se escutardes dessa maneira, ouvireis muito mais, compreendereis muito mais daquilo que se está dizendo. Mesmo quando tendes de escutar explicações sôbre matemática, geografia ou história, escutai, simplesmente; aprendereis muito mais. E descobrireis também se o vosso mestre vos está ensinando convenientemente ou se se está tornando meramente um disco de gramofone e repetindo vêzes sôbre vêzes a mesma coisa. Escutar é uma grande arte, que bem poucos de nós conhecemos.

11 de janeiro de 1954.

VII

JÁ alguma vez pudestes ficar completamente quietos? Experimentai-o, de vez em quando, não para um fim determinado, mas só para verdes se sois capazes de estar quietos. Quanto mais velha uma pessoa vai ficando, tanto mais nervosa, mais inquieta e agitada ela se torna. Já não notastes como as pessoas de idade estão sempre a mexer com as pernas? Até crianças fazem isso, constantemente. Isso, sem dúvida, indica nervosismo, uma certa tensão. Pensamos ser possível dissipar êsse nervosismo, essa tensão, por meio de diferentes formas de disciplina. Sabeis o que significa esta palavra? Vossos mestres vos falam de disciplina, e os livros religiosos falam de autodisciplina. Nossa vida é um contínuo processo de disciplina, contrôle, repressão. Achamo-nos presos, cercados de barreiras, de restrições, e por isso nunca conhecemos um momento de liberdade, de espontaneidade. Vivemos sob coação, num estado de auto-enclausuramento. Pedi aos mestres que vos expliquem o que estas palavras significam.

Fizestes o que ontem sugeri? — empregastes dez minutos das horas de aula, para discutir sôbre estas coisas? Algum dos mestres vos falou a respeito delas, antes de iniciar a lição? Por que não insistis com êles para que o façam? Por que não os fazeis falar a respeito dessas coisas? Os mestres e os adultos só têm a preocupação de dar conta de suas lições, de seu serviço. Nunca lhes sobra tempo para darem atenção ao que se passa em redor. Se insistirdes, porém, em que, cada manhã, dez minutos das aulas sejam empregados em conversar a respeito de assuntos mais importantes, haveis de aprender muita coisa.

Como dizia, jamais conhecemos um momento de verdadeira liberdade, e pensamos que a liberdade vem através de constante disciplina, esfôrço, contrôle. Mas eu acho que a disciplina não leva à liberdade. Pode tão-sòmente conduzir o espírito ao auto-isolamento. Sei que estou dizendo algo que provàvelmente nunca ouvistes antes.

Sempre vos disseram que a disciplina é necessária para que se tenha a liberdade. Entretanto se investigardes, se examinardes a palavra, seu sentido e significado, vereis que a disciplina implica resistência contra alguma coisa, a construção de uma muralha e o enclausuramento de nós mesmos atrás dessa muralha de idéias. É absurdo isso, já que, quanto mais nos tornamos disciplinados, quanto mais controlamos e reprimimos e refreamos, tanto mais estreita e limitada se torna a mente. Não tendes notado que as pessoas muito disciplinadas não têm liberdade nenhuma? Não têm sentimentos espontâneos nem amplitude de compreensão. O que embaraça à maioria de nós é o querermos a liberdade e pensarmos que a disciplina nos levará a ela; entretanto não podemos fazer o que desejamos. O fazermos justamente o que nos apraz não é liberdade, porquanto nós temos de viver com outros e, por conseguinte, temos de ajustar-nos, temos de ver as coisas como são.

Nem sempre podemos fazer o que nos apetece. De fato, não nos é possível fazer, livre e espontâneamente, o que desejamos fazer; há sempre uma contradição, um conflito entre o que desejamos fazer e o que devemos fazer. E, assim, gradualmente, "o que desejamos fazer" começa a ceder, a desaparecer, ficando só a outra coisa: o que devemos fazer, o ideal — o que outros querem que façamos, o que nossos mestres, nossos pais, nossos colegas querem que façamos. No fundo de mim mesmo está o sentimento, o impulso, a tendência para fazer algo originado de mim mesmo; mas para se descobrir o que é essa ação originada de mim mesmo, requer-se muita compreensão. Não é o

caso de fazer o que me apraz. Qualquer um que se ache numa prisão que a si mesmo impôs, pode fazer o que entende, mas sua ação é superficial.

É muito difícil descobrirmos o que sentimos profundamente, o que sentimos interiormente, e o fazermos espontâneamente, com naturalidade, — muito difícil, porque nos achamos sob pressão. Já notastes como nos estão sempre a dizer que "devemos fazer **isto** e não devemos fazer **aquilo**"? Não é verdade isso? E, assim, gradualmente, nos habituamos a fazer as coisas sem pensar muito nelas. Tornamo-nos automáticos, qual máquina, ficamos funcionando sem muita energia, reflexão, penetração, amor, afeição, sensibilidade. Eis porque se nos torna difícil descobrir e fazer o que gostamos de fazer. E também a nossa educação não nos ajuda a descobrir o que realmente — profundamente, interiormente — desejamos fazer, pois nossos mestres e nossos pais acham que é muito mais fácil impor-nos pela educação, pelo contrôle, "o que devemos fazer". Obrigam-nos a fazer o que consideram ser nosso dever, nosso **Dharma**, nossa responsabilidade, e, assim, a pouco e pouco, se destróem as coisas emanadas da beleza interior, as coisas que sentimos poderiamos fazer se se nos desse oportunidade. E assim acontece que, interiormente, se trava, na maioria de nós, um conflito incessante entre a coisa que, profundamente, desejo fazer, aquilo em que estou interessado, e que exige muita compreensão e que se ponham de parte muitas coisas sem valor — e "o que devo fazer", o que a Sociedade exige, o que os mestres mandam e a tradição dita. Há, pois, um conflito entre as duas coisas e pensamos que a liberdade virá do manejarmos uma delas contra a outra, do disciplinarmos a nós mesmos segundo um determinado padrão de pensamento.

Não é muito importante que, nesta nossa escola, compreendamos a questão da disciplina? Num aglomerado de trezentos, cem ou mesmo dez meninos e meninas, deve

haver ordem; mas é muito difícil implantar a ordem no meio de muitos, porque cada menino e cada menina quer fazer algo de sua própria cabeça. Aqui, os estudantes são bem alimentados, muito jovens, cheios de vitalidade e ardor, e tendem a explodir. Os mestres precisam controlá-los, mantê-los dentro da ordem, fazê-los estudar, e regular-lhes a vida.

Ora, não achais que importa muito, tanto ao educador como também a vós, descobrir o que significa a disciplina, o que ela implica? Naturalmente, necessita-se de ordem, mas a ordem requer explicação, inteligência, compreensão, e não coação, o "fazei **isso** e não façais **aquilo**; se não fizerdes **isto**, tereis notas baixas, dar-se-á parte de vós ao Diretor, ao vosso tutor, aos vossos pais." A coação não pode trazer a ordem; ela, com efeito, só traz o cáos, produz apenas a revolta da mente sem beleza. Se fizermos, porém, os esforços necessários, se tivermos a paciência de explicar a importância de se ter ordem, haverá então ordem. Se, por exemplo, não vos apresentardes, todos juntos, à hora certa da refeição, pensai em quanto transtôrno isso causará ao cozinheiro; também que vossa comida ficará fria e poderá fazer-vos mal. Pensai também que, assim procedendo, vos ireis tornando cada vez mais desatenciosos. Êste é realmente o problema. Quando se tem consideração para com os outros, quando sois atenciosos — todos vós, velhos e moços — tem-se ordem. Infelizmente, entretanto, os velhos não têm consideração para com os outros; andam sempre muito preocupados consigo mesmos, seus problemas, suas dificuldades, suas ocupações.

Nesta escola, devemos, desde o comêço, compreender inteligentemente o que é disciplina. A disciplina resulta naturalmente, espontâneamente, da consideração para com os outros. Disciplina não é resistência; ela é, com efeito, ajustamento, não achais? Quando tendes consideração para com alguém, sabeis ajustar-vos; e êsse ajustamento é

natural, nascido que é da compreensão, da consideração, da afeição. Mas se se vos diz, meramente: "deveis chegar muito pontualmente para o jantar; do contrário, não tereis jantar e sereis punido" — nisso não há compreensão, nem consideração. Suponha-se que um menino não se levanta cêdo, de manhã; o inspetor disciplina-o, dizendo-lhe: "deveis levantar-vos cêdo, senão sereis punido", ou persuadindo-o amigàvelmente. Tôdas essas maneiras de proceder implicam temor e desatenção. O mestre tem de descobrir porque o aluno é preguiçoso. Pode ser que êle deseje atrair as atenções do mestre — provàvelmente faltaram-lhe no lar os desvelos do amor e, por conseguinte, êle sente necessidade de proteção; ou, ainda, talvez não se lhe esteja dando alimentação adequada, repouso suficiente, ou suficiente exercício. A menos que se considerem devidamente tôdas essas coisas, o problema da disciplina perde tôda a importância.

O que mais importa, por conseguinte, não é a disciplina, o contrôle ou coação, mas o despertar da inteligência, para que se possa considerar com compreensão e sem temor todos êsses problemas. Isso é dificìlimo, porquanto existem mui poucos mestres no mundo, capazes de compreender tôdas estas coisas. Ora, sem dúvida, a missão da nossa escola de Rajghat, a missão desta Fundação, é cuidar de que isso se faça, de modo que, quando os estudantes deixem êste Estabelecimento, sejam entes humanos reais, cheios de consideração para com os outros e dotados da inteligência que encara tôdas as coisas sem temor, que não funciona impensadamente, a inteligência que compreende e é capaz de ajustar-se, mesmo a uma sociedade corrupta. Estas questões deveriam ser consideradas todos os dias, não em meras preleções feitas pelos mestres, mas em discussões entre mestres e estudantes, a fim de que êstes, ao deixarem esta Instituição e ingressarem na vida, estejam preparados para enfrentar a vida, para que a vida lhes

corra feliz e não seja uma série ininterrupta de batalhas e tribulações.

PERGUNTA: *Diz-se que a ciência tem produzido benefícios bem como sofrimentos. A ciência é realmente benéfica ao homem?*

KRISHNAMURTI: Antes de dar resposta a esta pergunta, eu gostaria de saber se prestastes atenção ao que acabo de dizer. A pergunta foi disparada no mesmo instante em que acabei de falar. Não houve nenhuma pausa ou intervalo. Não vos estou criticando; não digo que fizestes mal. Mas não vos parece importante compreender o que outro está dizendo? Não estivestes realmente escutando o que eu dizia, porque revolvieis na mente a vossa pergunta. Já tenho dito a mesma coisa meia duzia de vêzes; entretanto, continuais a fazer isso. Não estais mostrando falta de consideração? Se realmente estivésseis interessado no que eu dizia, ter-lhe-íeis prestado atenção. Isso requer muita reflexão, porquanto tratamos de assuntos difíceis, e quando lhes prestais atenção não podeis saltar imediatamente com uma pergunta. Permiti-me sugerir amanhã tragais escritas as vossas perguntas. Tende a bondade de anotá-las num pedaço de papel; depois, quando eu tiver acabado de falar, aguardai alguns minutos ou segundos e fazei então a pergunta. Isso vos ajudará a perceber como a vossa mente está funcionando. O que eu digo não é muito complicado. Exponho em palavras o modo de funcionar da vossa mente. Se desejais compreender, se desejais ver como a vossa mente funciona — e esta é a única maneira de se estudar a vida — é muito importante compreendais as minhas palavras.

Dizeis que a ciência tem trazido muitos benefícios ao homem e ao mesmo tempo muito sofrimento e destruição. De modo geral, ela é benéfica ou destrutiva? Que pensais?

As comunicações melhoraram muito; pode-se mandar uma carta à América nuns dois dias. Pode-se ter as últimas notícias do mundo inteiro amanhã de manhã ou ainda esta tarde. Prodígios estão-se realizando todos os dias, em operações cirúrgicas. Ao mesmo tempo, temos navios de guerra e submarinos de espantoso poder destrutivo. Os submarinos mais modernos podem circunavegar o mundo indefinidamente, submersos, sem subir à superfície, movidos pela energia atômica. Há aeroplanos que transportam bombas capazes de destruir milhões de vidas humanas em poucos segundos. É a ciência que é má, ou o são os entes humanos, que fazem uso da ciência? Eu sou hinduista, muçulmano ou cristão; tenho, portanto, uma determinada idéia, que acho mais importante do que a idéia de outro qualquer, e sou muito nacionalista. Sabeis o que isso significa: quero dominar, quero controlar, não só indivíduos mas também grupos de indivíduos. Para isso, faço uso de meios destrutivos, faço uso da ciência. Sou eu que faço mau uso da ciência, e não é a ciência, em si, que é má. Os aviões a jato, em si, não são coisas más; mas dêles pode fazer mau uso a América ou a Rússia, ou a Inglaterra. Não é assim?

Podem os entes humanos transformar-se? Podem deixar de ser hinduistas e muçulmanos? Há divisão entre a Índia e o Paquistão, entre a Rússia e a América, entre a Inglaterra e a Alemanha, entre a França e outras nações. Podemos ser só entes humanos, sem sermos franceses ou hindus, para vivermos unidos? Pode-se ter um Govêrno que cuide de todos nós — não da Índia ou da América, apenas, mas de todos nós, juntamente, como entes humanos?

Quando os homens fazem mau uso da ciência, culpamos a ciência. Sois vós e sou eu — o russo, o americano, o francês, o alemão — que somos os responsáveis por tudo isso. Eis porque, nesta nossa escola, nunca deve existir

o sentimento de nacionalidade, o sentimento de classe, o sentimento de que um é brâmane e outro um intocável. Somos todos entes humanos, quer em Benares, quer em Nova Iorque, na Inglaterra, em Moscou. Êste é **nosso** mundo. Êste mundo é nosso, vosso e meu, e não dos russos, nem dos inglêses, nem dos hindus, nem dos paquistanis. É **nosso mundo.** Quando tivermos êsse sentimento, a ciência se tornará uma coisa maravilhosa; sem êle, iremos, com ela, destruir-nos uns aos outros.

PERGUNTA: *Dizeis que as pessoas de idade estão sempre inquietas e roendo as unhas. Nunca vistes pessoas mais novas fazerem a mesma coisa? Por que então apontar diretamente para os pobres dos velhos, que já têm tantas deficiências, dizendo que para nada servem?*

KRISHNAMURTI: Por que aponto os maus hábitos dos mais velhos e não aludo aos defeitos dos jovens?

Ora, sabe-se que os jovens são grandes imitadores, não é verdade? São mesmo que macacos, para imitar. Vêem alguém fazer uma coisa, e imediatamente a fazem também. Já não notastes como as crianças gostam de vestir-se de modo igual? Em certos países as crianças usam uniformes, e o menino ou menina que não veste um uniforme se sente deslocada, como se estivesse andando erradamente. É forte nos jovens o "processo" imitativo; e por isso, quando observam os mais velhos, se põem a imitá-los, e, uma vez que tanto os mais velhos como os jovens não estão bem cônscios do que estão fazendo, o círculo vai-se dilatando cada vez mais. Os mais velhos põem uma veste sagrada, e os jovens põem também uma veste sagrada. Uns velhos põem turbantes, e os jovens põem também turbantes. Nunca critiquei a geração mais velha. Isso não me é lícito, e seria impudente de minha parte fazer tal coisa. Mas, o que é importante para

vós é que observeis a vós mesmos, que estejais cônscios de vós mesmos, de vossas ações — tais como a de roer as unhas ou de esgaravatar o nariz. Deixareis então de praticá-las. Deveis estar cônscios de tudo o que se passa em vós e fora de vós, para que não vos torneis simples máquina imitativa.

PERGUNTA: *Como coibir os conflitos interiores?*

KRISHNAMURTI: Temos conflitos. Por que desejamos coibí-los? Prestai tôda a atenção. Não desejo discutir convosco, mas, tão só, esclarecer, compreender o problema. Portanto, não vou tomar vosso partido nem meu partido.

Temos conflitos, não é verdade? Se os compreendêssemos, não haveria necessidade de coibi-los. Coibimos o que não compreendemos. O mais velho reprime a criança, porque o mais velho não tem tempo, tem outras coisas para fazer. Portanto êle diz: "não faças" ou "faze!" — que é uma forma de coibição. Mas se o mais velho se desse tempo, tivesse paciência para explicar, para examinar o problema junto com a criança, não haveria o problema da coibição. Do mesmo modo, podeis encarar os vossos conflitos sem mêdo, sem dizerdes "isto é bom; isto é mau; devo reprimí-lo; não devo reprimí-lo". Se vêdes um animal estranho, não há vantagem alguma em lhe jogardes uma pedra. Deveis olhá-lo bem, ver que espécie de animal é. Do mesmo modo, se puderdes encarar os vossos sentimentos e conflitos sem lançar-lhes pedras, sem condená-los, começareis a compreendê-los.

A verdadeira educação deveria, desde o comêço, eliminar o conflito interior. É uma educação defeituosa a que nos faz ter essas lutas, essas batalhas, êsses conflitos interiores. Não tenteis coibir o conflito, mas, sim, encará-lo, compreendê-lo. Nunca o compreendereis, se tentais afastá-lo de vós, se tentais fugir dêle. Deveis, por assim

dizer, pô-lo sôbre a mesa e examiná-lo; e então, dêsse exame, virá a compreensão.

PERGUNTA: *Que é a verdadeira simplicidade?*

KRISHNAMURTI: Esta senhora está pedindo uma definição. Que é simplicidade? Que é amor? Que é a Verdade? Que é "um mundo bom", etc.? Tenho explicado todos os dias, e tornarei a explicar que a nossa mente quer sempre uma definição, pois, quando temos a definição de uma coisa, imaginamos ter compreendido essa coisa.

Esta mesma pergunta poderia ser feita de maneira diferente. Vejamos o que é simplicidade, para averiguarmos o que é a verdadeira simplicidade. A significação das duas palavras — "verdadeira" e "simplicidade" — pode encontrar-se no dicionário. Mas, para se compreender o que é simplicidade, requer-se muita reflexão e investigação. Talvez seja isso o que essa senhora deseja: deseja, talvez, conversar sôbre o assunto, investigá-lo, descobrir o que é simplicidade — não a simplicidade verdadeira ou falsa, mas a simplicidade.

Que é simplicidade? Existe "simplicidade verdadeira", distinta de "falsa simplicidade"? Só há simplicidade — nem falsa, nem verdadeira. Pois bem, que é "simplicidade"? Consiste ela em termos poucas roupas, só um ou dois vestidos, vivermos em casas de barro, andarmos de tanga e falando constantemente sôbre a "simplicidade"? Isto é simplicidade? Investigai-o. Não digais "sim" ou "não". Um homem que tem muito — poder, posição, roupas, casas — pode também ser muito simples. Não pode? Mais roupas e mais aparências não são indícios de que um homem não seja simples. A simplicidade é algo muito diverso. Evidentemente, ela deve começar do lado de dentro, e não do lado de fora. Compreendeis? Por exemplo, posso ter muito poucas roupas, uma simples tanga,

viver numa choupana de barro, como um eremita; mas, se interiormente tenho conflitos, temores, se tenho deuses, se pratico **puja,** ritos, **mantrams** — isso é simplicidade? Posso cobrir-me de cinzas, visitar os templos; mas, interiormente, posso ser extraordinàriamente complexo, ambicioso: posso desejar ser Governador ou aspirar ao **moksha** — o que vem a dar no mesmo pois, tanto num como no outro caso, o que se busca é a própria segurança; mas o homem que aspira à **moksha,** a êsse chamais religioso, e ao homem que deseja tornar-se Governador, chamais mundano.

Embora um homem seja exteriormente muito simples, dormindo poucas horas, lavando a própria roupa, vivendo como eremita, êle pode ser interiormente uma pessoa muito complexa, ser muito ambicioso, disciplinando-se, esforçando-se, lutando para alcançar o seu ideal de perfeição. Essa pessoa não é simples. Vem a simplicidade, quando se é realmente, interiormente, simples, quando não temos lutas, quando não desejamos ser **alguém,** quando não queremos **moksha,** quando não temos ideais, quando não ansiamos por coisa alguma. Ser simples significa **ser ninguém,** tanto neste mundo como no outro. Quando tenho êsse sentimento, não importa se vivo num palácio ou se tenho poucas roupas.

Temos uma tradição a respeito da simplicidade, da qual vivemos, a qual exploramos. A tradição diz que devemos ter poucas roupas, levantar-nos cedo, meditar — o que em verdade é só ilusão — lutar para melhorar o mundo, e não pensar em nós mesmos. Interiormente, porém, cada um só está pensando em si, da manhã à noite, porque cada um quer ser o mais perfeito dos humanos. E temos, assim, ideais de violência e de não-violência, ideais de paz. Interiormente, temos sentimentos em conflito, temos lutas; e exteriormente somos pessoas muito simples. Isto não é simplicidade. A simplicidade vem, apenas, quan-

do há em nós o sentimento de que nada desejamos — o que é muito difícil, pois requer muita inteligência. A verdadeira educação é a educação da simplicidade, e não a tradição de ter poucas coisas.

Agora, que acabo de responder, desejo saber se a referida senhora compreendeu o que eu disse, e o efeito que isso terá na sua vida. Dirá ela agora: "não me importa muito se tenho dez vestidos ou se possuo muitas coisas; antes de tudo tenho de ser muito simples interiormente"? Que ides fazer? Podeis abandonar o exterior e dizer: "não importa, tenho de começar do lado de dentro"? Quando compreendo o verdadeiro significado da simplicidade, ela começa a existir. Não tenho de lutar para ser simples. Lutar para ser simples, não é ser simples. Mas se percebo a verdade de que o exterior e o interior são um processo único, uma só coisa, sou então simples; não tenho de lutar para ser simples, pois essa luta, justamente, traz complexidades.

PERGUNTA: *Por que existimos e qual é a nossa missão na Terra?*

KRISHNAMURTI: Existis porque vosso pai e vossa mãe vos produziram; e sois o resultado de séculos de existência humana — não só do homem da Índia, mas do homem do mundo inteiro — não é verdade? Sois o resultado de tôda a Índia e de todo o mundo. Não nascestes de um acidente extraordinário, singular. Porque tendes o vosso fundo de tradição, sois hinduista ou muçulmano. Suponho não vos sentis insultado, se vos chamo muçulmano ou cristão. Sois produto do clima, da alimentação, do ambiente social e cultural, das pressões econômicas. Sois o resultado de séculos inumeráveis, resultado do tempo, de conflitos, dôres, alegrias, influências. Quando dizeis que tendes uma alma, quando afirmais que sois brâmanes

puros, cada um de vós está apenas seguindo a tradição, a idéia, a cultura, o legado da Índia, o legado secular da Índia.

Perguntais qual é a vossa missão na vida. Se não compreendeis o vosso "fundo", a tradição, a cultura, a vossa herança, se não compreendeis êsse quadro, tirais dêle, então, uma particularidade, uma idéia, uma certa feição, e dizeis que nisso está a vossa missão. Digamos que sois hinduista e fôstes criado dentro dessa cultura. Podeis, então, colher do hinduismo uma idéia, um sentimento, e fazê-lo vossa missão. Não achais? Pensais diferentemente, de maneira totalmente diversa de qualquer outro hinduista? Para descobrirmos a nossa potencialidade, temos de estar livres de tôdas essas pressões exteriores, de tôdas essas condições exteriores. Se desejo penetrar até à raiz da coisa, tenho de arrancar todo o joio — o que significa não devo mais ser hinduista ou muçulmano, não devo mais ter ambições nem temores nem ganância. Poderei então penetrar muito mais profundamente e achar a minha verdadeira potencialidade. Entretanto, se não me livro de tudo aquilo, não posso presumir uma dada potencialidade. Isso só conduz à ilusão, e é mera especulação filosófica.

PERGUNTA: *Como realizar isso?*

KRISHNAMURTI: Como poderá isso tornar-se realidade? Em primeiro lugar, é preciso sacudir tôda a poeira dos séculos. Isso requer muita e muita penetração. É preciso estar-se profundamente interessado na coisa. O eliminar-se a condição, o pó da tradição, a superstição, as influências culturais, requer a compreensão de si mesmo, e não instrução haurida de um livro ou de um mestre. Requer meditação.

Uma vez purificada a mente de todo o passado, pode-se então falar da realidade potencial. Fizestes esta pergunta.

Continuai a penetrá-la, a trabalhar, até descobrirdes algo que seja real, original, incorruptível. Não digais: "sim, deve haver essa coisa", "não, não deve haver". Continuai a trabalhar, pois não se pode descobrir com a mente corrompida aquilo que é incorrupto. Pode a mente purificar-se? Pode. Se a mente conseguir purificar-se, ela poderá ver, poderá descobrir. O expurgo da mente é Meditação.

PERGUNTA: *Por que choramos no sofrimento e rimos na felicidade?*

KRISHNAMURTI: Sabeis o que é sofrimento? Sofro, quando morre meu irmão ou minha irmã, meu pai ou minha mãe. Sofro, quando perco alguém a quem amo. Isso atua no meu sistema nervoso, não é verdade? Grito, derramo lágrimas, choro. Rio-me, quando me sinto feliz. A razão é a mesma, porque o riso é também reação nervosa.

Sofrimento e felicidade são duas coisas diferentes? Se vos feris e a dôr é muito forte, chorais, não? Tendes lágrimas nos olhos. É tão forte a dôr, que produz lágrimas. Esta é uma espécie de sofrimento — a dôr, a dôr física. Mas há também a dôr de perder alguém — quando a morte vem arrebatar-nos um ente que amamos. Isso dá-nos um choque, um sentimento de solidão, um sentimento de separação, um sentimento de abandono. Êsse choque, a sua reação, produz lágrimas. Rides, quando vêdes um sorriso. Quando vos sentis alegres, dançais, rides, sorrides. Estas são reações evidentes.

Somos entes humanos. Queremos felicidade constante, não queremos sofrer, não queremos ter lágrimas nos olhos; queremos sempre sorrisos nos nossos lábios — e aí é que começa a dificuldade. Queremos libertar-nos do sofrimento e ter felicidade, e porisso vivemos numa luta constante, numa batalha constante. Mas a felicidade não é uma coisa

que se possa obter. Ela vem quando não a procuramos. Se buscarmos a felicidade, por ela própria, ela nunca virá. Se fazemos, porém, uma coisa que achamos correta, que achamos verdadeira, que realmente gostamos de fazer, então, no fazê-la, vem-nos a felicidade.

12 de janeiro de 1954.

VIII

DIZ-SE que, sem ambição, nada se pode fazer. Nas escolas, na vida social, nas relações humanas, em tôdas as atividades da vida, achamos necessária a ambição, para se alcançar um certo fim, pessoal, coletivo, social, nacional. Sabeis o que significa a palavra "ambição"? Alcançar um fim, ter ímpeto, ardor pessoal; ter o sentimento de que, sem luta, competição, impetuosidade, nada pode ser feito neste mundo. Observai a vós mesmos e às pessoas que vos cercam, para verdes como os homens são ambiciosos: o escriturário quer ser Gerente; o Gerente, Diretor; o ministro, Primeiro Ministro; o tenente, General. Cada um tem a sua ambição. Também nas escolas estimula-se êsse sentimento, animando-se os estudantes a competirem entre si, cada um a ser melhor do que outro.

Tudo isso a que chamamos "progresso" está baseado na ambição. Se desenhais, quereis desenhar melhor do que qualquer outro; se esculpis uma imagem, quereis fazê-la melhor do que qualquer outro. Temos esta luta constante. O que acontece nesse "processo" é que o indivíduo se torna muito cruel. Com o desejo de alcançar um fim, o indivíduo se torna cruel, desumano, desconsiderado, no seu grupo, na sua classe, na sua nação.

A ambição, com efeito, é uma forma de poder — o desejo de poder sôbre mim mesmo e sôbre outros, de poder fazer alguma coisa melhor do que ninguém mais. Na ambição, há o senso de comparação; por conseguinte, o homem ambicioso nunca é um homem realmente criador, nunca é um homem feliz; em si mesmo, é um descontente. Entretanto, pensamos que, sem ambição, nada se criará, nenhum progresso se realizará.

Existe alguma forma de se fazerem as coisas, sem ambição, uma maneira diferente de viver, de agir, de construir, de inventar, sem a luta da competição, tão cheia de crueldades e que termina sempre com a guerra? Parece-me que há uma forma diversa de proceder. Mas essa outra maneira requer ação contrária a todos os hábitos estabilizados de pensamento. Quando buscamos um resultado, êsse resultado é que é importante para nós, e não a coisa que estamos fazendo, em si. Podemos compreender e amar a coisa que fazemos sem nos importarmos com o resultado que ela dê ou o ganho que nos proporcione, ou a fama, a reputação que nos grangeará?

O sucesso é invenção de uma sociedade gananciosa, dada à aquisição. Pode cada um de nós, durante nossa adolescência, descobrir a ocupação que realmente lhe agrada, qualquer que ela seja — remendar sapatos, construir pontes, ou ser um hábil e competente administrador? Podemos ter amor à coisa em si, sem nos importarmos com o que ela nos dará ou com os resultados que trará para o mundo? Se pudermos compreender êsse espírito, êsse sentimento, acho que a ação não criará mais sofrimentos, como os está criando atualmente; não estaremos mais em conflito uns com os outros. É muito difícil, porém, descobrirmos o que realmente gostamos de fazer, porque temos tantos impulsos contraditórios. Quando uma criança vê uma locomotiva correndo a tôda velocidade, tem vontade de ser maquinista. Quando somos pequenos, há para nós, numa locomotiva, uma beleza extraordinária. Não sei se notastes isto. Mais tarde, porém, essa fase passa e desejamos tornar-nos oradores, conferencistas, escritores, engenheiros — e isso também passa. Gradualmente, por causa de nosso corrupto sistema de educação, somos forçados a entrar num determinado canal, numa determinada rotina. E nos tornamos funcionários, ou advogados, ou "traficantes de malefícios". E na ocupação que adotamos passamos a vida

a competir, sempre a competir. Somos ambiciosos, e vivemos lutando.

A função da educação — enquanto estamos muito jovens e principalmente numa escola como esta — não é a de despertar uma inteligência que nos leve a escolher uma ocupação conforme à índole de cada um, um trabalho que gostamos de fazer e desejamos fazer, recusando-nos a exercer qualquer ocupação que detestamos ou que nos enfada, mas que temos de exercer, ou porque somos casados, ou por sermos arrimo de nossos pais, ou porque nossos pais acharam que devíamos ser advogados e não pintores? Não achais muito importante — enquanto estais jovens — que o mestre compreenda êste problema da ambição e procure obviá-lo, discutindo-o com cada um de vós, explicando e examinando profundamente o problema da competição? Isso ajudará cada um a descobrir o que realmente gosta de fazer.

Ora, nós pensamos segundo o critério de que o que fazemos deverá trazer-nos um benefício pessoal, ou um benefício para a Sociedade ou a Nação. Avançamos para a maturidade sem amadurecermos interiormente, sem sabermos o que desejamos fazer, porque estamos sendo obrigados a fazer coisas que nosso coração não pede. Por isso vivemos infelizes. Mas a Sociedade — isto é, os pais, tutores, amigos, e todos os que vos cercam — vos diz que sois uma pessoa admirável, quando lograis bom êxito na vida.

Sois ambiciosos. A ambição não existe só no mundo exterior, mas também no mundo interior, no mundo da psique e do espírito. Aí também queremos ser muito bem-sucedidos, queremos atingir os mais alevantados ideais. Esta luta constante para "vir a ser" é muito destrutiva, é uma luta desintegrante. Não é possível compreender êsse impulso para "vir a ser", e só nos interessarmos em ser o que realmente somos — como quer que sejamos — e,

daí, prosseguirmos? Se sou ciumento, posso reconhecer que sou ciumento ou invejoso, em vez de tentar tornar-me não-invejoso, mentalmente? O ciume é egocêntrico. Se sei que sou invejoso e observo êsse fato, sem interferir nele, verei então que, daí, surgirá algo extraordinário.

Quem quer "vir a ser alguma coisa", seja no mundo material, seja no mundo espiritual, é uma simples máquina e nunca conhecerá a verdadeira alegria. Só conhecerá a alegria aquêle que se percebe como de fato é, e fica a observar essa complexidade, essa beleza, essa fealdade, essa corrupção, sem tentar transformá-la em coisa diferente. Isso é dificílimo, porque a mente quer sempre tornar-se algo. Quereis ser filósofos ou grandes escritores. Podeis ser um grande escritor, e aspirar a ser um M.A. (1). Mas, vêde, essa ambição não é uma coisa criadora. Nessa ambição não há iniciativa, porque só estais preocupado com vosso próprio êxito. Adorais o deus bom êxito, e não a coisa que é. Por mais pobre que sejais, por mais vazio ou estúpido, se puderdes ver a coisa tal como é, isso começará a transformar-vos. A mente, porém, que só quer "vir a ser", não pode compreender o "ser". É a compreensão do "ser", a compreensão daquilo que somos, que produz uma extraordinária exaltação, a libertação do pensamento criador, da vida criadora.

Tudo isso é provàvelmente um pouco difícil para a maioria dos alunos. Como disse ontem, deveis conversar a seu respeito com vossos mestres. Consultastes os mestres? Tirastes dez minutos da hora da aula, para êsse fim? Que vos aconteceu, e que aconteceu ao mestre? Podeis dizer-mo? Pudestes compreender, com a ajuda do mestre, o que se disse?

Nesta manhã, estamos falando a respeito de algo que é de todo diferente da maneira tradicional de se considerar a vida. Todos os livros religiosos, todo o nosso sistema

(1) **Magister Artium (Mestre d'Artes).**

educativo, tôdas as nossas atividades sociais e culturais concorrem para o mesmo fim, que é o de realizar algo, "vir a ser" alguma coisa. Com isso não se criou um mundo feliz, mas só se causaram sofrimentos inauditos. Hitler, Stálin e Roosevelt, foram o seu resultado; e foram-no também os vossos líderes e guias, do passado e do presente.

A conseqüência da ambição é a infelicidade e não a felicidade do homem. Viver, porém, sem ambição, agir, criar, pensar, sem ambição, é muito difícil. Sem se compreender a ambição, não pode haver nenhuma atividade criadora. Um homem ambicioso nunca é criador e feliz; é um homem sempre torturado. Mas o homem que tem amor à coisa que faz, que a sente palpitar em si, é verdadeiramente criador; êsse é o revolucionário. Um comunista, um socialista, um congressista, um imperialista nunca pode ser revolucionário. O ente humano criador é interiormente muito rico, e nessa riqueza êle age e existe.

Pedi aos vossos mestres que vos expliquem o alcance do que acabo de dizer, e averiguai se é possível viver sem ambição.

Vivemos com a ambição. Ela é o nosso pão de cada dia. Mas êsse pão nos envenena, causa-nos tôda sorte de sofrimentos, mentais e físicos, pois no momento em que nos vemos contrariados e impedidos de realizar a nossa ambição, caimos doentes. Entretanto, o homem que tem o sentimento interior de estar fazendo a coisa de que gosta, que não está pensando em alcançar um fim, um resultado, êsse homem nunca encontra frustrações nem obstáculos e é o verdadeiro criador.

PERGUNTA: *Por que sentimos timidez?*

KRISHNAMURTI: É sempre bom ser um pouco tímido, não achais? O menino ou a menina que acredita poder empurrar todos os demais, sem reservas, sem um senti-

mento de hesitação, não é delicado e sensível como aquêle que é tímido. Um pouquinho de timidez é sempre bom, pois denota sensibilidade. Ser tímido demais, porém, implica um sentimento muito vivo do próprio "eu", não é verdade? Que significa esta expressão — "sentimento do próprio eu"? Significa: — estar cônscio de si mesmo, cônscio de sua própria pessoa, de sua dignidade pessoal. Uma tal pessoa é tímida no mau sentido, porque é um "centro de comparação". É o centro de onde olha para fora. Quando um menino está sempre a comparar-se com outro, torna-se cônscio de si mesmo, cônscio do próprio "eu". A maioria dos jovens tem êsse sentimento do próprio "eu"; depois de adultos, sentem-se um tanto desajeitados, um tanto timoratos e susceptíveis.

Creio, devemos conservar por tôda a vida aquela sensibilidade, aquêle sentimento de delicadeza, de ligeira timidez, porque êle implica uma grande sensibilidade. Estou negando êsse sentimento, quando digo: "pertenço a tal classe; tenho posição, autoridade; sou uma pessoa importante". Quando acreditais ser uma pessoa importante, perdestes tôda a sensibilidade, tôda a delicadeza; e não há mais a beleza de se ser tímido. Devemos ser cautelosos, tímidos, no investigar. Se fordes cautelosos no investigar, se fordes muito sensíveis, compreendereis tôda a complexidade, tôda a beleza, tôdas as lutas da vida. Mas, sem êsse sentimento de hesitação, sem essa timidez não tingida de temor, nunca vereis as coisas da vida, jamais vereis as árvores e seus matizes, ou o pássaro pousado tranqüilamente no poste telegráfico.

PERGUNTA: *Como podem progredir os entes humanos, sem ambição?*

KRISHNAMURTI: Pensais que as invenções são resultado da ambição? Pensais que o inventor, o cientista que se

consagra ao estudo de um problema, que o verdadeiro pesquisador científico tem ambição? Acreditais era ambicioso o homem que inventou o avião a jato, o motor de jato? O inventor inventa; os ambiciosos vêm depois, aproveitar a sua invenção para os seus fins — ganhar dinheiro, fazer guerras, etc.

Já se realizou alguma coisa através da ambição? Pode uma pessoa mudar de posição — obter um emprêgo melhor, um cargo melhor, de Diretor, Governador, Coletor; mas significa isso agir, viver, progredir? Vêde o carro de bois e o avião a jato; aí temos o que em geral se chama "progresso". Houve com efeito um progresso espantoso do carro de bois ao avião a jato, da mala-postal ao teletipo, à comunicação instantânea. Nossa idéia de progresso toma sempre uma determinada direção, sem levar-se em conta todo o significado da ambição. Suponhamos que se descobrisse aqui um poço de petróleo. Que aconteceria então, segundo vos parece? Logo começaria a funcionar a máquina da exploração. Não afirmo que não seria desejável descobrir-se um poço de petróleo em Benares, mas desejo salientar apenas que a idéia de progresso se resume em aproveitar êsse petróleo, em produzir mais e cada vez mais, sem se compreender o complexo problema da ambição.

Um exemplo muito simples: um missionário dos Mares do Sul mantinha uma escola dominical, com leitura da Bíblia, para os seus paroquianos. Passado algum tempo, notando que ouviam com muita atenção a leitura das narrativas bíblicas, pensou êle: "que bom seria se todos soubessem ler". Foi então à América, a fim de angariar os fundos necessários; depois, voltou e ensinou todos a ler e escrever. Qual não foi, então, o seu espanto ao ver que gostavam mais de ler revistas humorísticas do que a Bíblia.

O verdadeiro progresso, pois, é aquêle que se verifica em nossa mente. Estais fazendo progresso aí, ou sois meros discos de gramofone, a repetir sempre e sempre as mesmas velharias, cômicas, trágicas, ou estúpidas?

PERGUNTA: *Por que nasce gente no mundo?*

KRISHNAMURTI: Por várias razões — paixão sexual, desejo de ter filhos. A razão é muito simples. Considerai uma árvore ou um arbusto que floresce. A natureza quer conservar as espécies que criou. Compreendeis? A mangueira dá flôres; a flor é polinizada e se torna fruto. Na manga há um carôço, que se joga fora e que, caindo em solo fértil, medra e se torna árvore, que dá muitas outras mangas. Nesse processo há uma continuidade, não é exato? O mesmo acontece com os entes humanos; há a continuidade da espécie. Mas as mangas não brigam entre si; os tigres não se matam uns aos outros; só nós, os entes humanos, nos destruimos mùtuamente; somos a única espécie cujos indivíduos se exterminam reciprocamente; e a capacidade de matar se chama, entre nós, "progresso". Será isto progresso?

PERGUNTA: *Dizem: "crueldade, teu nome é mulher".*

KRISHNAMURTI: Estais-me propondo uma charada? Sabeis o que é uma charada? — Uma pergunta enigmática que temos de resolver e decifrar. Por que vos incomodais com tudo isto? Como sabeis, primeiro lemos uma coisa num livro, e depois queremos decifrá-la. Outros dizem: "mistério, teu nome é mulher!" Que significa isso? As mulheres não são assim tão misteriosas na sua organização. O verdadeiro mistério não é êste. Mas nós nos satisfazemos com mistérios superficiais; gostamos de feiticeiros, quartos escuros, pessoas misteriosas. Procuramos mistérios. Mas, não existem mistérios. O que chamamos mistérios são invenções da mente.

Se puderdes compreender as operações da mente e transcendê-las, encontrareis o verdadeiro mistério. Muito poucos dentre nós, porém, são capazes de passar além e

alcançar êsse mistério. Todos nos satisfazemos com os mistérios superficiais de um romance policial ou de um santuário. Se cada um fôr capaz de compreender as operações da sua própria mente, e ultrapassá-las, encontrará coisas extraordinárias.

PERGUNTA: *Por que sonhamos?*

KRISHNAMURTI: Tendes sonhos? Que espécie de sonhos costumais ter? Se ides dormir com o estômago cheio, tendes uma certa espécie de sonho. Há várias espécies de sonhos.

Que pensais que são os sonhos? O sonho é uma coisa muito complexa. Mesmo quando estais desperto, a andar na rua ou tranqüilamente sentado, podeis estar sonhando, porque a mente está pensando em várias coisas. Podeis estar sentados aqui e estar pensando que estais em casa, imaginar o que vossa mãe, vosso pai, ou vosso irmão mais novo está fazendo, em casa. Esta é uma espécie de sonho. Embora estejais sentados e quietos, a vossa mente está ausente, imaginando, especulando, vagueando.

De modo idêntico, quando dormis, a vossa mente fica à sôlta, a imaginar, a vaguear, a especular. Há então sonhos, nascidos das profundezas do inconsciente. E há os sonhos premonitórios, os sonhos sugestivos. É possível a um homem, não ter sonhos, em absoluto, mas dormir profundamente e descobrir, nessas profundezas, algo que nenhum espírito consciente ou inconsciente é capaz de descobrir, de fazer surgir?

A mente é uma coisa verdadeiramente extraordinária. Passais dezoito, vinte anos a aprender as mesmas matérias e a fazer exames; mas não dedicais uma hora, nem 10 minutos sequer, a compreender essa coisa estranha que se chama "a mente". Se não compreenderdes a mente, o passardes em exames, o obterdes empregos ou o vos tornardes Ministro, muito pouco significa. É a mente que cria

ilusões; e se não compreendeis êsse fabricante de ilusões, vossa vida tem muito pouca significação.

Compreendeis tôdas essas coisas de que falo? A dificuldade é que estou falando em inglês; mas duvido muito que o compreendêsseis ainda que eu falasse hindustaní. Compreenderíeis as palavras, mas não tôda a significação, todo o alcance das palavras. Tendes de consultar os vossos mestres ou os vossos pais a êste respeito.

O que tenho falado é uma questão que interessa tôda a vossa existência. Não basta que apliqueis um ou dois dias à compreensão do que está implicado nas minhas palavras; tendes de compreendê-lo no vosso viver, durante tôda a vida. Mas não se pode viver, não se pode compreender, quando somos impelidos, sempre e só, pela ambição, pelo temor. Para compreender, necessita-se sensibilidade, uma certa liberdade da psique; e isso vos será negado, se não compreenderdes as operações da vossa mente.

PERGUNTA: *Como se pode compreender um problema?*

KRISHNAMURTI: Aí está uma pergunta inteligente — Como compreender um problema?

Que é a solução de um problema? A maioria das pessoas quer a solução de um problema. Êsse menino, porém, quer saber como é que se compreende um problema e isso é muito diferente. Êle não está em busca de uma solução; pelo menos assim o espero.

Não há solução para problema nenhum, e, portanto, é absurdo procurá-la. Mas se sou capaz de compreender um problema, a solução é então a própria compreensão do problema. Vêde, Senhores: tendes um problema de matemática. Não lhe conheceis a solução, mas podeis encontrá-la no fim do livro. A vida, entretanto, não é assim. Ninguém vos dará a sua solução. Se alguém vo-la dá, êsse

alguém é um estúpido. Mas, se fordes capaz de estudar um problema e compreendê-lo, tereis então, nessa própria compreensão, a solução.

Desejais saber como compreender um problema. A primeira coisa, evidentemente, é não ter mêdo do problema. Entendeis? Porque, se lhe tendes mêdo, não podeis encará-lo e o que fazeis é fugir dêle. A segunda coisa é: não condená-lo, não dizer que êle é terrível, medonho, angustioso. Em seguida, não comparar o problema com outro problema, nem vos acercardes do problema com uma dada medida ou valor comparativo. Isto é um pouquinho difícil. Se quando temos um problema já temos a seu respeito um juizo claro, uma solução, não o compreenderemos. Para se compreender o problema, por conseqüência, não deve haver comparação nem mêdo, nem julgamento; são estas as coisas essenciais que vos ajudarão a compreender o problema. Não há realmente problema, a não ser o que se cria pela comparação, pelo mêdo e pelo julgamento.

Discuti sôbre estas coisas com vossos mestres e entre vós. Deixai que estas idéias, estas palavras penetrem as vossas mentes, de modo que possais familiarizar-vos com tôdas elas. Estareis então aptos a enfrentar os problemas da vida.

13 de janeiro de 1954

IX

HÁ vários dias vimos discutindo a questão do temor. Apreciaremos agora o que considero ser um dos nossos maiores problemas: como impedir que a mente se torne imitativa?

Sabemos que há imitações óbvias: copiar, aprender uma coisa, comer de certa maneira, vestir certas roupas, aprender a andar de bicicleta, a operar um motor, aprender uma técnica, etc. Estas são as imitações superficiais, óbvias, que são necessárias, que são úteis e essenciais. Mas, por fôrça da tradição, a mente se torna um instrumento que só funciona na rotina da imitação.

Vou falar sôbre um assunto talvez difícil. Se o achardes difícil, conversai a seu respeito com os vossos mestres. Fazei-lhes perguntas, pois é muito importante impedir que a mente se cristalize, se embote, e fique funcionando como uma simples máquina, sem libertação de suas fôrças criadoras.

É muito importante compreender como a mente cria para si mesma a tradição — a tradição imposta pela pressão das influências sociais e ambientes, ou a tradição criada por certas condições, padrões, barreiras. É sôbre o processo da imitação que devemos refletir, e não sôbre a maneira de libertar a mente ou a maneira como a mente poderá libertar-se do seu próprio "processo" imitativo.

Para a maioria de nós, a experiência é tradição, a experiência se torna tradição. Compreendeis o que quero dizer com "experiência"? Vêdes uma árvore; a visão, a percepção cria uma experiência, não é? Vêdes um carro; o próprio ato de ver é "experimentar", e a experiência cria

uma tradição. Vossa mente está tolhida pela tradição, sendo a tradição memória; e quanto mais velhas as pessoas, quanto mais antiga a raça, tanto mais opressivas são as tradições. A mente vive dentro da tradição, funciona dentro da tradição, e atua dentro da tradição. Torna-se imitativa, porque está experimentando a tôdas as horas: vendo um pássaro, um homem, uma mulher, sentindo dôr, vendo a morte, a doença, um aeroplano, um carro de bois, um burro transportando uma enorme carga, um camelo sobrecarregado, ou um touro a investir contra outro. Tudo isso são experiências. Quando estimulada, a mente cria, de cada experiência, uma tradição, uma memória; e a mente se torna assim um fator de imitação. O problema é: estar-se realmente livre da imitação, da acumulação da tradição, uma vez que sem essa liberdade não pode haver criação.

Pode-se dizer que todo o mundo tem muito pouca liberdade para viver, criar, ser. Criar não significa ter filhos ou escrever poemas; não é a isso que me refiro, mas à energia criadora da mente que está livre da tradição, livre da experiência, que reforça a tradição, livre da memória. Isto, como já disse, é um tanto difícil; mas deveis escutar o que digo assim como quem escuta música, como quem contempla a beleza do rio e das árvores, vetustas e copadas e cheias de sombra. Deveis vê-lo, como se vêem os belos quadros do Museu, as belas estátuas dos gregos e dos egípcios. É assim que deveis escutar o que digo, pois, se tendes intenções sérias, se tendes o desejo de investigar, deveis alcançar aquela liberdade, porquanto a mente imitativa, tradicional, nunca será criadora.

Funcionais dentro da tradição, porque temeis o que as pessoas dizem, o que dizem vossos vizinhos, vossos pais, ou tutôres, ou vossos sacerdotes. Tendes mêdo. Por isso agis segundo a antiga maneira de pensar. Sois brâmane ou outra coisa, e continuais a sê-lo até à morte, moven-

do-vos dentro do mesmo círculo, do mesmo padrão, da mesma estrutura. Isto não é liberdade. Não está a mente então livre do pensamento que nasce da experiência, das tradições, da memória; está ancorada no passado, e por essa razão não pode ser livre.

Muito se fala de liberdade de pensamento. Escrevem-se livros sôbre como o pensamento deve ser livre. O pensamento, porém, jamais pode ser livre. A mente está sempre e sempre "experimentando", consciente ou inconscientemente, quer estejais a olhar pela janela, quer estejais de olhos fechados, quer dormindo; ela está sempre a experimentar influências várias — de pessoas, do clima, da alimentação. Crenças e pensamentos diversos estão a assaltar a mente sem interrupção. A mente está de contínuo acumulando, e dessa acumulação, dessa tradição, dessas memórias inumeráveis, ela atua. Esperar que a mente em tais condições seja livre, é o mesmo que dizer a um homem que está a morrer, que seja livre. Um homem que está a morrer não pode ser livre, não pode ver coisa alguma nova, por causa da sua memória. A memória é o resultado de ontem; e para que se possa ver qualquer coisa nova, para que se possa criar algo totalmente novo, deve extinguir-se tudo o que está ancorado no passado, tudo o que pertence ao passado; só então pode haver liberdade para se pensar.

Naturalmente, necessita-se de liberdade para pensar; mas a tradição, os Governos, a política partidária — essas coisas não nos deixam pensar. Obrigam-nos a pensar numa determinada direção, e êsse pensar é sempre limitado. Se me solto de uma condição, para pensar diferentemente, continuo limitado. Digamos, por exemplo, que sou muçulmano e me liberto dos costumes, das tradições, dos hábitos de pensamento próprios dos muçulmanos, e me torno comunista. Isso ainda é pensar; é ainda o processo de imitação, o processo de experiência, processo de memória;

e o pensar pelo novo padrão comunista, em vez do antigo padrão muçulmano, é ainda um pensar limitado.

Nossa questão, por conseguinte, é esta: "pode a mente ser livre"? — não livre da experiência, mas livre para experimentar sem acumular? Ser livre da experiência é impossível; é o mesmo que estar morto. Pode a mente, no seu "experimentar", deixar de criar tradições? Suponhamos que vêdes uma bicicleta bonita, novinha em folha, com guidão niquelado; vêdes a beleza das suas linhas, o brilho dos metais, e vos sentis atraido; desejais possuí-la e a adquiris. A própria aquisição da bicicleta é para vós uma experiência, e essa experiência se vos estampa na mente, e dizeis: "é minha". Durante alguns dias ou semanas a mantendes bem cuidada e polida, e depois a esqueceis. Mas, ela criou em vossa mente a experiência, que se tornou uma "tradição", e essa tradição se vos instala na mente. Depois da bicicleta passais a desejar um automóvel; depois do automóvel quereis um aeroplano, se tendes dinheiro para comprá-lo; e assim por diante, sempre dentro do campo da imitação. Êsse movimento do desejo, da bicicleta ao avião a jato, está sempre dentro do mesmo padrão, e não é liberdade.

A liberdade vem quando a mente experimenta sem criar a tradição. Não digais: "como é possível isso?", "como posso conseguí-lo?". Fazendo tal pergunta, já criaste um padrão. O "como" sugere o padrão. O "como" implica: a maneira de alcançar o padrão, — e justamente nesse processo de copiar o método, criou a mente a tradição e nela se deixou enredar. Por conseguinte, não há "como" para a liberdade, não há caminho para a liberdade. Mas se observardes, simplesmente, se virdes e estiverdes cônscio da maneira como a mente "experimenta" e cria a tradição, e nela fica enredada; se ficardes simplesmente cônscio do processo e o compreenderdes, dessa compreensão surgirá

algo inteiramente diferente, uma liberdade que não está ligada à experiência.

É importante que se compreenda isso, porquanto em nossas escolas, em nossa educação, só se nos ensina a cultivar a memória e a aprender fórmulas; a mente é educada exclusivamente dentro do processo da imitação. Quando se lê a história, quando se estuda ciência, física, filosofia ou psicologia, a função do mestre é tôda imitativa; aprendeis o que êle ensina, e por conseguinte imitais também. Assim, pois, da infância à morte, persiste em vós êsse processo de imitação, êsse cultivo da memória. Estais vivendo dentro da rotina da imitação, da tradição. É só isso que sabeis, esta é tôda a vossa cultura, e por essa razão existem tão poucos homens criadores. Lançar fora tudo isso, ver se a memória é essencial ou prejudicial, um empecilho — tal é a função da educação. Entretanto, começamos sempre pelo lado errado; cultivamos primeiro a memória, e depois dizemos: "como poderei alcançar **a outra coisa**"? Mas, se se salientar a importância da "outra coisa", ou sôbre ela se falar, vendo-a, investigando-a, sentindo-a — o que é verdadeira educação — então o aprendizado da técnica de determinada profissão se tornará uma coisa secundária, conquanto necessária.

A função primária da educação não é a de libertar a mente de suas próprias experiências, que são condicionadas, para que possa haver uma vida criadora e se conheça aquela coisa inexprimível, criadora, que chamamos Deus ou a Verdade?

PERGUNTA: *Por que é que odiamos alguém e de onde se origina êsse sentimento de ódio?*

KRISHNAMURTI: Por que se odeia e de onde procede êsse sentimento?

Por que um homem odeia? Odiais alguém? Ou esta

é apenas uma pergunta acadêmica, casual? Não tendes aversão a alguém? Estou certo de que tendes. Em primeiro lugar, tendes aversão a certas pessoas, porque vos fizeram algum mal, vos insultaram, vos chamaram nomes ou vos tomaram um brinquedo; ou porque não gostais "da cara delas"; ou por não saberem sorrir gentilmente, ou são rudes, vulgares, estúpidas. Vossa reação natural, pois, é a de dizer: "não vos aproximeis de mim!" É uma reação puramente natural, não é? Nela não há nada de culpável.

Condenar qualquer coisa, é a mais estúpida das ações. Não se deve condenar o ódio, mas sim examinar como se origina êle. Se dizeis: "odiar é máu, estúpido" — o que é estúpido é essa condenação. Mas se se investigar como vem à existência a aversão — como se investiga o desabrochar de uma flor — pode-se então fazer alguma coisa. Se nos limitarmos a condená-la e pô-la de parte, ela continuará a existir.

Temos aversões, por muitas razões. Pode ser uma razão pessoal: alguém nos maguou, nos afrontou, tomou-nos alguma coisa, humilhou-nos; ou temos ciúmes de alguém, e por tal razão o odiamos. Podeis detestar uma pessoa gentil, limpa, bonita, por não serdes igual a ela — desejais ser, mas não podeis. Perguntastes como se origina o ódio. Estou tentando mostrar-vos como nasce êle. Cultivais uma planta delicada; vem outro menino e a arranca. Ficais detestando êsse menino, por ter destruido uma coisa a que tínheis amor e que tratáveis com carinho.

Nossa vida, da infância à velhice, é tôda um processo de inveja, ódio e frustração — um sentimento de solidão, de fealdade. Mas se o mestre, o pai, o educador, se der ao trabalho de mostrar ao jovem como nasce o ódio, sem declará-lo mau ou bom, nem mostrar como dominá-lo — pois isso não é senão uma maneira muito estúpida de atender à questão — criando assim a inteligência, fazendo nascer a claridade, para que o jovem possa ver como se

origina o ódio; então êle, o jovem, perceberá dentro em si mesmo o conflito, a luta, e reconhecerá que a luta não o conduzirá a parte alguma. A compreensão de todos êstes problemas e do processo que implicam, isso é que é educação.

PERGUNTA: *Como se pode ficar livre da indignação?*

KRISHNAMURTI: Que quereis dizer com "indignação"? Significa que, quando vêdes um homem bater num burrinho que leva pesada carga, vos sentis indignado? — que vos sentis "justamente indignado" ao verdes um homenzarrão surrar uma criança? Pode haver "indignação justa"?

Fizestes uma pergunta, e não estou certo se tendes interêsse em compreender todo o seu significado. Nós, em geral, nos indignamos por várias razões e depois de nos irritarmos, procuramos descobrir como nos livrarmos da irritação. O importante, porém, é que se descubra o "movimento" da cólera, a maneira como se manifesta, e detê-lo, antes que se elabore o veneno. Estais compreendendo? Como a cólera surge, êste é o nosso problema, e não "como nos livrarmos da cólera". Entendeis? Sinto ciúmes, porque possuis uma coisa que não possuo; vossa espôsa é mais bela do que a minha, e tenho ciúmes; luto e me sinto irritado contra mim mesmo, desgostoso comigo mesmo. Digo então: "não devo sentir cólera; devo dominar a cólera — como fazê-lo?" Como não sei o meio de evitá-la, o meio de evitar o aparecimento do ciúme, de matar o sentimento antes de nascer, procuro um **guru**. Entretanto, o problema continua a existir.

Pode-se compreender como nasce o ciúme, para impedir que nasça? Ora, é melhor tomar alimentos saudáveis e gozar boa saúde, do que comer coisas nocivas, cair doente e procurar o médico. Estamos sempre a comer coisas nocivas; depois tomamos pílulas ou procuramos o médico.

Mas se tomássemos o alimento adequado, não precisaríamos procurar o médico.

O que digo, pois, é o seguinte: "procuremos descobrir o alimento adequado" — isto é, aprendamos a considerar inteligentemente os problemas, a fim de evitar-lhe o aparecimento. Sem dúvida, a educação consiste nisto: prevenir o problema, em vez de procurar uma cura para êle.

PERGUNTA: *O sofrimento constante destrói a sensibilidade e a inteligência do homem?*

KRISHNAMURTI: Que achais? A mente que está sempre ocupada com alguma coisa: com a prática de **puja**, com seguir alguém, com o sofrimento, com uma teoria, uma filosofia, com suas próprias atribulações, sua própria beleza, seu próprio sofrer, seus próprios triunfos e derrotas — essa mente, por certo, se torna insensível. Como deveis saber, se vossa mente, se vossa atenção está fixada numa determinada coisa, não tendes oportunidade para olhar ao redor de vós. Pode, essa mente, ser sensível?

"Ser sensível" significa "olhar tudo o que nos cerca, ver a beleza e a fealdade, a morte, a tristeza, a dôr, a alegria". Por conseguinte, é óbvio, a mente que sofre se torna insensível, pois o sofrimento é sua ocupação; a mente utiliza o sofrimento como meio de proteção. Morre meu filho, ou morre meu marido, minha espôsa, e vejo-me abandonado; estou sem companheiro e minha vida parece ter sido aniquilada. Fico sofrendo, e por ora a minha mente não tem interêsse em ficar livre do sofrimento; faço do sofrimento um novo meio de existência. Compreendeis? A mente se serve do sofrimento, como da alegria, para enriquecer-se, porque pensa que, sem estar ocupada, ela é pobre, vazia, e estúpida sua existência. Justamente esta ocupação da mente causa a sua destruição. O sofrimento, assim como a alegria, não é uma coisa com que devemos

ocupar-nos. A mente deve compreender porque existe sofrimento, em vez de conservar-se ocupada com o sofrimento. A mente quer segurança, seja no sofrimento, seja na alegria. Por conseguinte, o sofrimento se lhe torna o meio de segurança. Isto não é uma alegação rude, de minha parte; porque, se pensardes bem, vereis como a mente ilude a si mesma. Só a mente que não está ocupada é inteligente, sensível.

Nada adianta indagar **como** pode estar a mente desocupada. O "como" é uma coisa com que a mente engana a si mesma.

PERGUNTA: *Como diferençar a memória que é essencial, da memória que é prejudicial?*

KRISHNAMURTI: Com a experiência, a tradição, a mente cria a memória. Pode a mente ficar livre do acumular, embora "experimentando"? Compreendeis a diferença? O que se necessita não é o cultivo da memória mas o estar-se livre do "processo" acumulativo, da mente.

Vós me ofendeis, e isso é uma experiência; guardo a ofensa, e isso se torna minha "tradição". Dessa "tradição" é que olho para vós; dessa tradição é que reajo. Tal é o processo ordinário da minha mente e da vossa mente. Ora, é possível que, embora me ofendais, deixe de verificar-se o processo acumulativo? Os dois processos são inteiramente diversos.

Se me dirigis palavras insultuosas, isso me ofende; mas se não dou importância à ofensa, ela deixa de tornar-se o "fundo" de onde parte minha ação; dest'arte, posso encontrar-me convosco de maneira nova. Isto é educação real, no sentido profundo da palavra. Porque, embora eu perceba os efeitos condicionadores, da experiência, a minha mente não fica condicionada.

PERGUNTA: *Mas, por que a mente acumula?*

KRISHNAMURTI: Perguntais: "por que a mente acumula?" Por que razão achais que ela acumula? Prestai atenção a isso. Sabeis qual é a resposta? Estais esperando que eu responda, para dizerdes "sim"? Se não esperardes a minha resposta, o problema "por que a mente acumula?" produzirá em vós uma possibilidade de criar.

Aí está o problema: "por que a mente acumula?" Fizestes esta pergunta, porque não sabeis a resposta. Mas, se vos puserdes frente a frente com o problema, a mente se vos tornará muito inteligente e achará, com tôda a certeza, uma resposta. A pergunta, por conseguinte, desperta a vossa própria iniciativa, vossa capacidade criadora; dá-se uma libertação que desperta a vossa capacidade de descobrir, de ter iniciativa, de ser criador, de ter uma visão das coisas totalmente diferente.

O problema é: "por que a mente acumula?" Considerai-o bem. Provàvelmente algum livro religioso, algum instrutor, ou algum psicólogo já vos disse por que razão a mente acumula. Não importa o que foi dito por Ramanuja, ou Sankara, ou Jesus — pois isso é sempre o que outro disse, e não um descobrimento feito por vós mesmo. Compreendeis? Vós tendes de descobrir. Para poderdes descobrir tereis de pôr de parte o que outros disseram. Não achais? Tendes pois de pôr de parte tudo o que vos disseram a êste respeito, tudo o que lêstes a êste respeito. Descobrireis então porque é que a mente acumula.

Para começarmos de maneira muito simples: por que acumulais roupas? Por conveniência, não? Afora a necessidade, que é a conveniência, sentis também a satisfação inerente ao possuir muitas roupas, ter um guarda-roupa bem fornido, sentimento êsse que vos dá um certo bem-estar, uma sensação de segurança. Primeiro há a necessidade, que é a conveniência; da conveniência, passa-se à

satisfação psicológica: o guarda-roupa cheio vos dá o sentimento que vos faz dizer: "possúo algo, sou **alguém**". Vosso guarda-roupa é vossa segurança. Do mesmo modo, a mente acumula conhecimentos, erudição, lê muito, fala muito, sabe muito. E, assim, o saber — essa gradual acumulação no guarda-roupa da mente — se torna a vossa segurança. Não é assim? A mente, portanto, acumula, por querer sentir-se em segurança.

Não sentis muito orgulho porque sabeis muitas coisas — história, ciência, matemática? Sabeis conduzir um automóvel. — A capacidade de fazer uma coisa não vos dá um sentimento de segurança, de satisfação? É por isso que a mente acumula. Se cultivais a virtude de ser bom, de ser benevolente, amorável, generoso, êsse cultivo é processo de acumulação, e nessa acumulação — que chamais virtude — vos sentis bem protegido. A mente está sempre ocupada, porque quer segurança, proteção. Tem muitos armários. Quer sempre ter um armário cheio, que a faça sentir-se completamente segura. Mas essa mente é mente imitativa, incapaz de criar. Se observardes a mente em operação e compreenderdes o "processo" da acumulação, vossa mente deixará de acumular. Tereis memória, porque ela é necessária; mas não a utilizareis para vos sentirdes em segurança, para vos sentirdes **alguém**.

Há "memórias" necessárias. É absurdo dizer: "há trinta e cinco anos que construo pontes, e agora preciso esquecer-me de como se constrói uma ponte". Eu me refiro ao processo mental de acumulação, do qual resulta a formação da "tradição", do fundo de onde se origina o pensamento. Êsse pensamento nunca é livre. E é só quando a mente não tem acumulações e não há pensamentos resultantes da acumulação, é só então que a mente pode ser criadora.

PERGUNTA: *Por que um homem abandona a sociedade e se torna "sanyasi"?*

KRISHNAMURTI: Como sabeis, a vida é muito complicada, e por isso um homem deseja uma vida simples. Quanto mais culta e mais velha e mais vigilante a pessoa, tanto maior a necessidade de uma vida simples. Não falo do "sanyasi" falsificado, aquêle que se veste com panos de côr e usa barbas, mas do verdadeiro "sanyasi", o homem que percebe a complexidade da vida e a põe à margem. Aqueloutro sanyasi, infelizmente, começou pelo lado errado. A simplicidade está na outra ponta. As duas pontas devem tocar-se. Não se deve começar do lado exterior. O sentimento da simplicidade surge, vem à existência, quando a mente está livre da acumulação.

Em geral um "sanyasi", que renunciou ao mundo, diz: "o mundo é muito estúpido e muito complicado; há preocupações demais — a família, os filhos e os empregos que deverão ter ou não deverão ter, etc. etc.", Por isso êle diz: "não quero saber de mais nada disso", e retira-se da chamada "vida mundana". Põe uma veste côr de açafrão e diz: "renunciei ao mundo". Entretanto, êle continua a ser um ente humano, com todos os seus apetites sexuais, etc., todos os seus preconceitos, tôdas as suas ilusões. Por conseguinte, sua simples renúncia ao mundo nada significa.

Como nos enganamos fàcilmente! Pensamos que com vestirmos um pano amarelo — a coisa mais fácil do mundo — abandonamos a "vida mundana"! Ora, a simplicidade não vem, senão quando compreendemos o complexo "processo" da crença, da dôr, do sofrimento, da inveja, da acumulação. Pode-se ter muito ou pouco dos bens mundanos; pode-se ter muitos filhos ou nenhum filho. A simplicidade não está no possuir pouco. A compreensão da beleza interior traz a simplicidade, a riqueza interior. E

sem a riqueza interior, o simples renunciar a umas poucas posses, ou o vestir um pano amarelo nada significa.

Não vos deixeis enganar pelo "pano amarelo". Não venereis a mera ostentação exterior de renúncia, que nada significa. O que tem significação nunca pode ser recebido, jamais pode ser aprendido de outrem. Podeis achá-lo por vós mesmo, quando sois realmente simples, quando tendes, não as cinzas da renúncia exterior, mas a liberdade interior, de todos os conflitos, coações, ambições, imitações. Pode-se então ser um ente humano criador, verdadeiramente útil ao mundo — e não um "sanyasi", sentado à beira de um rio, entregue aos seus devaneios...

14 de janeiro de 1954.

X

NÃO sei já notastes que o mêdo é uma coisa muito estranha. Quase todos nós temos mêdo, de uma ou de outra espécie, e o mêdo está embuçado sob muitas formas, escondido atrás de muitas virtudes. Sem se compreender devidamente a causa do mêdo, a sua raiz, tôda a sensibilidade para a beleza se torna simplesmente imitativa.

Sem se compreenderem as camadas mais profundas do mêdo, há muito pouca significação no apreciar a beleza. Para a maioria de nós, a apreciação da beleza está tingida de inveja, e também o está o desejo do belo. Sabeis o que é inveja — ter inveja de alguém, de suas capacidades, sua posição, seu prestígio, sua aparência, seu andar? Para a maioria de nós, a inveja é a base das nossas ações. Tire-se-nos a inveja, e sentimo-nos perdidos. Todos os nossos esforços convergem para o bom-êxito, e nisso há inveja; atrás dessa inveja, está o mêdo. O mêdo é o motor, o espírito que nos impele. Sem se compreender verdadeiramente o significado do mêdo e da inveja, criam-se apenas imitadores sociais e morais.

Parece-me, pois, importante, compreender-se essa coisa que chamamos "inveja". Se observardes a vossa mente em funcionamento, as vossas atividades, vereis quase nunca há um movimento que não seja em direção de alguma coisa, do **mais**, do **maior**; que não obedeça ao desejo de experiência mais ampla. No momento em que surge a comparação, deve surgir a inveja. Quando desejo possuir **mais**, não só dos bens materiais, das coisas mundanas, mas também do amor, da beleza, da riqueza interior,

êsse mesmo movimento em direção ao **mais**, ao objetivo, à coisa que se quer obter, tem atrás de si a inveja.

É bem de ver que a beleza é algo não tingido de inveja, algo que existe por si só. Ninguém se torna **mais** belo ou **mais** bom — que são movimentos da inveja. É necessário, porém, compreender "o que é", o que as coisas são — o que não significa estar satisfeito com as coisas como são. No momento em que entramos no estado de satisfação ou insatisfação, já há inveja. Só se pode compreender a coisa tal como é, só podeis compreender-vos tais como sois, quando não se faz comparação; pois na comparação há também inveja. Compreender "o que é" parece-me ser a verdadeira beleza criadora, da vida — e não o simples fato de se atingir um certo ponto, seja em virtude ou respeitabilidade, em poder ou posição. Mas, tôda a nossa educação, todo o nosso pensar se dirige instintivamente para o **mais**, que chamamos "progresso".

Creio muito importante compreender-se isso enquanto estamos jovens, enquanto não nos vemos emaranhados na brenha das responsabilidades, da família, das ocupações, da posição, da atividade, dos empreendimentos a que nos lançamos cega e insensatamente. Não é função da educação libertar a mente do senso comparativo? Compreendeis o que quero dizer com isso? Vêde que nossa educação, nossa vida social, nossas aspirações religiosas, tudo se baseia nesse impulso para o **mais** — vida mais espiritual, mais felicidade, mais dinheiro, mais saber, mais virtude — o ideal perfeito, para o qual encaminhamos os nossos passos. Nesta atmosfera somos criados, e por isso jamais descobrimos o que somos, "o que realmente é".

Estamos sempre tentando tornar-nos "outra coisa", sempre a querer ser nobres, heróis, exemplo para os outros, atingir um ideal. E se realmente penetrarmos êsse impulso para "vir a ser", lá encontraremos a inveja, e atrás da inveja o mêdo, o mêdo daquilo que somos. Co-

meçamos por encobrir o que somos com todos êsses movimentos exteriores e interiores que chamamos "progresso", que chamamos "vir a ser". É muito difícil à mente deixar de pensar em têrmos relativos a "vir a ser", ao movimento em direção do que é maior, mais vasto, das atividades mais amplas; e êsse movimento se baseia, sempre, no mêdo e na inveja. Entretanto, existe um movimento totalmente diverso, que é a verdadeira compreensão, ou seja: o movimento da compreensão do que é, do que somos realmente. Nesse movimento não se modifica "o que é", mas se compreende "o que é".

Estamos acostumados a pensar com o interêsse em chegarmos a alguma parte, realizarmos algo, ser bem-sucedidos, transformarmos uma coisa noutra coisa — a violência em não-violência, que é um ideal. Sou interiormente pobre e desejo encontrar as riquezas interiores que são incorruptíveis. Tal é o movimento que conhecemos; nesse movimento somos criados, nutridos, condicionados. Nesse movimento — se o observardes — há inveja, há mêdo, o mêdo de não virmos a ser o que desejamos ser. A ânsia de "vir a ser" criou a nossa sociedade, nossa civilização, nossas religiões. Nossa civilização está baseada na inveja. Nossa religião, tal como a praticamos, como a concebemos, como a conhecemos, é a adoração do sucesso que nos está reservado num futuro distante. Êsse movimento, pois, está baseado na inveja, no desejo de aquisição, e no mêdo.

A função da educação não é a de interromper êsse movimento e criar uma atividade totalmente diferente, com a compreensão do que é, do que cada um é realmente? Nessa atividade não existe mêdo, não existe inveja, não existe o desejo de "vir a ser" alguma coisa. Essa atividade é a iniciativa nascida da coisa tal qual é.

O movimento da inveja conduz ao total descontentamento e desintegração. Para expressar-nos com mais sim-

plicidade: suponhamos que eu sou agressivo e violento. Desde a infância se me diz que devo modificar êsse modo de ser, tornar-me não-violento, não agressivo, amar. Tudo isso é um movimento visando à transformação do que é, e êsse movimento se baseia na inveja, no mêdo, porque desejo transformar "o que é", noutra coisa. Mas, se percebo a verdade relativa a êsse movimento, que é inveja, onde existe temor, posso então ver o que **sou**. Quando percebo que sou agressivo, não modifico "o que sou"; estou tão-sòmente a observar o movimento da agressividade. Nesse observar não há mêdo, não há compulsão. O próprio observar do que **sou**, faz nascer uma atividade inteiramente diferente. Tal é sem dúvida a função da educação, e isso é criação.

A atividade criadora exige muito percebimento, penetração e compreensão; pois ela não exalça a atividade egocêntrica da mente. Atualmente tôdas as nossas atividades exalçam o egocentrismo, de onde resultam tôdas as nossas misérias sociais e econômicas. Qualquer um pode observar em si mesmo êstes dois movimentos. Nessa observação, dá-se o abandono de tôda atividade baseada no temor e na inveja, ficando apenas a outra atividade, que é criadora, em que há iniciativa e beleza.

PERGUNTA: *Que é experiência?*

KRISHNAMURTI: Quando observais a vós mesmo, isto não é uma "experiência"? Quando vestis um **kurta**, isto não é uma "experiência"? Quando observais o barco a descer o rio, não é isto uma "experiência"? Quando chorais, quando rides, quando sentis ciúme, quando desejais possuir uma coisa e afastais os outros do vosso caminho, isto não é uma "experiência"? Viver é "experiência". Desejamos, porém, conservar as experiências que são agradáveis e evitar as que são desagradáveis. Isto não é a

Vida. A escolha entre o agradável e o desagradável não é Viver. A vida é tudo, as nuvens negras e as maravilhas do pôr do sol. A vida é tudo o que se pode observar: a morte, os cantos dos pássaros, os campos virentes e a terra árida, os temores, os risos, as lutas. Mas, em geral, nós olhamos a vida diferentemente. Dizemos: "Isto é a vida", "isto não é a vida", "isto é belo", "isto não é belo", "quero ligar-me ao belo e repelir o feio", "sou infeliz; quero ser feliz". Quando começamos a escolher, há morte.

Se pensardes a fundo sôbre tudo isso, vereis quando a mente escolhe entre o agradável e o desagradável, e se apega a uma coisa e repele a outra, vem a deterioração, a morte. Mas o perceber todo êsse processo em movimento, o estar totalmente cônscio dêle, sem escolha, faz a mente agitar-se e libertar-se das atividades egocêntricas da escolha. A mente que está livre da escolha é sábia, inteligente, capaz de infinita penetração.

Prestai atenção a tudo isto. Não estou dizendo meras palavras, para serem ouvidas e esquecidas. Experiências de tôda natureza estão-nos assaltando a mente a tôdas as horas, e no momento as nossas mentes só são capazes de fazer escolhas — de escolher uma experiência e apegar-se a ela, expulsando outra experiência. Quando a mente retém uma experiência, ela cria, com essa experiência, uma "tradição", e essa "tradição" se torna escolha e ação. A mente tôda entregue à escolha, não pode descobrir o que é a verdade. Só a mente que percebe todo o movimento de treva e luz, só essa mente é sensível no mais alto grau e inteligente. E só então que aquilo que chamamos Deus, pode vir e ser.

Há alguns dias que me ouvis. Estais cônscios do que está sucedendo em vós, de como a vossa mente pensa, como a vossa mente observa as coisas e as pessoas em redor? Estais observando mais, vendo mais, sentindo mais? Estais bem cônscios de tudo isso? Sabeis de que estou falando?

Estais cônscios do que se passa dentro de vós mesmos, na vossa mente, nos vossos sentimentos? Sabeis observar uma árvore? Sabeis observar um rio? Sabeis "como" estais contemplando o rio? Sabeis quais são os pensamentos que vos surgem na mente, quando contemplais o rio?

Se não estais cônscios de tudo o que se passa na vossa mente, ao verdes uma coisa, nesse caso nunca conhecereis as operações da mente; e sem conhecê-las, não sois entes **educados.** Podeis ter umas poucas letras depois do nome, mas isso não é prova de educação. Para serdes entes educados, deveis descobrir se vossa mente está funcionando dentro da tradição, se está prêsa à rotina do hábito. Fazeis certas coisas, porque vossos pais querem que as façais? Pondes uma veste sagrada, só porque é costume fazê-lo? Ides ao templo executar **puja**, porque vos mandaram fazê-lo, ou porque estivestes a meditar, ou porque gostais de fazê-lo? Tudo isso, por certo, indica a maneira como a vossa mente está funcionando, não é verdade? E se desconheceis êsse funcionamento, como podeis ser um homem educado?

O cérebro é uma coisa extraordinária. Nele deve haver milhões e milhões de células, constituindo um mecanismo extremamente complexo. O cérebro deve ser extraordinàriamente complexo e centralizado, pois, quando vos faço uma pergunta, quantas operações a mente tem de efetuar para produzir uma resposta! Compreendeis? Se vos pergunto onde morais, com que rapidez a mente opera! Vêde a espantosa rapidez da memória! Se vos perguntam uma coisa que não sabeis, vêde também quantas coisas se passam na mente.

Temos tanta riqueza em nós mesmos, e no entanto, desconhecendo essa riqueza, desconhecendo essa beleza e complexidade, queremos riquezas de outras qualidades: posição social, cargos elevados, viagens, confortos, conhecimentos; mas estas riquezas são tôdas triviais, comparadas

com aquela riqueza. Aprender como a mente funciona e ser capaz de ultrapassar as suas operações, eis o que me parece ser a verdadeira educação.

(há um aparte da assistência)

Esta senhora diz que quando nos vemos em frente de algo muito complexo, em frente de um problema, a mente fica completamente "em branco". Vossa mente fica "em branco"? — Entendeis esta pergunta? Vêde — a vossa mente está incenssantemente ativa, em movimento contínuo. Quando abris os olhos, recebeis numerosas impressões, e a mente está recebendo tôdas estas impressões — a luz, os quadros, as janelas, as fôlhas verdes, o movimento dos animais e das pessoas. Quando fechais os olhos, há o movimento interior dos pensamentos. A mente, pois, está sempre ativa; nunca há um momento em que está quieta. Eis o que é a mente, não apenas no nível superficial, mas também nas suas profundezas. Sabeis que o Ganges não é apenas aquela superfície de águas ondulantes e cheias de belos reflexos; há também a sua grande profundidade — cerca de sessenta pés de água, abaixo da superfície. A mente não é apenas a expressão superficial de aborrecimento, prazer, desejos, alegria e frustração; mas nas suas profundezas está a mente inteira, tôda ela em movimento, a tôdas as horas — interrogando, duvidando, frustrando-se, ansiando. Quando êsse movimento se choca com algo que lhe é desproporcionado, êle se paralisa, por uns dois segundos, e depois começa a operar.

Já notastes, quando vêdes uma coisa bela, uma bela montanha, um belo rio, um belo sorriso, como a vossa mente se torna quieta? A coisa é desproporcionada à mente, e ela, por um segundo, fica quieta; e, depois, começa a funcionar. Isso acontece com quase todos nós. Em vista disso, é possível à mente, estar quieta, na sua totalidade e não apenas num dado nível? Pode a mente estar totalmente quieta, durante todo o tempo — sem ser por

efeito do choque da beleza ou da dôr, ou de um propósito qualquer — pois no momento em que temos um propósito, atrás dêle está o mêdo e a inveja — estar totalmente quieta, em tôda a sua profundidade, bem como à superfície? Tendes de averiguar isso; não podeis responder "sim" ou "não".

Há a verdadeira liberdade quando a mente conhece, integralmente, as suas atividades, suas sombras, suas luzes, seus movimentos, deliberações, alegrias. O próprio conhecimento, pela mente, de todos os seus movimentos, das camadas mais profundas à superfície; a percepção mesma dêsses movimentos, é o que faz a mente tornar-se tranqüila. Tudo isso, tem de ser pensado com inteligência, observado, desenterrado, para que conheçais tudo o que constitui a mente e estejais cônscios do seu processo total; só então a mente pode estar realmente tranqüila.

PERGUNTA: *Que é o ciúme?*

KRISHNAMURTI: Não sabeis o que é "ciúme"? Quando tendes um brinquedo e outro menino tem um brinquedo mais bonito, não desejais êsse brinquedo mais bonito? Quando tendes uma pequena bicicleta e vêdes uma bicicleta grande e bonita, não a fiscais desejando? Isto é ciúme. Do ciúme nós vivemos, exploramos, e nos multiplicamos. O mestre responsável pelo menino que fêz esta pergunta, tenha a bondade de prestar atenção ao que digo e lho explicar depois. Dai-vos o tempo necessário e o trabalho de mostrar-lhe o que é o ciúme — se vós mesmo compreendeis o que é o ciúme. O ciúme começa modestamente e depois nos vemos arrastados por uma torrente de ação — o ciúme é disfarçado sob muitos nomes. Todos conhecemos o ciúme. Êste menino quer saber o que é o ciúme. Não lhe digais que o ciúme é bom ou mau. Não o condeneis. Não digais que não é desejável ser ciumento,

que o ciúme é uma coisa feia, maligna. Maligna é a condenação do ciúme e não o ciúme em si. Explicai-lhe tôda esta questão do ciúme, como êle surge, como os nossos instintos estão baseados nele, como êle nos molda tôdas as ações. Ninguém condena um mapa, ninguém diz que uma estrada deveria ter "tal" direção, ninguém diz que as aldeias deveriam estar em "tal" lugar. As aldeias estão onde estão. De modo idêntico, cumpre explicar, examinar o ciúme, sem procurar pô-lo à margem, sem procurar modificá-lo, sem procurar transformá-lo em ideais.

Ciúme é ciúme. Não se pode fazê-lo ser outra coisa. Entretanto, se se é capaz de observá-lo, e compreendê-lo, então êle se transformará; não se precisa fazer nada para modificá-lo. Se se pudesse explicar isso profundamente a cada menino e cada menina, seria possível produzir uma geração inteiramente diferente.

PERGUNTA: *Por que gostamos de ostentar-nos como "pessoas importantes"?*

KRISHNAMURTI: Por que desejais convencer-vos de que sois "alguma coisa?" Por que quero estar certo de que sou "algo"? Que achais?

O Marajá gosta de mostrar que é algo, ostentando seus carros, seus títulos, sua posição, suas riquezas. O professor, o **Pundit** convenceu-se de que é alguma coisa, em virtude do seu saber. Desejais também mostrar que sois "alguma coisa" entre vossos colegas de classe. A coisa é a mesma, tanto numa escala modesta como em larga escala. Por que procedemos assim? Tende a bondade de escutar o que estou dizendo.

Se sois interiormente rico, não sentis nenhuma necessidade de ostentar-vos, porque essa riqueza é bela em si mesma. Mas visto temermos a nossa pobreza interior, tomamos ares importantes. Assim faz o "sanyasi"; assim fa-

zem os Primeiros Ministros e os ricos. Tire-se-lhes o poder, o dinheiro, a posição, e vêde como ficam sem brilho, estúpidos, vazios! Assim, pois, a pessoa que gosta de ostentar-se, que quer a certeza ou procura convencer-se de que é **alguém**, é de fato uma pessoa muito vazia. Como um tambor. Batemos no tambor para que êle produza um som, e êste som é a ostentação, a prova que queremos dar de que somos **alguém**. Mas o tambor, em si, não tem som algum; temos de bater-lhe para que produza o som. Em si, êle é uma coisa vazia. Vós, em vós mesmos, sois vazios, estúpidos, incapazes de criar; e porque nada sois, quereis convencer-vos de que sois alguém. Eis o movimento da inveja. Se disserdes, porém: "sim, sou vazio, sou pobre", e começardes daí, não com o propósito de modificar essa coisa, mas de compreendê-la, penetrá-la profundamente, achareis então riquezas que são incorruptíveis. Nesse movimento, não há nenhuma afirmação de que sois alguém porquanto nada sois. O homem que realmente é **ninguém**, é **nada**, em si mesmo, êsse é o único homem verdadeiramente feliz.

PERGUNTA: *Vindes falando há muitos dias, com a idéia de produzir uma modificação nas nossas vidas. Se desejais que pensemos de modo diverso, que diferença isso tem da atitude que temos mantido até agora: a de nos tornarmos alguma coisa que hoje não somos?*

KRISHNAMURTI: Simplifiquemos a pergunta: "Quereis que nos modifiquemos, e a que respeito isso é diferente do nosso desejo de modificar-nos segundo o velho padrão?"

Eu desejo que vos modifiqueis? Se vos modificardes, porque eu o desejo, tal modificação é movida pela inveja, pelo desejo de recompensa ou o mêdo à punição. Isto é, sois **isto** e desejais mudar para **aquilo**, porque vos estou

persuadindo a fazê-lo — e tal é o movimento do ciúme, do mêdo, da inveja. Se percebo realmente o que sou, se o percebo simplesmente, sem desejo nenhum de mudança, sem desejo de condená-lo; se sou exatamente assim, e vejo que o sou, daí, então, resultará uma ação de todo diferente. Mas para que essa ação possa produzir-se, será necessário que a outra ação, o outro movimento — o movimento da inveja, do mêdo, da condenação — cesse de todo. Está claro?

PERGUNTA: *Atualmente não pensamos do mesmo modo que estais pensando. Falais com o fito de nos fazer perceber o vosso modo de pensar. Não é assim? Não é uma mudança, que desejais operemos em nós? Há apenas uma diferença sutil entre as duas coisas. Não pensamos como pensais, porque não encaramos a vida do modo como a encarais.*

KRISHNAMURTI: A maneira como em geral nós pensamos é a maneira pela qual fomos criados e educados; pensamos dentro dêsse padrão, dessa rotina, dessa estrutura. Ora bem, se compreendeis que o vosso pensar é condicionado, não se verifica uma quebra daquela condição? Quando percebo que estou pensando à maneira do comunismo, ou do capitalismo, ou do hinduismo, isso não me faz soltar-me de tal padrão? É só isso o que eu digo. Há um movimento de libertação, muito diferente do pensar "habitual", em que nunca há mudança alguma.

Quando falamos de mudança, entendemos mudar de uma coisa para outra. Se mudamos "disto" para "aquilo", êsse "aquilo" é então uma coisa conhecida; portanto não há mudança. Quando passo da avidez para a não-avidez, a não-avidez é uma "formulação" minha, uma idéia minha. Por conseqüência, já conheço o estado de não-avidez. Portanto, quando digo que devo mudar da avidez

para a não avidez, o movimento continua na esfera do conhecido, de uma coisa conhecida para outra coisa conhecida. Percebeis isso? Conseqüentemente, não há mudança de espécie alguma.

Tende a bondade de escutar, todos vós. Esta pergunta não interessa apenas ao cavalheiro que a formulou, mas a todos nós. Quando falamos de mudança, de revolução, de passar "disto" para "aquilo", êste "aquilo" é o estado que já conhecemos; portanto não há mudança. Se passo do hinduismo para o catolicismo, é porque sei o que é o catolicismo. É uma coisa que desejo. Não gosto "disto" e gosto "daquilo". Se gosto de uma coisa, já a conheço. Por conseguinte, trata-se da mesma coisa, sob forma diferente.

O de que falo, não é mudança, mas a cessação do desejo de mudar e do movimento dêsse desejo — o que não significa que devo contentar-me com "o que é". O que precisa acabar é o desejo de mudar-me daquilo que conheço para aquilo que penso ser o desconhecido, mas que na realidade é já conhecido. Se cessa êsse movimento, há então uma atividade completamente diferente.

15 de janeiro de 1954.

XI

ACHO que devemos falar sôbre uma coisa de que alguns de nós estarão cônscios, ou seja o desejo peculiar que quase todos temos, de exercer poder sôbre outros e sôbre nós mesmos.

O desejo de poder parece-me ser um dêsses desejos mais profundos, atrás do qual está emboscado aquêle temor resultante do sentimento de solidão, do sentimento de frustração. O que estou dizendo pode parecer-vos difícil, mas tende a bondade de escutar. Se se puder compreender êsse desejo e transcendê-lo, apresentar-se-á então um estado diferente, onde se encontra o amor. Quando se não possui êsse amor, a vida se torna monótona, tediosa, vazia e muito superficial.

Parece-me importante compreender essa coisa que chamamos poder — não o poder da eletricidade ou do vapor, ou a capacidade de fazer uma coisa com eficiência, pois aí se trata de coisas necessárias. Quero referir-me a algo que é de maior significação e de valor muito mais profundo, porquanto, se essa coisa não for compreendida, a eficiência, a capacidade de fazer coisas se tornará um meio de criar tribulações e sofrimentos cada vez maiores para o homem.

Quase todos nós desejamos alguma espécie de poder, seja sôbre nossos filhos, nossa mulher ou nosso marido; seja sôbre um grupo de pessoas; ou seja, ainda, em nome de um ideal, em nome da Pátria. Êsse desejo de exercer poder sôbre outros está sempre em ação — dominar ao menos um criado, dar-lhe ordens, zangar com êle, dar-lhe empurrões. Êsse desejo de poder não resulta de um

sentimento de solidão? Já vos sentistes solitários? Sabeis o que significa estar só, não ter amigos, ver-se completamente abandonado, isolado? Não possuir um só amigo, não ter o sentimento de contar com alguém, confiar em alguém — isso é achar-se num estado de completo isolamento. Provàvelmente nunca sentistes tal coisa. Em geral a evitais, fugis dela. Só despertais para ela numa grande crise, em presença da morte; mas, de ordinário lhe fugis. Sem se compreender êsse vazio, a mera ação de controlar o desejo de poder conduz a tôda espécie de frustração.

É talvez muito difícil compreender tudo isso quando se é muito jovem; mas essa questão deveria ser apreciada freqüentemente, porquanto, tornando-se mais velho, o indivíduo começa a desejar o poder sôbre outros e sôbre si mesmo. O **sanyasi** aspira ao poder sôbre si mesmo, e procura dominar-se por meio do ascetismo; isso lhe dá um sentimento de poder, um sentimento de domínio sôbre si mesmo e seus desejos. O fato de desejar apenas poucas coisas para si, cria nele um extraordinário sentimento de poder, poder egocêntrico. E desejais também exercer poder sôbre outros, pois daí vos advém um maravilhoso sentimento de independência, felicidade, deleite. Sentis-vos capazes de dominar milhares de indivíduos, por meio de idéias, por meio do poder político, por meio de palavras. Atrás de tôda essa ânsia de poder se acha o mêdo.

Quando uma pessoa se compara com outra, com uma idéia, com um modêlo, atrás dessa comparação não se acha o desejo de poder? Se não tenho poder, posição, capacidade, e imito e copio um herói, tornar-me-ei poderoso, tornar-me-ei **alguém**. Por conseguinte, o próprio desejo de ser **alguém**, o copiar, o imitar, o comparar-me, dá-me um sentimento de poder.

Parece-me muito importante compreender essa coisa enquanto se é jovem, porquanto é a ela que quase todos

buscamos, neste mundo. O guarda-livros quer exercer poder sôbre o seu subordinado, e o patrão tem um grande número de empregados sôbre os quais exerce domínio. Os ministros têm o poder de dar empregos, ou de dar prestígio, e têm os meios de controlar a outros. Nisso está baseada tôda a estrutura da sociedade, e acreditamos poder servir-nos do poder como um meio de alterar a vida das pessoas. O poder, em si, constitui um verdadeiro deleite. O homem que se acha investido de poder, diz: "estou fazendo isto a bem da pátria", "estou fazendo isto em prol de uma idéia". Quando diz isso, êle está cônscio de achar-se numa posição de autoridade, com o poder de controlar pessoas.

Esta coisa precisa ser bem compreendida, durante a vossa educação, durante a vossa permanência na escola ou no Colégio. Tendes de ver se se pode viver neste mundo sem dominar pessoas, sem controlar pessoas, sem moldar-lhes a mente. Porque, afinal de contas, cada um de nós é tão importante como o político, que maneja o poder; cada um de nós deseja crescer em liberdade, para que sejamos aquilo que somos, e possamos compreender o que somos e agir sem ser por imposição da sociedade ou dos nossos mestres ou dos nossos pais ou de qualquer pessoa que queira dominar e moldar-nos a vida individual. É muito difícil insurgir-nos contra essas coisas, porque nós também — cada um de nós — queremos poder. O professor quer ser o Diretor, porque o Diretor exerce poder sôbre muitas pessoas e ganha mais dinheiro.

Quando sois controlado por outro indivíduo, pelo poder do dinheiro, da posição, do prestígio, está sendo completamente negado, destruído o sentimento de que sois um indivíduo, um ente humano, uma unidade independente. Por esta razão parece-me sumamente importante que se crie aqui o sentimento de que esta é a "nossa escola", vossa e minha, no sentido de que

vós, como estudante, sois tão importante quanto o mestre e o Diretor. Êsse sentimento de "nosso" não existe em parte alguma no mundo — o sentimento de que esta é nossa Terra, vossa e minha, e não dos russos, nem dos americanos, ou inglêses, ou africanos — o sentimento de que êste é o nosso mundo, e não um mundo dos comunistas, dos socialistas ou capitalistas — o sentimento de que esta é nossa Terra, onde vós e eu e todos os outros poderemos viver e ser livres para descobrir o integral significado do viver.

É-nos negado o significado do viver e sua compreensão, quando estamos em busca do poder, sob qualquer forma. A mãe exerce domínio sôbre o filho pequeno e deseja que êle seja criado de uma certa maneira. O pai diz: "isto é o que êle deve ser", e o impele para dentro de um padrão. Mas a educação, sem dúvida, é o libertar da mente para funcionar em plena liberdade, sem nenhum desvio, nenhuma corrupção originada do desejo de poder, da comparação. Temos de criar uma escola assim; vós e eu temos de criá-la. De outro modo, saireis desta escola e do Colégio nas mesmas condições que qualquer outro ser humano — embotados, com a cabeça entulhada de conhecimentos superficiais. Não tereis nenhuma iniciativa própria, clara e definida, pois sereis apenas uma máquina impelida pelas circunstâncias, pela sociedade, pelos políticos, visto que cada um de vós ambiciona o poder, tal como os políticos.

Nessas condições, ainda que não compreendais, por enquanto, o que digo, conversai com vossos mestres, fazei-os explicar-vos tudo isso — que a terra é "nossa", e nela todos os entes humanos podem viver, compreender, exercer suas capacidades se as têm, sem destruir ninguém. No momento em que desejamos usar de nossa capacidade para alcançar poder, posição, prestígio, o que fazemos é destruir. Cumpre-nos pois falar sôbre como se criar aqui em Rajghat uma escola, onde cada um de nós

— estudantes, mestres, membros da fundação — seja o construtor dêste estabelecimento, cuidando vós, como estudantes, das suas árvores, suas alamedas, e dedicando--vos com amor às coisas da terra, não porque seja vossa escola, mas porque é nossa terra.

Acredito, só êste espírito, e não as mais engenhosas invenções científicas, poderá salvar o mundo — só êste sentimento de que vós e eu estamos a construir juntos, num mundo que é nosso. Mas isso é de dificílima realização, porquanto atualmente tudo é **meu** e não vosso — o "meu", que se divide em tantas classes, tantos títulos, funções, necessidades. Êsse sentimento de "nosso" não existe ainda no mundo, e sem êle não teremos paz no mundo. Por conseguinte é importantíssimo que, enquanto sois jovens, compreendais isso e tenhais aquêle sentimento, de modo que, ao sairdes para a vida, possais criar um mundo novo, uma geração nova.

PERGUNTA: *Por que sentimos tristeza, quando morre alguém que conhecíamos e amávamos?*

KRISHNAMURTI: Por que ficamos tristes quando morre um parente próximo?

Sentis tristeza quando morre um amigo ou um parente próximo. Sentis pesar pela pessoa que morreu ou por vós mesmo? A outra pessoa partiu, e vós ficastes sòzinho, para enfrentar a vida. Com aquela pessoa, vós vos sentíeis, de alguma forma, tranqüilos e felizes. Sentíeis uma companhia, uma amizade. Aquela pessoa partiu e ficásteis com vossa insegurança, não é verdade? Estais cônscio, constantemente, da vossa solidão. Estais cônscio de que foste privado de uma companhia. Havia uma pessoa com quem podíeis falar e externar os vossos sentimentos e mostrar-vos como sois. Mas essa pessoa morreu e sentis muita tristeza; por causa de vossa solidão, do sentimento de que

não tendes mais com quem vos pegardes, vos sentis muito triste; mas não sentis essa tristeza por causa da pessoa. Sentindo-vos triste, criais teorias e crenças de tôda sorte.

Não achais muito importante compreender êsse "processo" da dependência? Por que é que dependemos de outra pessoa? Para certos serviços, eu dependo do leiteiro, do estafeta dos correios, do maquinista, do banco, ou do policial; mas a minha dependência dessas pessoas é completamente diferente da dependência que se baseia no temor e na exigência interior de confôrto. Como não sei viver sinto-me confuso, e sòzinho, preciso da ajuda de alguém; preciso de alguém para me guiar, me amparar — um mestre, um livro, uma idéia. E assim, se se me tira êsse arrimo, vejo-me perdido. Êsse sentimento de perda cria sofrimento.

Não é importante que, enquanto estamos na escola, compreendamos êsse problema da dependência, para que cresçamos sem depender de pessoa alguma, interiormente? Tal coisa requer muita inteligência e muita investigação. É por certo função da educação ajudar a libertar a mente de todo sentimento de temor, que contribui para a dependência. Nessa situação de dependência, perguntamos: "como posso ficar livre da dependência?". Mas se se compreendesse o processo, o verdadeiro caráter da dependência, não haveria então o problema de como se ficar livre da dependência. A compreensão, ela própria, liberta a mente da dependência.

PERGUNTA: *Que é uma estrêla?*

KRISHNAMURTI: Sinto não poder dar-vos uma explicação científica.

Já olhastes uma estrêla? Que sentis, quando olhais uma estrêla? Podeis aprender o que é uma estrêla em qualquer livro científico ou do vosso professor de ciências. Mas que sentis quando, à noite, contemplais o céu e vêdes

aquêles milhares e milhões de estrêlas e planetas? Olhais apenas um pouquinho, e vos ides embora? É o que faz a maioria de nós. Estamos conversando com um amigo e dizemos: "olhe as estrêlas e a lua; que bela noite!" — e continuamos a nossa conversa. Mas se estais só ou em companhia de pessoas que não estejam sempre a falar e tagarelar, e que gostem de olhar as coisas, que sentis? Sentis-vos pequeno no meio dêste vasto Universo, ou sentis que êle faz parte de vós mesmo — êsse todo, as estrêlas, a lua, as árvores, o rio? Tendes tempo para contemplar as coisas e ver qual é o vosso sentimento?

Como é difícil olhar para qualquer coisa bela, sem que a mente interfira, sem que a mente, com suas memórias, diga "esta noite não está tão boa como há dias", "não está tão bela como no ano passado", "faz muito frio, não posso ficar olhando". A mente nunca olha as coisas, sem palavras, sem comparações. É só quando se sabe olhar sem comparação e sem palavras, que as estrêlas, e a Terra, e as árvores, e a lua, e a luz espelhada nas águas têm significação extraordinária. Nisso há uma grande beleza. Para que se saiba olhar sem comparação, é preciso que se compreenda a mente, porque é a mente que olha, a mente que interpreta aquilo que busca, e lhe dá um nome. A atribuição de um nome a uma coisa, pela mente, isso é justamente um modo de afastar a coisa de nós. Assim, pois, quando estiverdes a contemplar uma estrêla, ou um pássaro, ou uma árvore, vêde o que se está passando em vós, pois isso vos revelará muita coisa a respeito de vós mesmo.

PERGUNTA: *O homem realizou um grande progresso no mundo material. Por que é que não vemos progresso noutros sentidos?*

KRISHNAMURTI: É suficientemente clara a razão por que realizamos progressos no mundo material, principal-

mente no Novo Mundo, onde existe uma grande soma de energia e de capacidade intelectual. O homem realizou muito progresso do arco e flecha à bomba atômica, do carro de bois ao avião a jato, que viaja a cêrca de 600 milhas horárias. Mas, existe progresso em qualquer outra direção, existe progresso interiormente? Vós como indivíduo tendes progredido interiormente? Já descobristes alguma coisa por vós mesmo.

Sabemos o que outras pessoas disseram, o que outras pessoas acharam. Mas, já achamos alguma coisa por nós mesmos? Somos mais caridosos, mais benevolentes? Nossas mentes são mais expansivas e mais vigilantes, interiormente? Afastamos de nós o temor? Sem essas coisas, fazer-se progresso no mundo significa destruirmos a nós mesmos.

PERGUNTA: *Que é Deus?*

KRISHNAMURTI: Conheceis o aldeão, o simples; para êle Deus é aquela pequena imagem, diante da qual deposita flôres. Povos primitivos chamam o trovão seu Deus, e adoram as árvores e a natureza. Houve época em que o homem adorava a macieira e a oliveira, na Europa. Há gente na Índia, atualmente, que adora árvores.

Ides a um templo. Lá vêdes uma imagem suave, enfeitada de flôres, e fazeis **puja** diante dela. Podeis ir mais além e criar uma imagem na vossa mente, uma idéia nascida da vossa tradição, do vosso **fundo**; e a essa imagem chamais vosso Deus. O homem que lançou a bomba atômica, pensava que Deus ia ao seu lado. Todo "senhor da guerra", de Hitler e Kitchner ao general medíocre, invoca a Deus. Isso é Deus? Ou Deus é algo inimaginável, imensurável pela nossa mente?

Deus é algo completa e totalmente insondável por nós, e Êle se manifesta quando está quieta a nossa mente, sem

projetar, sem lutar. Quando a mente está tranqüila, tem-se então a possibilidade de saber o que é Deus.

É por conseguinte muito importante que, enquanto somos jovens, não nos deixemos enredar pela palavra "Deus", não deixemos nos ensinar o que é Deus. Há muitos que estão ansiosos por dizer-vos o que é Deus. Mas precisais examinar o que êles dizem. Muitas pessoas dizem que não há Deus. Não devemos deixar-nos enredar pelo que dizem, porém examiná-lo com igual cuidado. Nem o crente nem o descrente encontrarão jamais Deus. É só com a mente livre da crença e da descrença, só com a mente tranqüila, que se tem a possibilidade de encontrar Deus.

Nunca se nos falam dessas coisas. Desde a infância, estão sempre a dizer-nos que há Deus, e nós repetimos que há Deus. Se ides a um **guru**, êle vos dirá: "há Deus; fazei isto e aquilo, recitai êste **mantram**, fazei **puja**, praticai tal disciplina, e encontrareis Deus." Podeis fazer tudo isso, mas o que encontrareis não será Deus. Será ùnicamente vossa própria projeção, a projeção do que desejais. Tudo isso é difícil e requer muita reflexão e investigação; e justamente por isso, enquanto estais numa escola como esta, deveis crescer em liberdade, para que vossa mente possa descobrir por si mesma; a mente se torna então criadora, extraordinàriamente vigilante.

PERGUNTA: *Por que sofre um ente humano, ainda quando faz as coisas pela melhor maneira que pode e com tôda a capacidade que possui?*

KRISHNAMURTI: Não obstante a capacidade que eu possuo para fazer as coisas, por que me sinto triste quando não consigo meu objetivo, quando saio mal-sucedido na realização de minha intenção? Por que, quando executais

alguma coisa com tôda a capacidade que possuís, vos sentis entristecido? Não é simples esta pergunta?

Nós não nos satisfazemos com fazer, simplesmente, aquilo que gostamos de fazer. Queremos que o que fazemos tenha um feliz êxito. Para nós, não é importante o fazermos uma coisa, mas só o bom-êxito, o resultado, o que a ação produzirá. Quando nossa ação não dá resultados felizes, quando não nos traz o que desejamos, sentimo-nos cheios de tristeza. O móvel de nossa ação é o desejo de resultado, o desejo de poder, de reconhecimento, de posição, de prestígio. Precisamos que alguém nos felicite pela coisa que realizamos — o que significa, realmente, nunca sabemos amar uma coisa e fazê-la por amor a ela, e não por amor ao resultado que ela trará. Quando fazemos algo com a mira no bom êxito, no futuro, no amanhã, e quando êsse amanhã não chega, sentimo-nos verdadeiramente infelizes; isto acontece porque nunca fazemos coisa alguma por amor à própria coisa.

Há muitos dentre nós que são professores, outros que são lentes ou grandes negociantes. Por que exerceis essas profissões? Não é por amardes o que fazeis, mas porque não há nada mais para fazerdes. Tudo o que fazeis, pois, é com o desejo de bom êxito. Quereis navegar na maré do bom êxito e por isso estais sempre a competir, a lutar, e, portanto, a destruir as capacidades da vossa mente.

PERGUNTA: *Como se pode viver uma vida sem experiência e sem memória?*

KRISHNAMURTI: Lembrai-vos do que eu disse há dias? Desejais saber como podemos livrar-nos da memória. Isto é, desejais achar um método, um sistema. O sistema, o método, pode dar-vos experiência. Êle cultiva a memória. Não é verdade? Quando sei fazer uma coisa, isso se torna um hábito. Se sei ler e escrever, o "como isso se faz" se

torna uma parte da minha memória, e, com essa memória, eu escrevo e reconheço cada palavra e cada sílaba.

O que eu disse outro dia foi a respeito de algo inteiramente diferente. Eu disse que a vida é um processo de experiência e de memória. O próprio viver é experiência, e a experiência cria tradição, memória; com essa tradição, memória e hábito, nós vivemos. Por essa razão nunca há nenhuma coisa nova. Não é possível viver-se com experiência que não corrompa, experiência que não se torne uma simples lembrança com a qual encaramos a vida? Examinemos esta questão com todo o cuidado. Mas é preciso examiná-la constantemente, e de muitos pontos de vista, a fim de alcançar-se todo o seu significado.

PERGUNTA: *A História prova a existência de Deus?*

KRISHNAMURTI: Isto é uma questão de prova? A história pode provar ou não que êle existe ou não existe. Milhões de pessoas dizem que há Deus; e outros milhões dizem com igual ênfase que não existe Deus. Cada lado cita autoridades, a história, provas científicas. E daí?

A mente sente mêdo; ela deseja alguma coisa em que possa confiar, em que possa amparar-se. A mente deseja alguma coisa a que possa apegar-se, como entidade permanente. Com êsse desejo de permanência, busca ela a autoridade, negativa e positivamente. Quando busca a autoridade naqueles que dizem que não há Deus, ela repete o que êles dizem: "Não há Deus", e sente-se completamente satisfeita nessa crença.

E há os que, buscando a permanência, dizem que há Deus. A mente, por conseguinte, se apega a isso e procura provar, através da História, dos livros, das experiências de outros, que há Deus. Mas isso não é a Realidade, não é Deus.

A mente deve ser livre, desde o comêço, para descobrir o que é Deus. E não é livre a mente, quando busca a segurança, quando busca a permanência, quando está tôda entregue ao temor.

18 de janeiro de 1954.

XII

DESDE crianças somos educados para condenar certas coisas ou pessoas e estimar outras. Já não tendes ouvido pessoas adultas dizerem "êste menino é muito malcriado"? Pensam que, com isso, o problema fica resolvido. Mas, para se compreender qualquer coisa requer-se muita penetração, muito discernimento, não nascido da tolerância — porque a tolerância é pura invenção da mente, para justificar as atividades próprias e de outros — porém da compreensão, do descortino e penetração da mente. Esta manhã desejo falar sôbre uma coisa que pode parecer um pouco difícil, mas que acho importante compreender. Bem poucos de nós somos capazes de apreciar uma coisa. Sentimos muito pouco deleite ao vermos o pôr do sol, ou a lua cheia, ou uma pessoa bela, uma bela árvore, um pássaro que voa, uma dança. Não nos deleitamos realmente com coisa alguma. Olhamos uma coisa e, superficialmente, achamo-la agradável ou interessante, experimentando uma sensação que chamamos prazer. Mas a capacidade de apreciar é coisa muito mais profunda, que devemos penetrar e compreender.

Quando somos jovens, há coisas de que gostamos e que nos deleitam — jogos, roupas, a leitura de um livro, escrever um poema, pintar um quadro ou — dar empurrões nos outros. Tornando-nos mais velhos, porém, êsses divertimentos se tornam muito cansativos, uma verdadeira luta. Quando jovens, gostamos de comer; mas, ao envelhecermos, começamos a tomar alimentos fortemente condimentados, comidas frias, e acabamos perdendo completamente o gôsto, a delicadeza e o apuro do paladar. Quan-

do jovens, gostamos de observar os animais, os insetos, as aves. Tornando-nos mais velhos, embora desejemos apreciar as coisas, já perdemos a melhor parte de nós mesmos. Queremos outros gozos e sensações — paixões, prazeres sensuais, poder, posição. Tudo isso são coisas normais da vida, embora superficiais; não devem ser condenadas nem justificadas; precisamos compreendê-las e dar-lhes o seu lugar justo. Se as condenais como coisas fúteis, sensuais, estúpidas ou anti-espirituais, estais destruindo todo o processo do viver. É o mesmo que dizer: "meu braço direito é muito feio; vou mandar cortá-lo". Somos feitos, compostos, de tôdas estas coisas. Temos de compreender cada uma delas, e não condená-las ou justificá-las.

Ao nos tornarmos mais velhos, as coisas da vida perdem a sua significação, nossa mente se torna embotada, insensível. Por conseguinte, nos esforçamos para sentir prazer, forçamo-nos a apreciar quadros, apreciar as árvores, as crianças que brincam. Lemos êste ou aquêle livro sagrado e tentamos descobrir a significação das coisas nêle contidas, sua profundeza e importância. Mas tudo isso representa esfôrço, trabalho penoso, luta.

Parece-me muito importante compreender esta coisa que se chama alegria, capacidade de apreciar as coisas. Quando vêdes uma coisa muito bonita, desejais possuí-la, tê-la na mão, chamá-la vossa — "isto é meu: minha árvore, meu passarinho, minha casa, meu marido, minha mulher". Queremos tê-la em nosso poder, e no próprio "processo" de possuí-la, desaparece o prazer que ela antes proporcionava; porque o possuir implica dependência, mêdo, exclusão. E, assim, o deleite de antes, o sentimento de beleza interior, está perdido e a vida fechada numa clausura. Considerais a coisa como pertencente a vós. Dêsse modo, a pouco e pouco, o prazer se torna identificado com aquilo que possuimos ou desejamos possuir. Dá-nos gôsto observar um ritual, praticar puja, ou ser uma pessoa importante

no mundo; fico satisfeito com viver à superfície, a buscar sensações e gozos sucessivos. Tal é a nossa vida, não é verdade? Quando vos cansais de um deus, quereis outro deus. Trocais por outro o vosso **guru**, se êle não vos satisfaz, e dizeis para o outro: "conduzi-me a alguma parte." Atrás de tudo isso está a busca de deleite. Viveis num nível superficial e acreditais ser possível encontrar deleites aí.

Para conhecer a alegria, precisamos descer muito mais profundamente. A alegria não é mera sensação. Ela requer um extraordinário requinte da mente, mas não o requintamento do "eu", que acumula mais e mais, acrescendo-se a si mesmo. Êsse "eu", êsse homem, nunca será capaz de compreender aquêle estado de gôzo em que não existe o "gozador". Esta coisa extraordinária precisa ser compreendida, porque, do contrário, a vida é mesquinha e superficial — nascer, aprender umas tantas coisas, sofrer, gerar filhos, ter deveres, ganhar dinheiro, fruir uns poucos prazeres intelectuais, e depois morrer. Tal é a nossa vida. Há muito pouco apuro, no que se refere ao vestir, às maneiras, às coisas que comemos. Nessas condições, a mente se torna, pouco a pouco, muito embotada.

Tem muita importância o que comemos; mas só quereis comer coisas saborosas, empachar-vos de alimentos desnecessários, porque são saborosos. Tende a bondade de **escutar** o que digo. É muito importante a maneira como falais, o vosso modo de andar, de olhar para as pessoas. Investigai a vossa mente, observai os vossos gestos, o significado de vossas conversas. Quando se está verdadeiramente muito vigilante, a mente se torna muito sensível, apurada, simples. Sem essa simplicidade e apuro, a vida é muito superficial. Mas, se conseguimos superar essa superficialidade, temos o requintamento do "eu". O requintamento do "eu" é como estar fechado entre paredes muito bonitas, cheias de decorações e belos quadros. Êsse requintamento do "eu" não é o verdadeiro deleite,

porque, nêle, existem penas; nêle, existe sempre o mêdo de perder ou o mêdo de não ganhar. Mas, se a mente fôr capaz de transcender êsse requintamento do "eu", entrará então em ação um processo inteiramente diverso; nesse processo não há "experimentador".

Pode ser um tanto difícil o que estou dizendo, mas não importa. Escutai-o, assim mesmo. Quando ficardes mais velhos, estas palavras poderão ter um significado, uma certa importância; poderão significar algo para vós, mais tarde, quando a vida começar a premer-vos, a se tornar difícil e cheia de sombras e lutas. Então talvez tenham estas palavras para vós alguma significação. Escutai, pois, o que digo, como se estivésseis a ouvir uma música que não compreendeis bem; ficai escutando.

Podemos passar de um requinte para outro, de uma sutileza para outra, de um gôzo para outro; mas, no centro de tudo, lá está o "eu", que goza e quer sempre mais felicidade; o "eu", que busca e anseia pela felicidade; o "eu" que luta; o "eu" que se torna cada vez mais requintado e deseja que nunca chegue o seu fim. Mas é só quando o "eu", com tôdas as suas formas sutis, chega ao seu fim, que se encontra um estado de bem-aventurança, que não pode ser procurado, um êxtase, uma alegria real, não misturada de dor, de corrupção. Atualmente, para nós, todo deleite, tôda felicidade é corrupção; atrás dela há penas, e há temor.

Quando a mente transcende o pensamento que nasce do "eu", que é o "experimentador", o "observador", o "pensador", há então a possibilidade de se achar uma felicidade incorruptível. Esta felicidade não pode ser permanente, no sentido em que geralmente empregamos esta palavra. Entretanto, nossa mente só busca felicidade que seja permanente, duradoura, contínua. Êsse desejo mesmo de continuidade é corrupção. Mas quando a mente está libertada do "eu", há uma felicidade, momento por

momento, a qual vem sem a buscarmos, e na qual não se faz acumulação, provisionamento, entesouramento de felicidade. A felicidade não é uma coisa a que podemos ficar apegados. A mente que diz: "ontem eu era feliz e agora sou infeliz; mas amanhã serei feliz" — é uma mente que compara e nela existe temor. Está sempre copiando e rejeitando, ganhando e perdendo; por conseguinte, não é verdadeiramente feliz.

Se se puder compreender o processo da vida, sem se dizer que está certo ou errado, acredito virá então uma felicidade criadora, que não vos pertence e que não me pertence. Esta felicidade criadora é como a luz do sol. Se quiserdes guardar para vós a luz solar, não tereis mais o sol claro, que aquece e dá vida. Idênticamente, se desejardes a felicidade porque sofreis ou porque perdestes alguém ou porque não tendes sido bem-sucedido na vida, essa felicidade será puramente uma reação. Mas quando a mente é capaz de passar além, encontra então uma felicidade que não é produto da mente.

É muito importante ter bom gôsto, desde a infância, ter ensejo para apreciar a beleza, a boa música, a boa literatura, para que a mente se torne muito sensível, e não grosseira e pesada. Requer-se muita perspicácia para se compreenderem as verdadeiras profundezas da vida, e esta é a razão por que, enquanto sois jovens, muito importa a maneira como sois educado, como vos alimentais, como vestis e morais. Asseguro-vos que a apreciação e o amor da beleza, é sumamente importante e sem êle nunca se poderá achar a "coisa real". Passamos, porém, pela escola e pela vida, debaixo de coerção e de disciplinas; e a isso chamamos educação, a isso chamamos viver.

Muito importa, enquanto estamos nesta escola que aprendamos a apreciar o rio, os campos e as árvores verdejantes; que tenhamos boa alimentação, mas não comida muito temperada e muito quente; que aprendamos a não

comer demais; a apreciar os desportos, sem competição e sem querer conquistar vitórias para o Colégio, mas jogar pelo gôsto de jogar. Vereis — se observardes realmente — que com isso a mente se torna muito alertada, muito vigilante e muito calma. E assim, infalìvelmente, crescereis e atravessareis a vida apreciando as coisas. Mas o permanecer no nível superficial dos prazeres, sem se querer conhecer a verdadeira profundeza da capacidade humana, isso é como viver numa rua suja e querer mantê-la limpa; ela estará sempre a sujar-se de novo, sempre estragada e corrompida. Mas se se puder — mercê de uma educação adequada — aprender a pensar e transcender completamente o pensamento, nisso, então, se encontrará uma paz extraordinária, uma bem-aventurança que a mente, a mente superficial, fechada na sua felicidade superficial, nunca será capaz de encontrar.

Ouvistes o que eu disse a respeito de alimentação, vestuário, e asseio. Procurai descobrir por vós mesmos algo mais, além dessas coisas. Vêde se podeis abster-vos de alimentos muito quentes ou muito condimentados. Afinal, é só quando se é jovem que se pode ser revolucionário, e não quando se tem sessenta ou setenta anos. Entre nós talvez haja alguns revolucionários, mas a grande maioria não o é. Uma pessoa, quando se torna mais velha, se cristaliza. Só quando se é jovem, há possibilidade de revolução, de revolta, de descontentamento.

Para se ter essa revolta, tem de haver descontentamento, durante tôda a vida. Não há nada de mau no estar revoltado. O que é mau é procurarmos um caminho que nos satisfaça, e que nos aplaque o descontentamento.

PERGUNTA: *Quando leio, minha mente vagueia. Como posso concentrar-me?*

KRISHNAMURTI: A esta pergunta já respondemos há dias. Sabeis o que é concentração? Sabeis que estais con-

centrado, quando observais uma dança que vos agrada realmente? Escutai o que vou dizer. Ontem de noite tivemos uma dança. Não sei se assististes a ela. Se assististes e se a observastes, sabeis que estáveis concentrado? Quando estais observando uma coisa que vos prende o interêsse: dois touros a lutar, uma ave voando, dois barcos que sobem o rio, de velas enfunadas — estais cônscio de que estais concentrado? Compreendeis o que estou dizendo? Tende a bondade de escutar.

Quando a vossa mente não se sente atraída por uma coisa, quando vos estais forçando a ouvir música que não vos dá prazer, ficais então cônscio de estar fazendo um esfôrço para escutar. A isso, chamais concentração. Se escutais, porém, com verdadeiro deleite, porque a música vos agrada realmente, então o vosso espírito, todo o vosso ser, está absorto nela. Não dizeis "preciso concentrar-me". Já estais todo identificado com o dançarino, estais quase dançando também. Mas, vêde, nunca olhamos, nem escutamos, nem lemos, uma coisa por essa maneira, jamais ficamos tão completamente interessados numa coisa. Ficamos só parcialmente interessados. Uma parte da mente diz: "não quero mais ler êste livro detestável, é maçante demais", e a outra parte diz: "tenho de lê-lo, porque tenho de estudar para os exames". Quando uma parte diz que tendes de ler, a outra parte que sabe ser o livro terrìvelmente enfadonho, se põe a divagar. E tendes assim luta, e dizeis: "preciso aprender a concentrar-me".

Mas ninguém precisa aprender a concentrar-se. Escutai isto: "não vos obrigueis a concentrar-vos, mas estai interessado, tende amor à coisa que estais fazendo, por ela própria. Quando pintais, pintai pelo gôsto de pintar; quando olhais uma dança, deleitai-vos com ela, observai-a, vêde a sua beleza, para que vossa mente não fique dividida em partes diferentes; para que a mente seja uma coisa inteiriça, uma coisa completa; para que não fiqueis olhan-

do de maneira parcial, com a mente dividida em partes divergentes e que diz: "**tenho** de olhar".

O que é importante não é a concentração, mas o amor à coisa. Êsse amor pela coisa em si produz uma energia extraordinária, energia que é atenção. Sem êle, o estudar, o observar, nada significa, e sereis apenas um homem que passa nos seus exames ou se torna um funcionário importante.

PERGUNTA: *É verdade que os eclipses da lua influenciam a nossa vida? Se é verdade, — por que?*

KRISHNAMURTI: Quando se é **lunático**, pode ser que sim. Se já se é um pouquinho **aluado**, talvez haja alguma influência. Mas, em caso contrário, não vejo como possam influir em alguém.

Esta pergunta suscita o problema da superstição. Escutai! Viveis numa sociedade, no meio de gente religiosa que diz que "o eclipse da lua tem influência na mente". Essa sociedade tem teorias de tôda espécie, e sois criado no meio dessas teorias. Vêde os milhares de peregrinos que se concentram para banhar-se no Sangram ou no Ganges. Quando milhares de pessoas pensam uma coisa, cria-se uma atmosfera, não é verdade? Nessa atmosfera, nessa atividade, a criança observa e se impressiona.

Quando se é jovem, a mente é sensível como uma chapa fotográfica. Eis porque é muito importante a qualidade de atmosfera em que se vive. Mas não damos atenção a nada disso.

Vivemos neste mundo caótico, triste e desgraçado, de maneira superficial. Ouvis pessoas idosas dizerem que "o eclipse da lua influi na nossa vida". Ouvis isso e o aceitais. Não o pondes em dúvida, não pensais por vós mesmo. O pensar com simplicidade é muito difícil, pois a mente não é simples; a mente inventa, a mente cria tôda sorte

de ilusões e de mistérios, e depois fica enredada nessas coisas.

Ter a mente simples é compreender realmente a complexidade da vida. Não se pode negar a complexidade da vida, dizendo "tenho a mente simples". Uma mente simples não é uma coisa que se pode cultivar; ela começa a existir, quando se compreende a complexidade da existência.

PERGUNTA: *Qual é a finalidade da nossa vida?*

KRISHNAMURTI: Qual é o significado da nossa vida? Qual a finalidade da vida?

Por que fazeis uma pergunta dessas? Só a fazeis quando existe caos em vós, e ao redor de vós confusão, incerteza. Porque estais incerto, desejais algo para terdes uma certeza. Desejais um certo objetivo na vida, uma finalidade clara, porque, em vós mesmo, estais incerto. Sentis-vos infeliz e confuso; não sabeis o que fazer. Em virtude dessa confusão, dessa desdita, dessa luta, dos vossos temores, perguntais: "qual é a finalidade da vida?" Desejais uma coisa permanente, para lutardes pela sua consecução, e a própria luta para a consecução de um objetivo, produz sua claridade própria; mas essa certeza, essa claridade é apenas uma outra forma de confusão.

O importante não é sabermos qual a finalidade da vida, mas, sim, compreendermos a confusão em que nos achamos, os sofrimentos, as lágrimas e outros transtornos da vida. Não compreendemos a confusão e queremos ficar livres dela! A "coisa real" está aqui e não "ali". Um homem que tem muito interêsse em compreender tôda esta confusão, não pergunta qual é a finalidade da vida. O que lhe interessa é dissipar a confusão, dissipar o sofrimento em que está aprisionado. Quando tudo isso se dissipou, não se faz uma pergunta como esta.

Ninguém pergunta "qual é a finalidade da luz do sol?", "qual é a finalidade da beleza?", "qual é a finalidade do viver?". É só quando a vida se torna uma tribulação, uma batalha constante e se deseja fugir dessa aflição, dessa batalha, que se pede: "dizei-me qual é o alvo da vida". Então, saimos a seguir várias pessoas, andamos de um instrutor para outro, no desejo de descobrir a finalidade da vida. E êles no-lo dirão, embora sejam tão insensatos como nós mesmos. Só podemos escolher um **guru** igual a nós mesmos, igualmente confuso; e dêle obtemos o que desejamos.

Se pudermos compreender a confusão, as lutas, as tribulações, as nossas ânsias profundas, então, nessa compreensão mesma, encontra-se algo que não se precisa pedir a outrem.

PERGUNTA: *Por que choramos?*

KRISHNAMURTI: Como sabeis, há lágrimas de alegria e lágrimas de dor. As lágrimas de alegria são muito raras. Quando amais alguém, vêm-vos lágrimas aos olhos. Mas isso é muito raro. Não é para nós, porque não amamos. À medida que envelhecemos, vamo-nos tornando cada vez mais sérios. Conhecemos, pelo menos, a seriedade da frustração, a seriedade das irremediáveis misérias da vida, cujas profundezas nunca foram sondadas, apreciadas, conhecidas. Nós, em geral, temos lágrimas — da menina ao ancião. Sabemos o que estas lágrimas significam — lágrimas de dor pela perda de alguma coisa, pela perda de um ente amado, pela falta de êxito na vida, por um casamento infeliz. Conhecemos tôdas estas coisas. Mas, para comprender e transcender tôdas elas, todo e qualquer pensamento, requer-se muita reflexão e muita penetração.

PERGUNTA: *Como podemos ocupar-nos com o inconsciente?*

KRISHNAMURTI: Esta pergunta não foi feita por um adulto, mas por uma criança. A criança nada sabe a respeito do inconsciente. Interessa-lhe apenas jogar futebol, estudar uma matéria, matar a fome, bater nos companheiros menores, fugir do que lhe faz mêdo, etc. Sois uma criança e não podeis por enquanto observar muito. Entretanto, mesmo se observardes pouco, podereis ver que há muitas coisas que se passam abaixo das ondulações superficiais da mente. Já observastes o rio alguma vez? Sabeis que há uma espantosa abundância de vida abaixo da superfície do rio, nas suas profundezas? Um francês desceu a uma profundidade de duzentos e sessenta pés, encontrando uma extraordinária riqueza de vida, peixes nunca vistos, côres completamente inimagináveis, escuridão incrível, silêncio impenetrável. Mas nós só conhecemos a superfície do rio, as leves rugas que lhe encrespam as águas. Não conhecemos senão as correntes da superfície do rio. Mas, se descermos mais fundo — há meios artificiais de mergulhar a grandes profundidades — poder-se-á ver quantos peixes, quanta variedade de vida, quantas coisas estranhas se passam abaixo da superfície.

Do mesmo modo, para que possamos ver o que existe sob a superfície da mente, conhecer-lhe tôdas as ondulações e atividades, precisamos ser capazes de mergulhar muito fundo, na mente. Importa saber que a mente não é só aquela tênue camada de atividades superficiais; que não sois apenas uma pessoa que estuda para passar nos exames, que segue alguma tradição no que respeita às vestes que usa, à observância de cerimônias como puja, etc. Para descer abaixo das atividades superficiais, precisamos de uma mente que compreenda a maneira como deve mergulhar.

Parece-me ser esta uma das funções da educação: Não

deixar que nos contentemos apenas com a superfície — bela ou feia — mas fazer-nos capazes de mergulhar fundo, como o escafandrista, sabendo respirar livremente naquelas profundidades, lá descobrindo tôdas as complicações da vida, as profundezas, as limitações, as flutuações, as variedades do pensamento — porque, interiormente, somos tudo isso — e de transcender, depois, tôdas essas coisas.

Não podeis descer muito fundo se não conheceis a superfície do vosso espírito. Para conhecer a superfície é necessário estar vigilante; a mente deve prestar atenção à maneira como vestimos, como enfiamos uma veste sagrada e fazemos **puja** — e compreender a razão por que o fazemos. Podeis então mergulhar fundo. Para tanto, porém, necessitais de uma mente muito simples. Eis porque a mente fechada na prisão de suas conclusões, da condenação, da comparação, nunca é capaz de ultrapassar as suas atividades superficiais.

PERGUNTA: *Como devemos observar as coisas?*

KRISHNAMURTI: O que importa não é "como **deveis** observá-las", mas como **realmente** as observais.

Não sabeis como se deve observar. Muitas pessoas vos dirão como o deveis fazer, e é insensato aceitar simplesmente o que dizem essas pessoas. Tendes de descobrir **como** olhais as coisas. Já notastes de que maneira olhais para as coisas? Como olhais uma árvore? Olhais para ela plenamente, ou a olhais casualmente, dai-lhe um nome e passais adiante? Ao lhe dardes um nome, a vossa mente já se ausentou. Se olhais para um papagaio, observais o seu bico vermelho, suas garras, sua maneira curiosa de voar? Prestai atenção às coisas, porque dêsse modo aprendereis a observá-las e a vê-las. No momento em que dizeis: "êste pássaro é "tal pássaro" — vossa mente já se desviou da observação.

Nunca olhamos uma coisa livremente, de maneira completa, porque jamais a observamos sem a compararmos com outra. Dizemos "êste pássaro não é tão bonito como aquêle", "esta árvore não é tão alta ou tão majestosa como aquela" — e também lhe damos um nome. O processo da comparação está em constante funcionamento. Só observa de fato a mente capaz de observar livre daquele processo. É dessa maneira que se deve observar as coisas. Quando se vos diz que deveis olhar sem comparação, sem dar nome, fazeis então esfôrço para observar dessa maneira. Não façais, porém, tal esfôrço. Vêde como olhais, como comparais, como julgais, e observais um objeto belo. Observai como a vossa mente está sempre a divagar e nunca olhando as coisas plenamente. Para observar as coisas, a mente precisa estar quieta, sem divagar, sem se distrair.

19 de janeiro de 1954.

XIII

UMA das coisas mais difíceis é descobrir o fato da mediocridade. Sabeis o que significa esta palavra? Uma mente medíocre significa, com efeito, a mente que está corrompida, que não é livre, que se acha tomada de temor, enleada num problema, a mente que só revolve em tôrno de seus próprios interêsses, seu próprio sucesso ou insucesso, suas soluções imediatas, e das tribulações que inevitàvelmente acometem a mente mesquinha. É uma das coisas mais difíceis do mundo a mente medíocre libertar-se dos seus próprios hábitos de pensamento, seu próprio padrão de ação, e ser livre para viver, mover-se, agir. Pode-se ver que a mente da maioria é muito limitada, muito mesquinha. Observai a vossa própria mente e vêde com que está ocupada — coisas insignificantes, como: passar em exames, o que outros pensarão de vós, o mêdo que tendes de alguém, o sucesso que desejais. Ambicionais um emprêgo, e quando tendes êsse emprêgo, quereis outro emprêgo melhor, e assim por diante. Se investigardes a vossa mente, podereis ver que ela está sempre ocupada nesse gênero de atividades insignificantes, triviais, interesseiras. Ocupada dessa maneira, ela cria problemas, não é verdade? Procura resolver os seus problemas de acôrdo com sua própria insignificância e, não conseguindo resolvê-los, aumenta o seu número. Acho que a função da educação é a de quebrar êsse modo de pensar.

A mente medíocre, a mente que estacionou numa rua estreita de Banaras e lá ficou vivendo, poderá ler, poderá passar em exames, poderá andar muito ativa superficialmeite; mas estará ainda vivendo na rua estreita e pequena

que ela mesma fabricou. Parece-me muito importante todos nós, velhos e moços, percebamos que, sendo a mente muito limitada, todo esfôrço que faça, tôdas as lutas que sustente, tôdas as esperanças e temores que tenha, hão de ser também coisas insignificantes. É muito difícil, para a maioria de nós, perceber claramente que os **gurus**, os Mestres, as sociedades, as religiões criadas pela mente mesquinha, são também mesquinhos. É dificìlimo quebrar êsse padrão de pensamento.

Não é muito importante que, enquanto somos jovens, tenhamos mestres e educadores que não sejam medíocres? Porque, se os educadores são homens embotados, cansados, que só pensam em coisas insignificantes e se acham fechados na sua própria insignificância, não podem, naturalmente, ajudar a criar uma atmosfera em que o estudante seja livre e capaz de quebrar o padrão que a sociedade impôs aos indivíduos.

Muito importa, parece-me, ser-se capaz de reconhecer que se é medíocre, porque em maioria não queremos admitir que somos medíocres e pensamos que temos algo extraordinário, oculto em alguma parte de nós mesmos. Mas, precisamos saber que somos medíocres, compreender que a mediocridade só pode criar mediocridade, e nada fazer contra ela. Tôda ação contra a mediocridade é ação nascida da própria mediocridade; quebrar a mediocridade é uma ação sem valor. Não estais compreendendo? Infelizmente eu só falo inglês, mas espero que vossos mestres vos ajudem a compreender tudo isso. Se êles vo-lo explicarem, será quebrada a sua própria mediocridade. A simples ação de explicar, despertá-los-á para a própria mediocridade, a própria pequenez. Eis porque a mente medíocre não pode amar, não pode ser generosa, e só vive disputando por causa de trivialidades. O que se necessita, na Índia e noutras partes do mundo, não são pessoas talentosas, nem pessoas diplomadas ou altamente coloca-

das, mas, sim, pessoas que quebraram a trivialidade da própria mente.

Trivialidade é essencialmente pensamento egoísta. É isto que torna a mente trivial: a constante preocupação com o próprio sucesso, os próprios ideais, os próprios desejos de perfeição. Isto é que torna a mente medíocre, porque o "eu", o "ego", por mais que possa expandir-se, é sempre limitado. Assim, a mente que está sempre ocupada é uma mente medíocre; a mente que está sempre pensando numa coisa, preocupada a respeito de exames, da obtenção de emprêgo, sôbre o que possam pensar nosso pai e nossa mãe, ou nossos Mestres, **gurus**, ou vizinhos, essa mente é medíocre. A constante ocupação com essas idéias produz a respeitabilidade, e a mente respeitável, a mente medíocre, não é feliz. Prestai tôda a atenção a estas coisas.

Todos vós desejais ser respeitáveis, não é verdade? — quereis que pensem bem de vós — vosso pai, vosso vizinho, vossa sociedade; quereis fazer sempre o que é correto, e isso gera temor. Essa mente nunca será capaz de pensar em qualquer coisa nova. O de que se necessita neste mundo corrompido, é a mente criadora, e não a mente inventiva e de muita capacidade. Essa ação criadora, porém, só pode vir quando não existe mêdo, quando a mente não está tôda ocupada com seus próprios problemas. Requer tudo isso uma atmosfera em que o estudante seja realmente livre, o que não significa ser livre para fazer o que bem entender, mas livre para investigar, descobrir, raciocinar e transcender a razão. O estudante precisa de uma liberdade em que possa descobrir aquilo que êle realmente gostará de fazer na vida, para não ser forçado a fazer uma coisa que ache aborrecida, detestável.

A mente medíocre jamais pode revoltar-se; submete-se à autoridade do Govêrno, à autoridade paterna, a tudo se sujeita. É bem provável que num país como êste, su-

perpovoado e de vida dificìlima, é bem provável que, sob premência dessas circunstâncias, tenhamos de obedecer, de sujeitar-nos, e assim acontece que, gradualmente, se apaga em nós o espírito de revolta, o espírito de descontentamento. Uma escola como esta deve educar o jovem para ter, em tôda a duração da sua vida, êsse tremendo descontentamento que não nos deixa satisfazer-nos definitivamente. O descontamento começa a investigar e a se tornar inteligente, quando não nos deixamos cair numa rotina de satisfação e complacência.

A educação, pois, é uma coisa muito complexa, pois não consiste apenas em cursar aulas, passar em exames, e obter emprêgos. A educação é um processo vital, um constante revelar do significado da vida. Mas não estamos preparados para essa missão. E eis porque se faz necessário educar o educador, para que possa educar os jovens. Fazeis todos os vossos exames, obtendes emprêgos, e depois? Casais, tendes filhos, preocupações, pouco dinheiro, e acabais por desaparecer no meio da massa de mentalidade medíocre. É o que acontece conosco. Depois de transpormos os portões da Universidade, desaparecemos; não somos capazes de revoltar-nos, de criar uma nova sociedade, uma nova maneira de pensar; não somos capazes de quebrar os velhos padrões. Em vez disso, adquirimos a mentalidade medíocre da multidão. Penso, realmente, que a missão da escola de Rajghat é a de quebrar essa mediocridade, para serdes uma pessoa diferente ao sairdes daqui, um ente humano criador, que fará nascer um mundo novo. Requer isso, da parte dos mestres, da parte dos mais velhos, muita compreensão e muita afeição. Por conseguinte, se esta escola não fôr capaz de cumprir essa finalidade, ela não tem razão de ser. Muito importa a todos nós — o estudante, o mestre, os pais, todos os que aqui nos achamos — compreendamos bem isso e criarmos condições capazes de transformar a mente limi-

tada, a mente pequenina e medíocre, para que ela seja uma coisa viva e entranhada daquele espírito criador e sem mêdo, cheio de afeição e compreensão.

PERGUNTA: *Por que é que nós, rapazes e moças, nos sentimos acanhados em presença uns dos outros?*

KRISHNAMURTI: Por que nos sentimos acanhados? Já vistes um casal de pardais pousado no peitoril da janela, a palrar entre si? Os dois são diferentes. O macho tem o peito preto, e a fêmea não tem. Uma das aves é muito tímida; a outra, impetuosa, agressiva. Já observastes isso? Evidentemente, um rapaz e uma moça diferem fìsicamente. As moças têm o corpo diferente do dos rapazes, e seus nervos são diversos. A moça é talvez mais sensível, mais tímida, e o rapaz, não. O rapaz é fìsicamente mais rude; a rapariga é diferentemente constituída. Atrás disso há um problema importante: o sexo — expediente com que a natureza põe bêbês no mundo. Ninguém nos fala sôbre essas coisas e do seu significado. Deixam-nos crescer completamente "incivilizados", completamente ignorantes a êsse respeito; e é por isso que sentimos acanhamento.

A sociedade hindu, além disso, mantém separados o homem, a mulher e as crianças. A gente velha tem muitas idéias sôbre o que é certo e o que é errado; a mulher é para ficar guardada em casa, já que é inferior, desprezível, um mero utensílio; ela é para cozinhar e ter filhos. E, naturalmente, ela cresce numa atmosfera de mêdo, de apreensão, de nervosismo, ansiedade, e, por isso, não pode ser um ente humano, mas apenas u'a moura para trabalhar e nada mais. Não tem divertimentos, não pinta, não pensa; freqüenta a escola e faz exames que para ela nada significam. Torna-se uma mulher igual às outras; e a mesma coisa acontece com os rapazes.

Nossa educação, em geral, é a maneira mais destrutiva

de se lidar com entes humanos. Não nos tratam como entes humanos, para compreender a vida, amar a vida, perceber a infinita beleza e as riquezas da existência, saber o que é a morte e conhecer essa coisa viva que é a vida. Nada disso nos mostram. O que nos dizem é só "faça" e "não faça". Brutal ou agressivamente, vos batem, vos ralham, vos intimidam; e, por isso, naturalmente, os adolescentes tornam-se acanhados. O problema, por conseguinte, nunca pode ser compreendido, porque atrás dêle está o mêdo. A função do educador não é a de explicar-vos, mostrar-vos essas coisas, para que, enquanto sois estudantes, compreendais tôdas as dificuldades e sutilezas? E essas dificuldades e sutilezas, êsses imensos problemas, sòmente podem ser compreendidos quando já não existe mêdo.

PERGUNTA: *É justo que a fama venha depois da morte?*

KRISHNAMURTI: Achais que um aldeão será famoso depois de morto?

PERGUNTA: *Um grande homem, depois de morrer, torna-se famoso e são-lhe prestadas honras.*

KRISHNAMURTI: Que é um grande homem? Descobri, vós mesmo, a verdade relativa a esta pergunta. Que é um grande homem? É aquêle que busca a fama? É aquêle que atribui a si mesmo uma tremenda importância? É aquêle que se identifica com uma nação e se torna o seu líder? Se é, êle já é famoso em vida. Eis o que todos queremos; todos desejamos a mesma coisa, todos aspiramos a ser grandes homens. Quereis "conduzir a procissão", ser Governador, o homem ideal, o grande homem que irá reformar a Índia. Visto que quereis ser isso, já que todos o querem, havereis de "conduzir a procissão".

Mas isso é grandeza? A grandeza consiste em ter publicidade, ter o nome nos jornais, exercer autoridade sôbre outros, impor-lhes obediência, graças a uma vontade forte, uma personalidade poderosa, ou uma mente astuciosa? Ora, sem dúvida, a verdadeira grandeza é coisa muito diferente.

Grandeza é anonimato, e ser anônimo é a maior das coisas. As grandes catedrais, as grandes coisas da vida, as grandes esculturas são obras anônimas. Não pertencem a ninguém, em particular, tal como a Verdade. A Verdade não pertence nem a vós, nem a mim; ela é de todo impessoal e anônima. Se afirmais possuir a Verdade, não sois então anônimo e sois muito "mais importante" do que a Verdade. Mas uma pessoa anônima pode não ser, jamais, um grande homem. Provàvelmente nunca será um grande homem, porque não deseja ser grande, no sentido mundano ou mesmo no seu mundo interior, — porque êle é **ninguém**. Êle não tem seguidores. Não tem santuários e não anda cheio de vento. Infelizmente, porém, nós, em geral, queremos encher-nos de vento, ser grandes, conhecidos, ter muito sucesso. O sucesso conduz à fama, mas a fama é coisa vazia, não achais? É só cinzas. Todo político é muito conhecido; seu ofício é fazer-se conhecido, e, portanto, êle não é grande. A grandeza está em ser-se desconhecido, ser **nada**, tanto interior como exteriormente; e isso exige muita penetração, muita compreensão, e afeição.

PERGUNTA: *Se respeitamos alguém, nisso há temor. Porque então respeitamos?*

KRISHNAMURTI: É muito simples. Se respeitais por temor, então estais desejando algo da pessoa. Não é verdade? Por conseguinte, não a respeitais verdadeiramente. Apenas quereis obter alguma coisa. Por isso dobrais a

espinha diante dela, tocais-lhe os pés e pondes uma grinalda em redor do seu pescoço. Isto não é respeito; respeito é coisa muito diferente. O respeito para com outro requer afeição, e não temor. Quando respeitais alguém de quem esperais obter alguma coisa, então, por fôrça, desprezais aquêles que estão abaixo de vós. E um homem que tem desprêzo por outro, nunca estará livre do temor. Estará?

Não é possível têrmos em nós a afeição que se expressa em respeito para com outros, independentemente de ganho ou não-ganho? Vêde a maneira como tratais o cule, o trabalhador, o criado do hotel, e a maneira como tratais o vosso Prefeito, o Diretor ou um membro da Fundação — e assim por diante, em escala ascendente. Vêde bem isso, para conhecerdes o vosso próprio comportamento. Não vos ergueis quando entra um cule, mas, quando o professor entra, vos levantais de um salto, porque êle acha que deveis mostrar-lhe respeito. Mas êle não faz questão que trateis de modo igual o criado, com palavras iguais, em tom amável e benevolente.

Não vos parece importante saber tudo isso enquanto se é jovem, para que não vos torneis escravos da autoridade, para que sintais verdadeira afeição por tôdas as pessoas, mostrando respeito tanto para com o criado como para com o homem que pensais ser um pouco mais importante? Entretanto, enquanto houver temor e nenhuma afeição, continuareis, forçosamente, a ter desprêzo por um e um suposto respeito por outro.

PERGUNTA: *Por que o irmão mais velho bate na irmã mais nova, e a irmã mais nova no seu irmãozinho menor?*

KRISHNAMURTI: Boa pergunta, esta. Já observastes os pintainhos? O pintinho mais forte bica o mais fraco e o mais fraco bica outro mais fraco do que êle. Aqui não há pintos, e não podeis observá-los. Aliás, nunca observais

nada, embora estejais cercados de vida por todos os lados. Escutai bem! Não olhais para as coisas, não as observais — nem vós nem os vossos mestres. Eis como é a vida. Entre os animais, o mais forte destrói o mais fraco. E do mesmo modo procedemos na sociedade humana. O homem forte infla o peito e bate em todos os demais; e o homem mais fraco se enraivece contra aquêle que é mais fraco ainda. Perguntais porque fazemos isso. É pela razão muito simples de que **queremos fazê-lo.** Se um brutamontes nos bate, tiramos a nossa desforra no pequenino.

É muito forte em nós o desejo de magoar os outros. Gostamos de ferir. Sentimos um verdadeiro prazer em pisar outras pessoas, dizer delas coisas cruéis, coisas feias e aviltantes. Nunca falamos de outrem com bondade. Jamais dizemos achá-la muito boa, mas só falamos dela com desdém ou escárnio. Por conseguinte, isso é que precisa ser compreendido, e não porque a irmã mais velha bate na mais nova, etc. A irmã mais velha provàvelmente apanha do pai ou da mãe e, por conseguinte, precisa desforrar-se em alguém, e bate na menor, e esta, por sua vez, tira a forra nos mais pequenos.

Compreender a crueldade é uma coisa muito difícil, e compreender a animosidade e viver sem malquerença é dificílimo para a maioria das pessoas. Nunca pensamos nessas coisas. Em nossas escolas nunca se nos chamou a atenção para nossos atos de crueldade, porque o próprio mestre não os percebe. Tem êle os seus problemas pessoais, tem de dar as suas aulas e impelir os alunos a se prepararem para os exames. Observai tudo o que se passa ao redor de vós, como os pintos brigam com os pintos e o possante buldogue domina os outros cães. Vereis que o mesmo espírito de domínio, de ráiva, ódio e animosidade se encontra em cada um de nós. Para fazê-lo desaparecer basta estarmos cônscios dêle, sem considerá-lo mau ou bom.

PERGUNTA: *Que é liberdade?*

KRISHNAMURTI: Será que êsse menino deseja realmente saber o que é liberdade? Alguém aqui sabe o que é liberdade? Sabemos apenas que somos obrigados a fazer coisas; que as circunstâncias ou nossos próprios temores nos compelem a fazer coisas, e desejamos libertar-nos dessa condição. Fugir da prisão, da compulsão, do temor ou outra coisa — eis o que chamamos liberdade. Tende a bondade de escutar! Fugir de uma prisão, de um obstáculo, de qualquer espécie de compulsão, não é liberdade. A liberdade é algo existente por si só e que não está distanciada de alguma coisa. Compreendei isso, por favor. O homem que por um motivo qualquer foi pôsto numa prisão, deseja fugir e ser livre. Só pensa numa coisa: libertar-se. Se sinto cólera, acho que, se puder libertar-me da cólera, serei livre. Se sou invejoso e domino a inveja, isso não é liberdade. Fugir, dominar, quebrar — cada uma dessas coisas é apenas uma maneira diferente de expressar a mesma coisa; não é liberdade. A liberdade é algo que existe por si e que não está distante de alguma coisa. O amor a uma coisa, por ela própria, é liberdade. Há liberdade quando pintais pelo gôsto de pintar e não para terdes fama ou posição. Na escola, se pintais por amor, êsse mesmo amor é liberdade e denota uma extraordinária compreensão das coisas da mente. É muito simples fazer uma coisa por amor a ela, e não pela recompensa que possa trazer. Amar a coisa por ela própria é o comêço da liberdade. Dedicais dez minutos da hora de aula para falar sôbre êstes assuntos? Ou mergulhais imediatamente na Geografia, na Matemática, no Inglês, etc.? Como procedeis? Por que não fazeis isso todos os dias, durante dez minutos, em vez de perderdes todo o tempo com alguma matéria estúpida que não vos interessa realmente, mas que tem de ser aprendida? Por que

não reservais um pouco do tempo da aula para conversardes com o professor sôbre estas questões? Isso vos ajudará, na vida, embora, provàvelmente, não vos leve a ser "grandes" ou muito bem sucedidos ou famosos. Se todos os dias conversardes durante dez minutos sôbre êstes assuntos, com inteligência e sem mêdo, isso vos ajudará pela vida tôda, porque vos fará entes pensantes e não meros repetidores, como os papagaios. Tende, pois, a bondade de pedir aos vossos mestres que vos falem sôbre estas coisas. E vereis, então, como começareis a tornar-vos mais inteligentes — e os mestres também.

PERGUNTA: *Pode a natureza (*) libertar-se da dependência da natureza? Se dependência é o equivalente de temor, podemos em algum tempo ficar livres da dependência da natureza?*

KRISHNAMURTI: Quando somos muito novos, criancinhas, dependemos de nossa mamãe, para ganharmos o nosso leite. Precisamos de proteção, vigilância, carinhos. À mesma lei estão sujeitas as aves e todos os animais. É uma coisa natural. Mas se, depois de crescermos, continuamos dependendo de alguém, para nossa felicidade, nosso confôrto, orientação, segurança, então, como resultado dessa dependência, surge o temor. A dependência nos faz embotados, insensíveis, medrosos. Todos nós dependemos da estrada de ferro, dos correios, mas isso não é pròpriamente dependência e, sim, uma função de que todos nos servimos. A dependência a que me refiro é a dependência psicológica, a busca psicológica de proteção. Esta dependência é que cria o mêdo, que nos obscurece a mente, embotando-a, insensibilizando-a.

Dependemos, porque, em nós mesmos, estamos tão

(*) **No homem (N. T.).**

vazios, em nós mesmos não existe nada, nem uma semente, sequer, capaz de florescer. Visto nada sabermos a respeito dessas coisas, não achais que a função da educação deve ser a de nos mostrar tudo o que a existência humana implica, exterior e interiormente? Nosso viver não é só o que aparece exteriormente, que é muito superficial. Somos muito mais profundos; há muitas coisas ocultas em nós mesmos. Descobrir e compreender tôdas elas, e passar além, eis a função da educação.

20 de janeiro de 1954.

XIV

QUE bela manhã! Notastes como o céu está azul? Como está límpido o ar, tão claro e tão tranqüilo! Vistes o rio esta manhã? Nem uma ruga na sua superfície; e o sol nascente — quanta paz! Ora, é disso que precisamos, todos nós e não apenas os homens que moram à beira do rio — dessa paz extraordinária. Quando a temos, não sabemos que a temos. Nisso é que consiste a sua singularidade. Os pescadores da aldeia também não o sabem. Têm tanta beleza, tanta paz, o sentimento de estarem a sós com a natureza, mas estão insatisfeitos, porque têm fome. Têm de lutar pela vida; e assim, apesar dessa extraordinária beleza e tranqüilidade, acham-se empenhados numa batalha sem tréguas. Querem mais dinheiro, seus filhos estão doentes, suas espôsas, suas mães estão a morrer, e, por isso, há tanta agitação no meio de tôda essa tranqüilidade. Isso acontece com a maioria de nós. Quando nos tornamos mais velhos, queremos viver sossegados.

Quando somos jovens, não temos preocupações a respeito da paz, da tranqüilidade, da beleza, mas só queremos estar contentes, passar o tempo agradàvelmente, recrear-nos, ver as coisas como são; e, com efeito, quando crianças vemos tôdas as coisas como são realmente. Mas ao nos tornarmos mais velhos, queremos tantas coisas — ser felizes, ter virtude, ocupar bons empregos, ter filhos; e começamos a competir por causa de um cargo melhor, uma posição em que tenhamos mais poder, etc. Debaixo de tudo isso, porém, está o desejo de sossêgo; não queremos ser perturbados, queremos que os nossos pensamentos deslizem suavemente pelos canais costumeiros; esta-

belecemos, assim, hábitos de pensamento fácil, de existência fácil, com um emprêgo confortável, onde ficamos estagnados. Os mais de nós, pois, quando nos tornamos mais velhos, desejamos estar em sossêgo, não ser perturbados; e êsse estado de não perturbação é o que chamamos "paz". Para a maioria de nós, a paz é isto: ter o céu sempre limpo. Mas, debaixo dêsse céu limpo, muitas coisas estão sucedendo, uma grande perturbação se está produzindo na atmosfera, sem o perecebermos. Percebemos tão-sòmente o que está à superfície. A tranqüilidade que queremos é uma calma superficial, uma existência fácil. Mas a paz não é tão fácil de compreender. Só a compreenderemos quando compreendermos a grande perturbação, o descontentamento existente em cada um de nós; quando nossa mente estiver livre do pensamento fácil, dos caminhos fáceis, do padrão de ação; quando estivermos sendo realmente perturbados — que é o que todos estamos evitando.

Não queremos ser perturbados, queremos que as coisas permaneçam como estão. Se ocupais um cargo confortável, se possuis uma boa casa ou um bom automóvel, não quereis ser perturbado. Quereis que as coisas continuem tais quais. Mas, ao redor de vós e dentro de vós verificam-se perturbações a todos os momentos, perturbações sociais; e, por essa razão, um homem se torna reacionário, conservador, desejando que as coisas permaneçam, evitando sistemàticamente qualquer espécie de mudança e evocando os bons tempos em que as coisas duravam. Quando jovens, somos agitados, indagadores, curiosos, sedentos de saber. Tornando-nos mais velhos, não queremos perturbações e, sim, descobrir soluções. Nossa religião é um consôlo para nós; dá-nos tranqüilidade, dá-nos uma convicção de que "seremos mais felizes na próxima vida", se aceitarmos as coisas como são. Por conseguinte, quando falamos de paz, essa paz, para

a maioria de nós, significa um estado sem perturbação. Imaginamos, pensamos, meditamos a respeito dessa paz, como sendo um estado em que não há nenhuma espécie de perturbação, nenhuma espécie de revolução, nenhuma modificação radical. E em conseqüência disso, as nossas mentes se tornam muito insensíveis, letárgicas, mortas, mesmo. O que chamam paz é uma coisa morta.

Mas, acredito, há uma outra qualidade de paz, e esta paz é muito mais difícil de compreender, porque é uma paz em que não há reação, em que não há resistência, que produz conflito. Estais compreendendo? É a paz em que não há conflito, uma coisa que não é conflito. Eu sou feliz ou infeliz; e quando sou infeliz, quero ser feliz. Só conhecemos êstes opostos, êstes processos duais. Ontem eu fui feliz e hoje sou infeliz; e desejo voltar amanhã àquele estado de felicidade. Mantemos, pois, êstes opostos e vivemos trabalhando, lutando, para alcançar a coisa que chamamos felicidade, e que é oposta à infelicidade, e quando a alcançamos queremos permanecer nesse estado. A permanência nesse estado é o que chamamos um estado de segurança constante, de paz e felicidade perenes. É só isso que sabemos, e estamos sempre a perguntar "como poderei voltar àquele estado em que eu era feliz, em segurança?". Porque, nesse estado primário, não sou perturbado, não sinto mêdo. Mas eu acho que isto não é a paz.

A paz não é uma coisa que está oposta ao conflito. Não é um resultado de luta, de trabalhos, de sofrimentos, de infelicidades. Se o é, então não é a Paz, e sim, apenas, a reação contrária ao **que é**. Êste assunto é um pouquinho difícil. Perguntai aos mestres se êles o compreendem. Espero que sim, porquanto é muito importante compreendê-lo. A paz é como a liberdade. Liberdade é o amor à coisa em si; não é o oposto da escravidão. O amor a uma coisa não está interessado nas vantagens que ela possa

trazer: posição, prestígio, dinheiro, fama, notoriedade, etc. É uma coisa em si, independente de recompensa, temor, castigo, insucesso, ou de qualquer desejo de bom êxito. Esta é a coisa que se chama Paz. A paz não é o oposto do conflito, da perturbação, da revolução.

Para compreendermos a paz, que não é um oposto, precisamos compreender os conflitos da mente. A mente quando se vê perturbada, cria a paz, deseja a paz, deseja estar em sossêgo, não ser perturbada. E cria, assim, um pôrto de salvação, uma crença, um refúgio que se chama "paz". Mas isto não é a Paz; é, puramente, reação, movimento de fuga de uma coisa para outra. A vida, porém, não vos deixa sossegar. A vida é cheia de perturbação — os pobres, os ricos, o camelo que sofre sob uma carga excessiva, o político, a revolução, a guerra, as disputas, a malevolência, as desditas, as alegrias e tristezas, — tudo isso é a vida. Nela está também presente a morte. Esta vida é tôda de perturbações. E, visto ser assim, tão cheia de perturbações e não a compreendemos, desejamos fugir para algo, que chamamos a "paz"; sentamo-nos à beira do rio, fechamos os olhos e nos pomos a pensar numa coisa que chamamos "paz". Isto é puramente uma fuga, uma reação, um oposto do estado de perturbação. Mas, se pudermos compreender as perturbações — a luta para viver, as tristezas, desditas, choques, ciúmes, despeitos — se pudermos compreender as perturbações, sem fugir, encarando **o que é** sem condená-lo, mas compreendendo-o, então, daí resultará uma paz que não é um oposto. Nessa paz há muita profundeza, uma atividade totalmente diversa, que é criação, que é Deus, que é a Verdade. Essa paz, entretanto, jamais a alcançaremos, jamais a compreenderemos, se não compreendermos as perturbações. Com a compreensão das perturbações — insatisfações, constantes buscas, complicações, ansiedades, — a mente se torna muito clara. A

paz não é uma coisa que existe fora da mente; ela surge quando compreendo os meus problemas. Para compreender os problemas, não devo condená-los, não devo comparar um problema com outro problema. Não devo dizer: "ah! você está sofrendo mais do que eu", ou "eu sofro muito mais do que você". Sofrimento é sofrimento; não sofreis mais e eu menos, ou eu mais e vós, menos. Se procurarmos conhecer o sofrimento, sem comparação, poderemos então tentar compreendê-lo. Com essa compreensão, a mente se torna muito simples, muito clara, completamente despida; e essa nudez da mente é que é a paz. A mente que passou pela experiência e a compreendeu, sem se apossar dela, essa mente está desnuda e conhece a paz.

Isto é um pouco complexo para um menino compreender, mas deveis saber tôdas essas coisas, porque tereis de sair dêste estabelecimento para um mundo onde há competição terrível, onde cada um luta por si, pela nação, pelo povo, pelo seu deus. Se não compreendermos êsse processo, ver-nos-emos colhidos nele, forçados pela sociedade, pelas circunstâncias. Muito importa, quando somos jovens, que nos eduquem ou que nos eduquemos de modo tão claro e tão simples, que possamos compreender a batalha da vida. Mas a questão é que gastamos os nossos dias ocupados com coisas sem importância. Já notastes como passais o vosso dia de estudante? — a maior parte do tempo na aula, umas poucas horas de recreio, recolher-se exausto e despertar no dia seguinte para recomeçar a mesma coisa. Nunca se gasta um dia, uma hora, nem mesmo dez minutos falando sôbre êstes assuntos que são de real importância. Nem o educador nem os que estão sendo educados gastam qualquer parcela do seu tempo examinando estas questões, descobrindo a verdade respectiva, para saberem a maneira de melhorar a vida. Isto é muito mais importante do que passar num exame. Milhares e milhões de pessoas, em todo êste mundo, fazem exames,

mas nunca amadurecem. A vida é um contínuo processo de aprender e compreender. A compreensão nunca tem fim; não se deve dizer: "fiz os exames finais, vou pôr fora os livros, já estou preparado para a vida". Mas é isso o que quase sempre fazemos. Depois de passarmos nos exames, nunca mais abrimos um livro.

Quando se sabe ler **corretamente**, os livros têm muito o que dizer. Mas há uma coisa muito mais profunda do que todos os livros; essa coisa somos **nós mesmos**. Em nós mesmos há riquezas imensuráveis, se aprendemos a ler o que nós somos. Não se precisa ler livro algum; tudo se encontra ali. Entretanto, isso exige muito mais capacidade do que a leitura de um livro; e, na leitura dessa coisa que sois vós mesmos, ninguém vos ajuda e, por isso, nunca passais um pouquinho de tempo, todos os dias, lendo-vos e compreendendo-vos. Isso vos enfada. Logo vos mostrais enfastiados, quando se vos fala das coisas que são **reais**. Nós, em geral, não desejamos ser perturbados; exteriormente, temos empregos, ocupações, somos professôres, etc.; e assim passamos pela vida, perdendo as belezas da vida.

PERGUNTA: *Como se pode fazer progresso no mundo?*

KRISHNAMURTI: O progresso neste mundo consiste apenas em sermos bem-sucedidos, em nos tornarmos **alguém** na escala do sucesso, na escala social? Por que queremos progresso no mundo? Por que queremos tornar-nos mais altos, mais fortes, mais inteligentes, mais cultos, mais poderosos — ou **menos** poderosos? Mais dinheiro, uma casa maior — isso significa para nós "progresso". É por isso que todos queremos sempre **mais**. Queremos, todos nós, subir, subir sempre, não é verdade? — não apenas neste mundo, mas também espiritualmente, interiormente. Mas, vós não me tendes prestado atenção,

pois já respondi a esta pergunta várias vêzes — o que não me impede de a ela responder de novo. Temos de ver a verdade contida nesta questão, e a verdade é que esta coisa que chamamos progresso, exterior ou interior, não traz nenhuma tranqüilidade, nem paz, e só leva a guerras e devastações e sofrimentos maiores ainda. Não compreendemos a nós mesmos, não compreendemos os "caminhos" da nossa existência; por isso ficamos enamorados dêsse progresso — o progresso do aeroplano, a última palavra em automóveis, as coisas espantosas que os inventores estão produzindo. Mas estas coisas têm seu uso próprio, e, a menos que modifiquemos a nós mesmos, só saberemos usá-las para causar devastações e sofrimentos.

PERGUNTA: *Em tôdas as reuniões dizeis que devemos tôdas as manhãs ter uma "discussão" de pelo menos dez minutos com os mestres; mas muitos dos mestres não comparecem às reuniões. Que devemos fazer para termos essas "discussões"?*

KRISHNAMURTI: Se a maioria dos mestres não vem, pedi aos outros que venham. Quando compareceis à aula, lá há sempre um professor. Por que não lho pedis? Porque não dizeis: "com licença, antes de começarmos a aula, vamos conversar a respeito do que se falou na reunião matinal?" — Mas eu acho que a questão é um pouquinho mais difícil. Os mestres, quando pedis que discutam convosco antes de iniciar-se a aula, ficam um tanto "amolados" com isso, não é verdade? Não desejam ser interrogados sôbre coisas que êles próprios não compreendem bem. Não querem sentir a própria falta de compreensão. São professôres, homens "superiores", e vós apenas seus alunos. Por isso desejam manter-vos no "vosso lugar". E vós, de vossa parte, jovens petulantes, que sois, gostais

de pô-los embaraçados. Criam-se, pois, obstáculos de parte a parte.

Parece-me igualmente importante que tanto o mestre como o aluno ouçam com atenção estas palestras e discutam a seu respeito. Não importa se o professor não entender. Êle tem de compreender essa coisa de que falo, que é a vida; não se trata de simples fantasia, de uma crença, religião, ou seita. Trata-se da Vida, e se os professôres não a compreendem, então, naturalmente, não podem ajudar os alunos a compreender. Se os estudantes desejarem discutir com êles, não há razão para que êles se zanguem ou se sintam perturbados. Se êles começarem também a pensar, perceberão os problemas e encontrarão uma maneira de falar a respeito dêles. Mas, infelizmente, a maioria dos mestres não sente interêsse por estas coisas. Têm seus problemas, seus empregos, já estão firmemente instalados, e querem que os deixeis em paz. A mente jovem, a mente do estudante, deseja conhecer, descobrir, pesquisar, incomodar o professor. Eis porque, senhores, vós, os mais velhos, deveis prestar atenção a tudo o que digo, porquanto pelas vossas mãos poderá ser criada a geração nova. E, se estas coisas não vos interessarem, só podereis criar uma geração tão aflita como a vossa. Estareis, com efeito, preparando uma calamidade, se desejardes educar os vossos alunos de acôrdo com vosso padrão, — e êsse padrão da geração mais velha não é coisa de que possamos orgulhar-nos. É verdadeiramente importante que os mais velhos, os mestres, investiguem estas questões. Afinal de contas, Rajghat é, precìpuamente, o lugar onde se deve ministrar esta qualidade de educação.

PERGUNTA: *Que é a confiança em si, e como vem à existência, no homem?*

KRISHNAMURTI: Senhor, cavais um buraco no jardim, o adubais e regais e depois pondes uma planta nele e

vêdes essa planta crescer. Dizeis e sentis que ao menos alguma coisa sois capaz de fazer, não é verdade? E fazeis outro buraco, plantais outra árvore, e adquiris a convicção de que sois capaz de fazer coisas, adquiris confiança; e o mesmo acontece quando passais nos vossos exames, um após outro. Isso não vos faz sentir cheios de confiança — a capacidade de plantar uma árvore, de dirigir um carro, de escrever um livro, o saberdes que sois inteligentes e que passareis nos exames? A capacidade para fazer alguma coisa nos torna confiantes, não é verdade? Quando escreveis um poema fàcilmente, dizeis, muitas vêzes: por Deus! com que facilidade eu o escrevo! — Isso vos dá um sentimento de confiança. Mas, que acontece, então? Essa confiança se transforma numa espécie de auto-importância: "posso realizar algo". Assim, pois, quanto utilizais vossa capacidade, começais a ter importância própria. Isto é, se tenho capacidade para falar em público, e só essa capacidade, sirvo-me dela como um meio de aumentar a minha importância, como um meio de auto-expansão. Se sou capaz de dançar alguma dança extravagante, essa capacidade me dá uma enorme importância; e, como gosto de exibir-me, torno-me presumido, cheio de minha própria importância. Cada um de nós, portanto, se serve de sua capacidade como um meio de nutrir as formas sutis do egoísmo.

Não é importante cultivar o "eu", mas, sim, ter a capacidade de fazer coisas, sem nutrir o "eu". Compreendeis? Quando escreveis um poema, quando plantais uma árvore, não digais: "**eu** escrevi um poema, **eu** plantei uma árvore". Requer-se muita inteligência para percebermos isso e deixarmos de utilizar a nossa capacidade — qualquer que ela seja e por menor que seja — como meio de auto-expansão, de tornar importante o "eu".

PERGUNTA: *Um rapaz, que se está desenvolvendo, começa a ficar curioso a respeito do sexo; deve ser assim ou não deve? E por que é assim?*

KRISHNAMURTI: O sexo é uma coisa natural. Não tendes curiosidade sôbre como nascem as árvores? Não vêdes que as vacas têm bezerros? Tudo neste mundo é muito curioso — como uma planta nasce, e cresce, e floresce, e frutifica; não é prodigioso? Tende a bondade de escutar com atenção. Nunca sentis vontade de indagar porque uma árvore cresce, porque um pássaro voa. Não percebeis a beleza de uma ave ou os matizes de uma árvore. Nunca ides cavar no jardim para plantar uma árvore, um arbusto; jamais cheirais uma flor; não ledes nunca com prazer; em tempo algum criais qualquer coisa com vossas próprias mãos. Porque não tendes interêsse por essas coisas, num sentido criador, ficais muito interessado numa coisa única, que chamais o sexo. Mas, quando se sente interêsse por tôdas aquelas coisas, então o sexo faz também parte da vossa vida, é também uma coisa natural. O sexo é o processo de produzir bebês, e nele não há nada de reprovável. Mas o sexo não deve tornar-se uma preocupação, nossa mente não deve estar totalmente interessada nele, como acontece com a mente da maioria de nós.

Quando somos jovens, se não aprendemos a sentir interêsse pelas flôres, pelos rios, pelos peixes; se não temos interêsse em criar algo com nossas próprias mãos, então aquela coisa, o sexo, assume muita importância. Se somos capazes de interessar-nos em tôdas as coisas, criadoramente — e isso, afinal de contas, é educação — na pintura, na música, em tocar um instrumento, escrever um poema, jogar partidas esportivas, tomar alimentos sadios, vestir adequadamente, contemplar o céu à tarde, ao amanhecer, ver a beleza das árvores — então a nossa mente embebendo-se de tôdas essas coisas, deleitando-se com

elas, criadoramente, percebendo-lhes a beleza, já não considera o sexo uma "coisa feia". Mas, como não nos estimulam a olhar as coisas criadoramente, o sexo se torna um verdadeiro pesadelo. Os mais velhos, aqui presentes, tende a bondade de prestar atenção. Afinal de contas, isto é que é educação: ajudar os alunos a plantar árvores, cuidar para que plantem as árvores e tratem delas, deixar que façam coisas com suas próprias mãos, que ordenhem as vacas, que dêem passeios — pois não devem recrear-se só com jogos esportivos — para verem as árvores, os pássaros, o céu, e alargarem a sua mente em todos os sentidos. Isto — e não o fazer exames estúpidos — é a verdadeira educação.

PERGUNTA: *Quando vemos moças, temos vontade de nos "mostrar". Por que isso?*

KRISHNAMURTI: Já respondi a esta pergunta. Nós desejamos apresentação(*). Somos atraídos pelo que chamamos o sexo oposto, a pessoa oposta, a jovem. Isto é uma coisa normal. Escutai bem: isto é normal, e não uma coisa vergonhosa e condenável. Quando vêdes uma árvore, não vos sentis atraído para ela? Quando vêdes aquela ave encantadora, o alcíone, com sua plumagem azul, em seu vôo soberbo, não vos deleitais com isso? Talvez assim não seja, porque nunca olhais para nada. Ontem de noite tivemos trovoada, relâmpagos, chuva. Não apreciastes êsse espetáculo, não é verdade? Nunca sentistes a chuva na face, ou já? Todos correm em busca de abrigo, as ruas ficam bem lavadas e as fôlhas mais cintilantes. Isso também é uma atração.

Em geral, infelizmente, os rapazes e as moças são insensíveis às coisas da vida, com exceção de uma só, e esta

---

(*) **No original "protection".**

se torna mais tarde um problema tremendo, um problema com que ficamos lutando tôda a vida. Devemos ser sensíveis às coisas que nos cercam, aos pobres bois que passam puxando pesados carros e aos pobres campônios que os tangem, tão cansados, doentes, famintos. Tomar conhecimento de tôdas essas coisas faz parte da educação. Se tendes sensibilidade para elas, não tereis vontade de "mostrar-vos".

A beleza é uma coisa que só pode ser achada por uma mente e um coração sensíveis. Mas a mera atração, a mera sensação, embora agradável no comêço, nunca satisfaz completamente. Contém sempre sua parcela de dor. Mas, se a mente sabe olhar tôdas as coisas da vida, tôdas as suas profundezas e alturas e qualidades, se é sensível a elas, então, a atração entre o rapaz e a moça fica no seu devido lugar; mas, sem "a outra coisa", ela se torna algo vulgar, rasteiro.

PERGUNTA: *Como se pode criar o sentimento da necessidade do trabalho manual ou braçal?*

KRISHNAMURTI: Como podemos sentir a importância do trabalho manual? Senhor, quando vós mesmo tendes de fazer as coisas, não vos ocorre uma tal pergunta. Ela ocorre quando é outro que tem de varrer o chão em vosso lugar. Quando tendes, cotodianamente, vossa parcela de trabalho físico, não fazeis tal pergunta. O campônio que cava e lavra, nunca diz "como posso tornar importante o trabalho braçal?". Êle tem de fazê-lo. Nós, porém, folgamos muito de não termos de fazer trabalhos braçais. Nós, os da classe média, nos subtraimos a qualquer espécie de trabalho físico, porque temos um pouco de dinheiro e temos a tradição secular de que os homens educados, os brâmanes, as pessoas da classe superior, estão livres dessa ignóbil obrigação de trabalhar com as mãos. Se fordes

à América, vereis que quem vive lá tem de fazer tudo — esfregar o chão, lavar roupa, cozinhar, lavar pratos — porque lá não há criados. Só os milionários podem pagar criados. E não se chamam "criados", mas "ajudantes", e são tratados como entes humanos. Aqui, neste nosso país, temos excesso de população. Há milhares à cata de emprêgo. Se tendes um pouco de dinheiro, empregais alguém para os trabalhos menos limpos, e vós, gradualmente, deixais de fazer qualquer coisa com vossas próprias mãos. Se perceberdes isso e perceberdes a importância de fazer alguma coisa com as próprias mãos, então, em virtude dêsse percebimento, vós a fareis naturalmente. A mentalidade das chamadas "classes cultas", quer se trate de funcionários ou de Ministros, é a mesma: medíocre, egoísta, estreita.

Os que fogem ao contado com a terra, com as flôres, não sabem o que estão perdendo. Quem gosta de ir ao jardim cavar e plantar e ver as plantas crescerem; quem gosta de ordenhar uma vaca ou cuidar das galinhas, encontra nesses quefazeres uma riqueza extraordinária. Os que nunca têm contato com a terra, estão perdendo muita coisa. Experimentai cultivar um jardim próprio, plantá-lo, organizá-lo, para verdes o que interiormente vos sucederá. Tem-se um sentimento de liberdade, de beleza, de amor à terra, aos pequenos vermes que habitam o seio da terra. Mas, infelizmente, não conhecemos êsse sentimento; e menos ainda conhecemos, o sentimento de quando se está sentado, tranqüilo, a observar **realmente** uma coisa. Não conhecemos nenhuma dessas riquezas interiores e, como não as conhecemos, queremos riquezas superficiais, efêmeras.

PERGUNTA: *Que é o sol?*

KRISHNAMURTI: Por que não o perguntais ao vosso professor? O sol, de acôrdo com os cientistas, é uma bola

de fôgo, uma bola luminosa, que nos dá calor, luz, fôrça e tudo o mais.

PERGUNTA: *Como pode uma pessoa ficar satisfeita com o que ela própria é?*

KRISHNAMURTI: Isto é muito simples — se escutardes o que vou dizer. Prestai, pois, atenção. A insatisfação vem quando há comparação. Quando vêdes que alguém tem mais e vós tendes menos, e vos comparais com êsse alguém, vem-vos então insatisfação; mas se não vos comparais, não há problema nenhum. Para vos absterdes de comparar, porém, precisais de muito interêsse e muita compreensão, porque a nossa educação e todo o nosso preparo se baseia na comparação — "aquêle menino não é bom como você", "não sois tão inteligente como aquêle menino", etc. E, por isso, lutais, e o outro menino luta também. E continuamos, assim, a manter êsse jôgo da comparação e da luta constantes. Mas, se amais a coisa que estais fazendo, vós a fazeis porque gostais de fazê-la e não porque um outro sabe fazê-la melhor do que vós, ou porque a fazeis melhor do que outro. Quando não há comparação de espécie alguma, então, a própria coisa que se está fazendo começa a revelar as suas profundezas e as suas alturas.

PERGUNTA: *Por que não se pode ver o sol?*

KRISHNAMURTI: Porque o seu brilho é forte demais. Não se pode olhar uma lâmpada elétrica, se ela é muito forte. Os olhos são muito sensíveis.

21 de janeiro de 1954.

XV

UMA das coisas estranhas da vida é o que se chama religião. Pode-se ter fortuna ou ser muito bem-sucedido na vida; pode-se ser famoso, célebre, ou pode-se sofrer muitas derrotas, muitas aflições e frustrações; no fim de tudo isso, lá está a morte à nossa espera. Podemos viver 10 anos, podemos viver 100 anos ou mais; a morte, porém, lá está sempre. Percebendo êsse fato, reconhecendo a nossa pequenez e nossas tribulações, desejamos, vós e eu, encontrar alguma coisa superior a nós mesmos. Porque, afinal de contas, muito cedo ficamos cansados — cansados de nós mesmos, de nossos êxitos, de nossas vaidades, das coisas que fazemos, da família, do dinheiro, da posição. Quando se cansam dessas coisas, as pessoas se sentem logradas. Procuram então esquecer-se de si mesmas, identificando-se com algo superior. Isto é, apraz-lhes pensar que existe algo que é maior, e dizem: "Talvez, se eu puder pensar nessa coisa, meditar sôbre ela, ter dela uma imagem, um retrato, um ídolo, talvez então seja possível esquecer-me de mim mesmo".

Quando um homem procura transcender a si mesmo, transcender suas lutas, suas aflições, transcender tôdas as coisas que perecem ao redor de si, tôdas as coisas que vivem e morrem, começa a investigar, inventar, especular. A verdade é que êle não busca realmente, não deseja realmente investigar; mas espera que exista uma coisa a que chama Deus, e fica apegado à crença nessa coisa que foi criada pela sua mente, procurando, dêsse modo, escapar das suas tribulações. Por isso começa a especular, a ter teorias sôbre o que é Deus, a escrever livros. Quanto

mais talentosas, mais sagazes, mais sutis as pessoas, mais idéias terão a respeito de Deus, e em tôrno dêle construirão muitas filosofias e sistemas de pensamento. Daí nasce êste pensamento: "devemos ter crenças para podermos alcançar aquela Realidade; devemos observar certas práticas, renunciar ao mundo, fazer isto ou não fazer aquilo, para lá chegarmos, para esquecermos tôdas as tribulações e tristezas e a morte que nos está aguardando". Temos, pois, uma religião que exige crença. A sociedade exige a mesma coisa, porque isso é o que cada um de nós deseja — crer numa coisa muito superior a nós, que somos tão pequenos.

Todos os nossos conflitos e ambições são irrisórios e insignificantes. Por conseguinte, desejamos também identificar-nos com alguma coisa, dar-nos um título — se não é Deus, é o Estado, sendo o Estado a Índia tôda ou o mundo todo, o Govêrno, as pessoas que governam, a sociedade; e se não é o Estado, é então uma Utopia, uma coisa que se acha muito remota, uma sociedade maravilhosa que iremos edificar. Para edificá-la, destrói-se muita gente, porque, no fundo, a ninguém importa muito que seja construída aquela maravilhosa sociedade. Se um homem não crê em nenhuma dessas coisas, crê então no "passar a vida agradàvelmente" — com automóveis, geladeiras, etc., esquecendo-se a si mesmo nas coisas materiais. Êste homem se chama "materialista", e aquêle que esquece a si mesmo no mundo espiritual, se chama "espiritual". Mas ambos têm a mesma intenção, que é a de se esquecerem de si mesmos: um se esquece de si mesmo nos cinemas, etc., outro nos livros, nos ritos, na meditação, sentado à margem do rio, na renúncia que o liberta de todos os fardos, numa atividade qualquer, na devoção a alguma coisa. Como vemos, há no indivíduo êsse desejo de perder-se de vista, porque êle próprio é tão pequeno. O "ego" pode não parecer pequeno a quem ainda é jo-

vem. Mas, tornando-se mais velha, a pessoa verá quão pouca substância êle tem, como é insignificante o seu valor; êle é como uma sombra, com poucas qualidades e muitas lutas, dores, aflições, e nada mais. E, assim, muito cedo ficamos enfastiados dêle e começamos a cultivar alguma coisa, com o fim de esquecer-nos de nós mesmos. É o que todos estamos fazendo. Os ricos, êsses também querem esquecer; a diferença é só que se esquecem de si mesmos nos clubes noturnos, nos divertimentos, nos seus automóveis de luxo, nas suas viagens. Os que têm talento querem também esquecer-se de si próprios; tão grande é o seu talento, que começam a inventar e a adotar crenças extraordinárias. Os estúpidos querem também esquecer-se; seguem pessoas e têm **gurus** para lhes dizerem o que devem fazer. E os ambiciosos, por sua vez, desejam esquecer-se fazendo alguma coisa. Nessas condições, todos nós, ao amadurecermos, ao nos tornarmos mais velhos, fìsicamente, queremos esquecer-nos de nós mesmos. Em virtude dêsse desejo de auto-esquecimento, aspiramos a encontrar uma coisa e nos identificarmos com ela, pensarmos com ela, vivermos com ela, e recebermos algo **maior**.

Quando desejamos esquecer-nos por meio de uma coisa — o Estado, Deus, uma crença, um **guru**, uma atividade — criam-se ilusões, cria-se uma entidade falsa. Quando me esqueço de mim mesmo através de uma idéia, a idéia se torna importante, porque me esqueço, a mim mesmo, por meio dela. O ideal, que é uma invenção da mente, pode também criar ilusões. Estamos sempre multiplicando ilusões. Estas ilusões, superstições, crenças, é o que chamais religião; sôbre ela se têm escrito tantos livros, que não nos ensinam a dissipar a ilusão, mas a organizar a ilusão, com o fim de torná-la "simpática", filosófica. Mas isso, por certo, não é religião. A religião não são crenças e dogmas, ritmos e **puja**, não é vestir

vestes sagradas, murmurar umas tantas palavras, por mais antigas que sejam. Tudo isso são métodos de fugirmos através de uma ilusão. A fuga que chamamos religião, não é religião. A religião é algo totalmente diverso, e o seu mistério é achar uma coisa que não pode ser inventada pela mente. Cumpre-nos, pois, investigar o que é a verdadeira religião — a verdadeira religião, que não é invenção da mente; não importa se a invenção é de Sankara ou de outro, pois qualquer invenção dêsse gênero é sempre pura teoria. A religião é um "estado de ser", que cada um de nós **deve** achar. Êsse estado de ser não pode ser compreendido, não pode aparecer, se não soubermos de que modo a mente cria ilusões, nos seus desejos variados e sutis. Como disse há dias, a mente não é apenas uma atividade superficial. O Ganges não é só o que se vê "por cima". O Ganges é todo o rio, do começo ao fim, da nascente à foz e seria tolice supor que o Ganges é tão-sòmente a água que se vê à superfície. Idênticamente, nós somos entidades muito complexas e as invenções e idéias, as teorias, as superstições, os rituais, as orações, os **mantrams**, tudo isso está "por cima". Devemos penetrar tôdas essas coisas, e pô-las de parte, tôdas elas e não apenas uma ou duas idéias, um ou dois ritos de que não gostamos. É muito árduo isso muito difícil, pois quase todos nós temos mêdo — mêdo do que diga a sociedade, os amigos, os pais. Mas, se se deseja realmente descobrir o que é a Realidade, o que é Deus, temos de transcender tudo isso, pôr tudo isso de parte. Mas só podemos pô-lo de parte se o compreendermos e, conseqüentemente, o transcendermos.

A religião, pois, é uma coisa muito diferente daquilo em que fomos criados. Mas mui poucos de nós estamos livres do mêdo, e é o mêdo que impede descobrir o que é Deus. Também, quando temos mêdo, nos tornamos muito insensíveis. Afinal de contas, quando olhamos uma

árvore ou uma bela nuvem ou um mendigo ou uma mulher em pranto, ou quando vemos uma coisa muito bela, o amor a essa coisa, êsse amor em si, é o comêço da verdadeira religião. Mas nós não vivemos dessa maneira; vivemos para **ganhar** alguma coisa. Amo a minha pátria, porque é **minha** pátria; êsse amor à pátria é uma forma muito sutil do amor a mim mesmo. Mas, se se pode amar uma árvore, um animal, um ente humano, não pelo que possa dar, mas amá-lo, e só, sem nada pedir em troca — isso é o comêço da religião. Êsse amor só se pode conhecer quando não há o mêdo. Quando a mente já não sente mêdo, está então apta a transcender as suas próprias imaginações, suas "projeções", suas próprias idéias.

A religião, por conseguinte, é uma coisa que não é invenção da mente. É um "estado de ser", em que a mente não está inventando — como o faz agora, porque está funcionando no seu ambiente de mêdo, de desejos, de bom êxito, de ambição, de atividades várias. Só depois de ter compreendido todo o seu funcionamento, tem a mente a possibilidade de ficar quieta, muito tranqüila. Esta tranqüilidade não é a paz da morte. Esta tranqüilidade é muito ativa, muito vigilante e intensa. Só nela se pode investigar; nela apenas, pode manifestar-se a coisa que chamamos Deus, a Verdade — ou como quiserdes chamá-lo. Mas nós não podemos chegar a ela. Temos de compreender as árvores, compreender o amor às árvores, o amor ao belo; temos de compreender a tristeza, a alegria e tôdas as lutas da existência humana. E então, pode-se passar além de tudo isto, quando cessa a existência da mente como "eu", como "mim mesmo". Só então aquilo que todos adoramos, que todos andamos a buscar e a investigar, se revelará em nossa existência.

PERGUNTA: *Que é a emoção? É uma coisa boa ou uma coisa má, já que todos os entes humanos a têm?*

KRISHNAMURTI: Não sabeis o que são as emoções? Se alguém vos dá um sôco, gritais; se alguém morre, chorais. Se vêdes uma coisa bela, sentis alegria. A emoção é uma forma de sensação; não é nem boa, nem má.

Vêde, senhores e senhoras: gostamos de pensar sempre em têrmos de "bom" e de "mau" — "isto é correto", "isto é incorreto", "isto é mau", "isto é bom" — e acreditamos ter resolvido o problema da existência com o darmos um nome — "bom" ou "mau". Desejamos reprimir a emoção para nos isentarmos de sentí-la quando causa dor; ou dizemos ser ela uma coisa má. Mas, se se trata de uma emoção agradável, não desejamos reprimí-la, e sim conservá-la, apoderar-nos dela, repetí-la o mais possível.

A emoção, pois, precisa ser observada, examinada com atenção, para que a compreendais e não digais que ela é boa ou má. Conheceis o instinto ou, antes, o condicionamento da mente; êle nos faz chamar uma coisa "boa" ou "má", — como se fôsse possível, por exemplo, compreender uma criança chamando-a boa ou má ou desobediente. Quando se quer compreender uma criança, cumpre estudá-la, observá-la, quando brinca, quando chora, quando dorme; não se pode condená-la. Mas, condenar uma coisa ou alguém, é tão fácil! Dizemos "isto é mau", e o caso está encerrado; mas para se compreender uma coisa requer-se uma grande soma de cuidados, de paciência e atenção, numa palavra: vigilância.

PERGUNTA: *Que é um gigante? Por que temos mêdo dêle?*

KRISHNAMURTI: É bom ler contos de fadas, porque contém muitas coisas instrutivas. Nêles, há sempre be-

nefícios e recompensas; mas quem os pede, é sempre punido. Na nossa vida há sempre uma fada benfazeja, um anjo bom, um gênio amigo, a quem pedimos alguma coisa. A coisa que se pede, é dada; mas, atrás dela vem sempre uma complicação. É por isso que há gigantes nos contos de fadas.

PERGUNTA: *Quando estamos no palco representando por que não podemos representar desembaraçadamente?*

KRISHNAMURTI: Agis sempre livre e desembaraçadamente, na vida? Quando estais com pessoas mais velhas, pessoas que vos criticam, que vos vigiam, agis livremente? Não. Ficamos acanhados, não é verdade? Tornamo-nos artificiais. Tornamo-nos "cônscios do eu". Que acontece? No palco, temos de enfrentar uma multidão de pessoas, e nos sentimos acanhados. É bom representar, quando jovem e quando isso nos diverte. A maioria de nós, porém, ao ficarmos mais velhos, damos para representar; assumimos atitudes afetadas; pensamos que somos **alguém** e que devemos desempenhar bem o nosso papel; e temos sempre uma máscara na cara. Já notastes isto? Penso que sou um grande santo, um grande idealista, e ponho uma máscara no rosto, o que é uma contradição. Esta é realmente uma das nossas grandes desventuras: ensinam-nos sempre a **tornar-nos** alguma coisa. "Tornar-se alguma coisa" é tomar uma atitude falsa, é fingir. Mas, quando não vos tornais algo e vos mostrais realmente simples, como sois, não há mais fingimento nem afetação, pois mostrais exatamente o que sois; e daí pode-se ir muito longe. Respondi à pergunta?

PERGUNTA: *Por que fogem os pássaros ao nos verem?*

KRISHNAMURTI: Por que fugis quando vêdes uma vaca muito grande ou um estranho? É a mesma reação.

PERGUNTA: *Que é conflito, e como aparece na nossa mente?*

KRISHNAMURTI: Desejais ser o "dianteiro" de um time de "cricket". Mas há outro jogador melhor do que vós. Não gostais disso. Daí nasce um conflito, não é verdade? Quereis obter uma coisa, e não podeis; por isso há conflito. Se obtendes o que desejais, a dificuldade então é de conservá-lo; por isso lutais também, ou desejais **mais**. Nessas condições, há sempre um conflito em andamento, porque estamos sempre desejando alguma coisa. Se sou escriturário, quero ser gerente; se tenho uma bicicleta, quero um automóvel, e assim por diante. Se sois muito infeliz, quereis ser feliz.

Nessas condições, o importante não é o que desejais, mas sim **o que sois**. Compreender o que sois, perceber-lhe o significado — isso vos liberta do conflito.

PERGUNTA: *Que é "interêsse"?*

KRISHNAMURTI: Quando tendes um brinquedo, tendes muito interêsse em vê-lo funcionando, não é verdade? Vossa mente está inteiramente aplicada nisso, não pensais em mais nada. Quando estou interessado numa coisa, um brinquedo, um drama, uma dança, uma idéia, fico completamente absorto nessa coisa, não é verdade? Isto é interêsse.

Em geral, temos muito pouco interêsse, na vida; e quando nos tornamos mais velhos, não sentimos realmente interêsse por coisa alguma. Por isso é muito difícil evitar que a mente comece a vaguear. Aprendemos, então, um método de disciplina, contrôle, concentração. Nesta nossa escola, o que devemos descobrir — cada um de nós, mestres e estudantes — é a coisa que nos interessa verdadeiramente, a coisa que amamos; descoberta essa coisa, não se criarão, posteriormente, conflitos na nossa vida.

Ela é nossa vocação, — o que desejamos fazer. Se sois artista, e vossos pais e vossa sociedade querem que sejais funcionário, sois então obrigado a tornar-vos funcionário e passais o resto da vida a lutar e lutar. Com efeito, nunca tivestes ensejo para fazer o que desejais fazer.

A educação é uma maneira de ajudar o jovem a descobrir o que deseja, sendo isso muito difícil, porquanto desejamos tantas coisas diferentes, em épocas diversas. A educação correta ajudar-vos-á a descobrir, entre tanta variedade, a coisa que realmente vos interessa, a coisa que amais, que é um requisito, uma necessidade da vossa vida.

PERGUNTA: *Por que tememos a morte?*

KRISHNAMURTI: Perguntais porque tememos a morte — mas, sabeis o que é a morte? Vêdes uma fôlha verde; ela vive todo o verão, dançando ao vento, absorvendo os raios do sol; as chuvas lavam-na e limpam-na; depois, vem o inverno e a fôlha fenece e morre. O pássaro que corta os ares, é uma coisa bela de se ver, mas êle também definha e morre. Já assististes ao transporte de cadáveres para a margem do rio, para serem incinerados. Sabeis, pois, o que é a morte. Por que tendes mêdo dela? Porque viveis, tal como a fôlha, tal como a ave; sobrevém uma doença ou acidente, e estais acabado. Por isso, dizeis: "Eu quero viver, quero gozar, quero que essa coisa que se chama "vida" continue sempre em mim". O mêdo à morte, por conseguinte, é o mêdo do fim, não é verdade? — nunca mais jogar "cricket", nunca mais apreciar a luz do sol, o rio, nunca mais vestir vossas roupas, ler vossos livros, conversar com vossos amigos; tudo isso tem de acabar. Por essa razão, tendes pavor da morte.

Porque temos pavor à morte, sabendo-a inevitável, pomo-nos a pensar em como ultrapassar a morte; e criam-

-se assim várias teorias. Mas, se sabemos findar, não há mais mêdo. Se sabemos morrer cada dia, então não há mêdo. Compreendeis? Esta coisa está um pouco fora do nosso curso habitual. Nós não sabemos morrer porque estamos sempre acumulando, sempre juntando coisas e mais coisas. Estamos sempre pensando em têrmos relativos ao amanhã — "sou isso e serei aquilo". Nunca vivemos completamente cada dia que passa; não sabemos viver como se só tivéssemos um dia para viver. Estais compreendendo? Estamos sempre vivendo no amanhã ou no ontem. Se alguém vos dissesse que iríeis morrer no fim do dia, que faríeis? Não trataríeis de viver plenamente êste dia? Nós não **vivemos** a riqueza de cada dia. Não temos a devoção do dia; só pensamos no que seremos amanhã, no torneio de "cricket" que se encerrará amanhã, no exame que vamos fazer daqui a seis meses, no que vamos fazer amanhã, nos bons pratos que iremos saborear, na qualidade de roupa que vamos comprar, etc., etc. — sempre amanhã ou ontem. Por isso nunca estamos vivendo e, sim, sempre morrendo, no sentido errôneo.

Se vivemos um dia e o despedimos para sempre, para começarmos um outro dia como coisa nova, fresca, não há então mêdo da morte. Morrer cada dia, para tôdas as coisas que adquirimos — conhecimentos, lembranças, lutas, — sem transportá-las conosco para o dia seguinte, nisso há beleza; embora haja o findar, há renovação.

PERGUNTA: *Quando vemos coisas novas, por que temos vontade de possuí-las?*

KRISHNAMURTI: Roupas novas, brinquedos novos, bicicletas novas, quadros novos, livros novos, lápis novos — vêdes uma coisa nova e a desejais. O mesmo acontece com os jovens e os velhos. Todos queremos possuir, todos queremos adquirir, e as lojas estão cheias de coisas que

desejamos possuir. Nunca estamos satisfeitos com o que temos ou com o que **somos**. Se sou estúpido, quero tornar-me inteligente. O homem que se "está tornando" inteligente, é realmente um homem estúpido. Refleti sôbre isso, para verdes como é verdadeiro; porque uma pessoa estúpida nunca pode "tornar-se inteligente" — ela permanecerá sempre estúpida. Mas, se ela compreende, se está cônscia de que é estúpida, então, êsse percebimento da própria estupidez é o comêço da inteligência. Entretanto, nunca pensamos dessa maneira. Dizeis: "eu sou estúpido ou dizem que sou estúpido; tenho de tornar-me inteligente como meu irmão ou como tal menino". E começais a adquirir, a possuir. Mas, se percebeis que sois estúpido, isso já é um comêço; então, êsse próprio percebimento de que sois estúpido operará alguma coisa.

Se sei que estou cego, sei o que devo fazer: andar com muito cuidado, com uma bengala, caminhar com muita calma, muito levemente. Mas, se não sei que estou cego, fico vagueando em tôdas as direções. Nós não reconhecemos que somos estúpidos. "Posso ser um pouco estúpido, mas estou procurando tornar-me muito inteligente". A sabedoria está na compreensão do que **é**.

PERGUNTA: *Que é o amor?*

KRISHNAMURTI: Há três semanas me ouvis. Tenho-vos falado tôdas as manhãs, cinco dias por semana, e agora vindes perguntar-me o que é o amor! Tenho-vos falado, de diferentes maneiras, sôbre o amor, a Verdade, a mente, o mêdo. Perguntais "que é o amor?". É triste isto, pois não sabeis quão negligentes vos mostrais com o fazer esta pergunta. O que mais importa não é saber o que é o amor, mas conhecer cada um o seu próprio estado, o que êle próprio **é**. Achais que se um homem pergunta a outro o que é o amor, fica sabendo o que é o

amor? O homem que diz "quero saber o que é o amor", porque deseja tê-lo, êsse homem nunca há de amar. Mas, se sabeis que não tendes amor, então o amor há de vir a vós. Para o conhecerdes, porém, precisais saber o que sois; não deveis querer tornar-vos uma coisa que não sois.

Refleti sôbre estas coisas. Não passeis os dias só estudando, lendo livros, fazendo esportes, mas pensai também nestas coisas. Estamos vendo se se pode arranjar as coisas de modo que os professôres vos falem diàriamente sôbre êstes assuntos, e que se possa realizar uma assembléia periódica em que tomem parte todos os professôres, para se falar dêstes assuntos. Podereis achar enfadonhos os mestres e as coisas que êles disserem. O que êles disserem poderá ter importância ou nenhuma importância. Mas quem quer investigar deve estar disposto a escutar, não achais? Não importa se o que disserem seja verdadeiro ou falso, absurdo ou idiota — deveis escutá-lo e examiná-lo; e para escutar, é preciso prestar atenção. Não aceiteis nada do que se disser; investigai-o.

A capacidade de criticar, examinar, é muito importante, porque só com ela se pode descobrir alguma coisa. Costumais aceitar, meramente, as coisas que vos dizem, ou ouvi-las com um ar de enfado, de cansaço; quem se enfada, nunca descobrirá nada. Se prestardes atenção a tudo o que vos diz o mestre ou outro qualquer, inclusive eu próprio, não o aceitando, porém investigando-o, compreendendo-o, isso vos aguçará a mente e revigorará o coração. Assim, quando terminardes o curso escolar e passardes ao Colégio, tereis a mente capaz de enfrentar as complexidades da vida.

PERGUNTA: *Como nos libertarmos dos sentimentos nacionalistas e provincialistas?*

KRISHNAMURTI: Procurai em primeiro lugar — se

tendes tais sentimentos — compreender como os criastes. Nada adianta dizer-se: "preciso acabar com êles".

Por que os adquiristes? Porque vossos pais, vossa sociedade, vossos mestres, jornais, livros, todos preconizam o nacionalismo ou o provincialismo, por motivos vários e sutis — para controlar-vos, moldar-vos, obrigar-vos a fazer coisas que acham que deveis fazer. Um general, naturalmente, dirá que o nacionalismo é importante, pois, graças ao nacionalismo, poderá servir-se de vós para lutar e matar. Há várias razões por que tendes êsses sentimentos de nacionalismo e provincialismo; e, de mais a mais, vós gostais dêles. Gostais de dizer: "sou hindu, sou brâmane, pertenço a esta pequena parte da Índia". E os partidos, a casta sacerdotal, os homens hábeis, usam-vos como instrumento para alcançarem os seus fins.

Se compreenderdes a coisa, ela não será mais problema e desaparecerá por si; então vos rireis dela. Se a não compreendeis, será muito difícil acabar com êste estúpido nacionalismo ou provincialismo.

PERGUNTA: *Por que existe o perigo?*

KRISHNAMURTI: Não há perigo quando vos aproximais de um precipício? Não há o perigo de vos afogardes quando não sabeis nadar? Não há perigo quando encontrais uma serpente? Estais prestando atenção? O perigo implica o mêdo a alguma coisa, não é verdade? É muito natural estar-se cônscio do perigo; é um hábito o instinto de proteção, a resistência física natural. De outro modo, se não tendes o senso do perigo, podeis matar-vos a qualquer momento, quando passa um automóvel à tôda velocidade; se não tiverdes consciência do perigo de que o carro poderá matar-vos, podereis ser morto por êle.

Êste percebimento do perigo é, portanto, uma forma

de autoproteção, uma reação natural. Mas o que é anormal é o querermos proteger-nos psicològicamente; aí é que começam todos os malefícios e tribulações.

PERGUNTA: *Sois feliz ou não?*

KRISHNAMURTI: Êste menino está perguntando "sois feliz ou não?". Ora, eu nunca pensei nisso. Nunca penso "sou ou não sou feliz?".

A felicidade não é uma coisa de que podemos estar conscientes; ninguém pode perguntar a si mesmo "sou feliz?". No momento em que se faz esta pergunta, já se é infeliz. A felicidade é uma coisa que vem por si; ela não vem quando a procurais, mas quando estais fazendo algo que vos interessa realmente. Estais fazendo tal ou tal coisa, porque gostais; neste simples ato, há algo a que chamamos "felicidade". Mas, se ficais cônscio de que sois feliz, a felicidade desaparece. No momento em que dizeis "sou feliz", não desapareceu a felicidade?

Compreendeis o que estou dizendo? Pedi a vossos mestres que vos expliquem estas coisas; ainda que êles não as compreendam e não saibam explicá-las, investigai tudo o que disserem, sem aceitar coisa alguma. Não vos deixeis abater, não vos deixeis intimidar pelos mais velhos. Investigai, investigai sempre, e nunca vos deis por satisfeito. Descobrireis então o que é "ser feliz".

22 de janeiro de 1954.

CONFERÊNCIAS REALIZADAS NA UNIVERSIDADE HINDU DE BANARAS

I

ACHO muito importante descobrirmos por nós mesmos qual é a função da educação. Quantas coisas já se têm afirmado, quantos livros têm sido escritos, quantas filosofias e sistemas inventados ou concebidos por tanta gente, sôbre a finalidade da educação, a finalidade da vida! Evidentemente, todos os sistemas, inclusive os mais modernos, têm falhado, porque nem produziram a paz entre os homens, nem causaram nenhum progresso cultural profundo, ou seja, o cultivo da mente, o desenvolvimento pleno da mente. É necessário qualquer dêsses sistemas?

Parece-me que, principalmente numa Universidade, muito importa que cada um de nós descubra qual é a função da educação, por que se nos dá educação e em que níveis se processa a nossa educação atual. Se circunvagamos o olhar pelo mundo, vemos que a educação falhou completamente, porque não pôs têrmo às guerras, não trouxe a paz para o mundo, nem produziu qualquer espécie de compreensão entre os homens. Pelo contrário, nossos problemas só têm crescido, temos guerras cada vez mais devastadoras e tribulações cada vez maiores. Não é importante, por conseguinte, cada um de nós investigue a verdadeira finalidade da educação? Grandes autoridades nos dizem o que é educação ou o que ela não é ou o que deveria ser; mas essas autoridades, como todos os especialistas, não nos dão o verdadeiro significado da educação. Têm um ponto de vista determinado,

que, portanto, não é um ponto de vista total. Parece-me, pois, mais importante deixarmos de lado tôda a autoridade dos especialistas, dos pedagogistas, para investigarmos por nós mesmos o significado da educação, a sua razão de ser e em que nível ela deve efetuar-se. Deve a educação desenvolver-se no nível tecnológico — isto é, devemos ser educados para um emprêgo, submeter-nos a vários exames, com o fim de obter emprêgo — ou a educação é um processo total, que não deve restringir-se ao ganho do pão de cada dia e ao respectivo nível de organização?

Não achais que devemos investigar o que significa esta educação — a educação total do homem? Se pudermos descobrir, não como um grupo de pessoas, mas como indivíduos, o que essa educação significa, quais os princípios dessa educação total do homem, poderemos criar um mundo diferente. Vê-se que, até hoje, nenhuma revolução produziu a paz no mundo — nem a própria revolução comunista trouxe grandes benefícios ao homem — e, tão pouco, nenhuma religião organizada trouxe a paz para o homem. As religiões organizadas podem dar à mente uma paz ilusória, mas a verdadeira paz entre os homens ainda não foi estabelecida. Não achais, por conseguinte, muito importante que cada um procure descobrir um meio de melhorar êsse estado de coisas?

Podemos passar nos nossos exames e ocupar empregos de tôdas as categorias; mas, num país superpovoado como a Índia, onde há tanta diversidade de línguas e religiões, há sempre uma ameaça de guerras, nunca há segurança, e tudo tende a desintegrar-se. Para se poder resolver êste problema, não é importante que investiguemos — **não** superficialmente, **não** dialèticamente, **não** pondo uma nação contra outra nação, uma idéia contra outra idéia — não é importante investigarmos cada um de nós, por si, a verdade relativa a esta questão? A verdade, por certo, difere completamente da instrução, do saber. Nem

as batalhas, nem as mais modernas armas atômicas de destruição, nem os sistemas totalitários de pensamento, políticos ou religiosos, nada disso nunca resolveu coisa alguma. Portanto, não podemos, nem vós nem eu, confiar em nenhum sistema ou opinião, mas o que devemos fazer é inquirir para descobrirmos qual é a verdadeira finalidade da educação. Afinal, é isso o que mais nos interessa.

A educação está terminada, depois de passarmos num exame e obtermos um emprêgo? Ela não é um processo contínuo em todos os diferentes níveis e "processos" da nossa consciência, do nosso ser, e em tôda a duração da nossa vida? Esta questão não requer meras asserções eruditas, mas compreensão, compreensão real. Tôda religião, todo sistema político nos diz o que devemos fazer, o que devemos pensar e as esperanças que podemos ter. Mas não é importantíssimo, nesta hora, que cada um de nós pense por si mesmo nestes problemas e seja uma luz para si mesmo? Esta é a verdadeira necessidade da hora atual — cada um ser a luz de si mesmo, cada um estar livre de tôda e qualquer autoridade dogmática ou hierárquica, com relação à vida, para que possa ser uma luz para si próprio. Por conseguinte, é muito importante descobrir como se pode ser a luz de si mesmo, como acender essa luz.

A função da educação não é a de dar ao homem a possibilidade de realizar uma revolução total? Em geral, só nos interessa a revolução parcial, econômica ou social. Mas a revolução de que falo é uma revolução total do homem, em todos os níveis da sua existência, da sua vida, do seu ser. Esta revolução, entretanto, exige muita compreensão. Ela não resulta de nenhuma teoria ou sistema de pensamento. Pelo contrário, nenhum sistema de pensamento pode produzir uma revolução; só pode produzir um determinado efeito, que não é revolução. Mas a re-

volução que se faz essencial, na hora atual, só poderá realizar-se quando houver uma apreensão total do funcionamento da mente humana — não em conformidade com uma dada religião, uma dada filosofia, como a marxista, ou um dado sistema, como o sistema capitalista; o que se requer é a compreensão de nós mesmos como um processo total. Creio ser esta a única revolução capaz de produzir uma paz duradoura.

Essa compreensão implica, necessàriamente, no "descondicionamento" da mente, já que todos estamos condicionados pelo clima, pela civilização, pela religião, pelo sistema político ou econômico. Nossa mente é moldada desde que nascemos até morrermos; e por esta razão atendemos aos problemas da vida como hinduístas, como cristãos ou comunistas ou o que mais seja. A vida é cheia de complicações, e está contìnuamente em movimento, e, no entanto, a conduta do nosso viver é ditada por nossa mente condicionada; mas a mente condicionada traduz os problemas da vida de acôrdo com suas limitações. Por conseguinte, não achais importante, se desejamos resolver êste problema, que encontremos o meio de "descondicionar" a mente, de modo que a maneira como consideramos os problemas se torne muito mais importante do que a mera solução dêles?

Nós, em maioria, buscamos a solução de um problema. Muito mais importante, porém, é saber considerar o problema. Se sei considerar um problema, não posso então procurar a solução. É porque não sei considerar o problema que se me apresenta — problema político, sexual, religioso, social — que a minha mente logo quer uma solução, um modo de resolvê-lo. Mas se sei, se sou capaz de considerar o problema, não procuro então a sua solução; enfrentá-lo-ei e o resolverei, ou saberei o que fazer com êle. Mas, já que não sei, já que não tenho a capacidade de investigar, procuro outro, procuro um **guru**,

um sistema, uma filosofia. Todos os **gurus**, todos os sistemas de filosofia já falharam completamente, pois só nos podem transformar em autônomos, dizendo-nos **o que** devemos fazer. No próprio processo de segui-los, nas coisas que fazemos, criamos mais problemas.

Não vos parece, portanto, muito importante aprender a pensar — e **não**, aprender **o que** fazer — e libertar a mente de todo e qualquer condicionamento? A mente condicionada traduzirá os problemas, atribuir-lhes-á importância segundo o seu condicionamento, e os problemas, quando queremos resolvê-los com a mente limitada, só podem aumentar. Por conseguinte, não é muito importante investigar se é possível libertar a mente das limitações por ela mesma criadas, e habilitá-la a resolver as complicações, os problemas da vida? Acho que a coisa principal não é que se seja comunista, socialista ou não sei o que mais, mas que se seja capaz de enfrentar os problemas complexíssimos do viver de maneira completamente nova, com uma mente nova, livre de cargas, livre das conclusões com que faz frente aos problemas.

É possível ter a mente nova, a mente fresca, clara, não poluída e, portanto, capaz de atender a êste problema da nossa existência, que é um problema muito vivo? Eu digo que é possível. Pensamos, em geral, ser impossível libertar a mente do seu condicionamento. Achamos que a mente só pode ser **melhor** condicionada, num padrão melhor, num melhor molde de ação; mas nunca perguntamos a nós mesmos se a mente pode "descondicionar-se" totalmente. Não sei se já pensastes a êste respeito, visto que, em geral, só pensamos em melhorar, modificar, alterar — subentendendo-se como alteração, modificação ou melhoramento, uma condição melhor, melhores relações sociais, um capitalismo modificado, uma mudança de atitude. Mas nunca perguntamos a nós mesmos se é possível, à mente, ficar de todo livre de seu con-

dicionamento, para que possa enfrentar a vida — sendo a vida não apenas o ganho do nosso sustento, mas o problema da guerra e da paz, o problema da Realidade, de Deus, da morte. Pode tudo isso, êsse processo inteiro, ser compreendido pela mente que está de todo condicionada? Ou não será função da educação ajudar-nos — desde o comêço e até à nossa saída da Universidade — a compreender as influências que nos condicionam (e não, tornar-nos capazes de melhorar essas influências) para que sejamos entes humanos em revolução permanente?

Muito releva investigar como funciona a mente. É bem de ver que educação é compreender como a mente funciona, e não, apenas, passar nuns poucos exames que nos habilitarão a obter um emprêgo. O modo como a mente está funcionando é que cria todos os malefícios, e produz as guerras. Embora tenhamos suficientes conhecimentos científicos para dar ao homem a possibilidade de viver sensatamente, com boa saúde e com tôdas as coisas de que necessita, torna-se quase impossível viver assim, porque a mente humana, condicionada que está como cristã, hinduísta, hindu, paquistani, comunista, socialista, crente, não-crente, o está impedindo. Por conseguinte, não vos parece importante que cada um de nós compreenda a sua mente, não de acôrdo com Sankara, Buda ou Marx, mas de acôrdo com "nós mesmos", e possa ver como a mente funciona? Se a compreendermos, esta será a maior das revoluções, da qual poderá resultar uma nova ordem de atividades.

Mas, como compreender a mente? Que significa a palavra "compreensão"? Significa apenas compreensão verbal ou a compreensão que vem quando, no desenrolar das atividades da mente, há sempre percebimento e conhecimento, e nunca julgamento, nem comparação — mas

uma observação que faz parar o movimento da mente? Compreendeis isso?

Temos o problema dos problemas, que é o problema da guerra. Há o problema do ódio, o problema do amor, e se existe a Realidade, se existe Deus. Como compreender êstes problemas? Só será possível compreendê-los se pudermos aplicar-nos a êles com a mente livre, a mente serena — e não a mente que tem uma conclusão, que diz "sei como atender ao problema", mas uma mente que seja capaz de sustar todo julgamento e comparação. A dificuldade está em que a nossa mente foi educada para funcionar numa certa direção. Sabemos que há a mente consciente e a mente inconsciente, e que a nossa atividade está, pela maior parte, no nível consciente; não conhecemos o processo inconsciente da mente. Ganhamos a vida ou praticamos **puja** ou imitamos — tudo com a mente superficial. Não é muito importante compreendermos a mente inconsciente, visto ser ela que nos aponta a direção que seguimos? Para se compreender a mente inconsciente, requer-se que a mente consciente esteja tranqüila; e isso só é possível quando, pelo autoconhecimento, pela compreensão da mente nas relações da vida de cada dia, descubro o processo da minha mente, tornando-me cônscio das palavras que uso, dos meus hábitos, da maneira como falo, dos costumes, dos ritos, das coisas que só posso ver quando estou em relação com outros.

Por conseguinte, para compreender a mente, tenho de descobrir o processo total de mim mesmo. É êsse descobrimento, nas minhas relações com pessoas — que, afinal de contas, constituem a sociedade — é êsse percebimento que produz uma revolução total em mim mesmo. E essa revolução é que pode resolver êstes constantes conflitos da vida, os perturbadores e extraordinários conflitos da existência.

Alguns de vós talvez desejeis fazer perguntas. Mas

não há respostas. Há só o problema, e se queremos uma resposta ou solução, nunca haveremos de compreender problema algum. A minha mente só está interessada na solução do problema; não está investigando o problema e, sim, tôda empenhada em descobrir **como** resolvê-lo.

Fazeis uma pergunta, esperando que eu dê uma resposta. Para mim, só há o problema e nenhuma solução. Vou mostrar porque. Se compreendo o problema, não tenho de procurar-lhe a solução. Mas, a compreensão do problema requer uma inteligência extraordinária, e nega-se esta inteligência quando estou todo preocupado com a solução. Se posso, por exemplo, enfrentar o problema da morte, se posso compreender-lhe tôda a significação, o problema deixa então de existir; mas, só posso compreendê-lo se não houver mêdo.

Um cavalheiro pergunta até que ponto estou de acôrdo com Sankara, que diz: "eliminai de todo a mente". Como nunca li Sankara, não sei responder. Entretanto, acho ser muito importante descobrirmos as coisas por nós mesmos, sem repetirmos Sankara, ou Buda. Senhores, a dificuldade é que nós temos lido muito, sabemos o que outros disseram, mas não sabemos, absolutamente, o que nós mesmos pensamos. A verdade não é uma coisa que vos é dada por um livro ou um instrutor; cada um tem de descobri-la por si mesmo. A Verdade não é a "verdade final", mas a verdade singela do viver, a verdade sôbre como resolver êste problema econômico, que não pode ser resolvido por uma simples revolução operada no nível econômico.

Muito importa, por conseguinte, descubramos, nós mesmos, "como se pensa". Não se pode pensar, se a mente está estorvada pela autoridade, por crenças alheias. A verdade do Buda, do Cristo ou de Sankara não é a vossa verdade. A verdade não pertence a ninguém. Tem de ser encontrada, e isto só pode acontecer, quando compreen-

do o processo total da minha mente. Porque a mente é resultado do tempo, e enquanto estou pensando "dentro" do tempo, não posso achar a Verdade. Assim sendo, se comparais o que digo com o que Sankara ou Buda disseram, jamais achareis a verdade relativa a nenhuma questão. Mas descobri-la-eis, se sois capaz de seguir a vossa mente no seu funcionamento; êste — e não uma revolução econômica ou uma revolução social — é o único fator libertador.

PERGUNTA: *Existe a verdade absoluta, atemporal, imensurável e permanente?*

KRISHNAMURTI: Não é a Verdade uma coisa que tem de ser encontrada momento por momento, e não uma coisa contínua, absoluta, permanente? Estas próprias palavras — "absoluto", "permanente", "contínuo" — subentendem o tempo e o que depende do tempo não pode ser verdadeiro. O que é verdadeiro só existe momento por momento e não pode ser contínuo. O que é contínuo é a memória. E a memória é capaz de "projetar" qualquer coisa, qualquer espécie de ilusão. Mas, para descobrir o que é verdadeiro, a mente deve estar livre do processo do tempo, da memória, do "experimentador e coisa experimentada". Para encontrar o que é verdadeiro, a mente deve existir momento por momento, sem continuidade.

PERGUNTA: *Na vossa prática de há pouco, dissestes que a verdade transcende o conhecimento. O conhecimento de uma mente "descondicionada" é verdade ou mentira?*

KRISHNAMURTI: Não entendo esta pergunta.

Uma das nossas dificuldades é o querermos entrar imediatamente em abstrações. Desejamos saber o que é

a Verdade, o que é Deus; mas não sabemos viver sem aquisição. Em vez de procurarmos compreender isso, queremos discorrer sôbre o que é a Verdade; um homem que é "aquisitivo" jamais descobrirá o que é a Verdade. Mas, se eu começar a compreender o processo da aquisição, a exigência de **mais**, a experiência de **mais** então, talvez, compreenderei o que é a Realidade.

PERGUNTA: *Pensar* por si *é pensar como os outros. Não é?*

KRISHNAMURTI: Isto não é a vida? O nosso pensar é muito diferente do pensar dos outros? Pensar por si, atualmente, é pensar como outro qualquer, pois todos estamos "padronizados" segundo esta ou aquela crença ou descrença. Assim sendo, não pensamos individualmente, criadoramente; todos pensamos de modo igual. Pensais como comunista, se sois comunista; se sois hinduísta, pensais como hinduísta. Para pensardes livremente, deveis saber que todos pensais de modo igual, saber **por que** pensais de modo igual, e **por que** estais condicionados. É bem de ver que pensar livremente, de modo completo, revolucionário, significa um grande perigo, não é verdade? — pode-se perder o emprêgo.

Pensar livremente, pois, é estar livre de condicionamento. Mas todos estamos condicionados, cada um pela sua peculiar e limitada maneira. Nessas condições, se sei que estou condicionado como hinduísta e me liberto dêsse condicionamento, ser-me-á então possível tornar-me um revolucionário completo, e não igual a êste ou igual àquele. Em primeiro lugar, porém, preciso saber que estou condicionado, o que muito poucos de nós têm vontade de admitir. O saber que se está condicionado e tratar de libertar a mente dêsse condicionamento requer muito discernimento, muita persistência, constante vigi-

lância, uma vigilância isenta de julgamento e de comparação. Ver-se-á, então, a mente tornar-se quieta, muito tranqüila. E só então será possível à mente saber o que é a Verdade, o que é a Liberdade.

PERGUNTA: *O homem vive na pobreza e no temor. Os deuses de sua sociedade são o pão e a segurança. Que mais podem oferecer os homens de intenções sérias?*

KRISHNAMURTI: Promover uma revolução que possibilite dar pão a todos — isto é revolução? A revolução é tão-sòmente no nível econômico? Compreendeis? Vê-se que há pobreza, fome, e tôda sorte de aflições econômicas. Os homens sèriamente intencionados precisam perceber a necessidade de mudança, já. Em que nível pode operar-se essa mudança? Só no nível econômico? Ou faz-se necessária uma revolução total no modo de pensar do homem? Se é possível a revolução total — e eu digo que é possível — ela representa a única maneira de resolvermos os problemas.

Só poderá haver uma revolução real quando compreendermos o processo total do nosso ser — que é o nosso pensar, a nossa conduta de vida — e deixarmos de ser hinduistas, cristãos, para sermos entes humanos completos. Só assim será resolvido o problema econômico, e não de outra maneira.

PERGUNTA: *Que é a personalidade, e como pode ser formada?*

KRISHNAMURTI: Falais de "formação da personalidade" como coisa parecida com "construir uma casa". O próprio desejo de "formar a personalidade" traz auto-isolamento. Eu falo de coisa totalmente diferente de "formação da personalidade"... casaco, gravata, calças, pa-

lestra sutil e tudo o mais. Falo de coisa de todo diversa e não de automelhoramento; refiro-me à cessação do "eu", do "eu" hinduísta, do "eu" professor, do "eu" guia político ou religioso, do "eu" que diz "devo salvar a Nação", o "eu" que diz "ouço a voz de Deus". Êsse "eu", é que precisa deixar de existir, de todo, para que o mundo possa viver.

PERGUNTA: *Admitindo-se que minha mente deve ser descondicionada, como conseguir isso?*

KRISHNAMURTI: Se se admite que a mente deve ser descondicionada — como conseguir essa mente descondicionada?

Parece-me, a maioria de nós pode perceber a importância da mente não condicionada. Mas o fato é que quase todos achamos que a mente é passível de ser melhorada, com um estado melhor de condicionamento. Esta é uma das maiores falácias existentes. O problema não é o "como deve ser descondicionada a vossa mente e a minha mente", mas "como ocorre o condicionamento da mente"?

O condicionamento da mente se efetua pela educação, não é verdade? — pela tradição, a família, a sociedade, a religião, a crença. Mas, atrás da tradição, da crença, da experiência, se esconde o desejo; temos uma mente que está constantemente a adquirir, a possuir ou a dominar o desejo; é o desejo que a condiciona. Dizeis, então: "como pôr têrmo ao desejo?". Não se pode pôr têrmo ao desejo. Mas, se se compreender o processo do desejo, há então uma possibilidade de cessar o desejo.

Senhores, êstes problemas são complexos demais, para serem discutidos incidentalmente. Vêde, mais uma vez, o que está acontecendo. Queremos estar ocupados com abstrações. Não percebemos a importância do "viver

momento por momento", prescindindo de autoridades, sem mêdo, sem o desejo de ver se estamos agindo corretamente.

Descobrir, cada um por si, momento por momento, sua conduta de vida — seu modo de tratar os criados, seu modo de falar aos superiores, seu modo de pensar e de sentir — nisso é que se encontra a Verdade e não em algum lugar, lá atrás do Himalaia. Mas, nada disso nos interessa. Interessa-nos discutir Sankara e outras filosofias profundas. Isto é uma fuga. Se conheço, porém o funcionamento da minha mente, os movimentos do meu coração, terei a possibilidade de promover uma revolução total; e essa revolução é que trará a paz e a segurança para o mundo.

10 de janeiro de 1954.

II

PARECE-ME que, se se não compreender a maneira de funcionar da nossa mente, não se pode compreender e resolver os mui complexos problemas da existência. Esta compreensão não pode ser alcançada pelo saber tirado dos livros. A mente, em si, é um problema muito complexo. No "processo" de compreensão da nossa mente, pode a crise que cada um de nós está enfrentando, na vida, ser mais ou menos compreendida e deixada para trás.

Não sei se já ouvistes dizer que a influência cultural do Ocidente está destruindo a chamada "cultura oriental". Nós aceitamos uma parte da cultura ocidental — a ciência, o militarismo, o nacionalismo — conservando, entretanto, a nossa chamada cultura. Embora nos tenhamos servido só de uma parte da cultura ocidental — uma seção ou camada da mesma — esta parte está destruindo gradualmente as outras camadas do nosso ser. Isso se pode ver quando se observa a incongruência da nossa moderna existência na Índia. Acho muito importante e sintomático o fato de estarmos dizendo que a Índia está assimilando a cultura ocidental, não se compreendendo exatamente o que se está fazendo. Não estamos adotando integralmente a cultura ocidental; estamos conservando a nossa, e apenas acrescentando-lhe alguma coisa. O acréscimo é que é de qualidade destrutiva, e não a adoção total da cultura do Ocidente.

Nossa mente está sendo destruída pela adoção de certas atitudes dos ocidentais, porque não compreendemos as atitudes dêles e suas maneiras de viver. Temos, pois,

em nossa mente, uma mistura de Ocidente e Oriente. Parece-me importantíssimo se compreenda o processo da nossa própria mente, para não sermos, envenenados por uma cultura estranha. Pouquíssimos de nós temos penetrado as filosofias ou sistemas de outros, limitando-nos, a maior parte, a adotar ou imitar alguns dêles.

Não conhecemos o funcionamento da nossa mente — da mente tal como é e não como deveria ser ou como gostaríamos que fôsse. A mente é o único instrumento que possuímos, o instrumento com que pensamos, e agimos, e existimos. Se não compreendemos a mente, nas suas operações, tal como está funcionando em cada um de nós, qualquer problema que se nos depare se tornará mais complexo e destrutivo. Parece-me, pois, que a compreensão da mente é a primeira função essencial da educação.

Que é a nossa mente, a vossa e a minha? Não respondais de acôrdo com Sankara ou Buda, ou outro. Se não ficais a seguir apenas a minha descrição da mente, mas, ao mesmo tempo que escutais, observais a vossa própria mente em funcionamento, talvez então seja muito proveitoso nos aprofundarmos na questão do pensamento.

Que é a nossa mente? Ela é o resultado do clima, de tradições seculares, da chamada cultura, das influências sociais e econômicas, do lugar, das idéias, dos dogmas que a sociedade nos gravou na mente, com a religião, com um suposto saber e uma instrução superficial. Tende a bondade de observar a vossa própria mente, e não acompanheis apenas a descrição que estou apresentando, porque a descrição tem muito pouca importância. Se pudermos observar as operações da nossa mente, talvez possamos ocupar-nos com os problemas da vida, segundo nos atingem. A mente está dividida em consciente e inconsciente. Se não gostamos de empregar estas duas palavras, poderemos usar os têrmos "superficial" e "oculta" — as partes superficiais da mente e as camadas

mais profundas da mente. A totalidade do consciente bem como do inconsciente, o superficial bem como o oculto, o processo total do nosso pensar — de que só temos conhecimento parcial, e do resto, que é a maior parte, não temos conhecimento — é o que chamamos "consciência". Esta consciência é tempo, resultado de séculos de esfôrço humano.

Desde a infância, fazem-nos crer em certas idéias; somos condicionados por dogmas, crenças, teorias. Cada um de nós está condicionado por várias influências e dêsse condicionamento, dessas influências limitadas e inconscientes é que emanam os nossos pensamentos, formando o comunista, o hinduísta, o muçulmano, ou o cientista. O pensamento, evidentemente, provém do "fundo" da memória, da tradição, e é com êsse "fundo", tanto das camadas conscientes como das inconscientes, das superficiais como das mais profundas, da mente — é com êsse "fundo" que enfrentamos a vida. A vida está sempre em movimento, e não é estática. Nossas mentes, porém, são estáticas. Nossas mentes estão condicionadas, aprisionadas, amarradas ao dogma, à crença, à experiência, ao saber. Com esta mente amarrada, com esta mente tão condicionada, tão pesadamente acorrentada, nos encontramos com a vida, que está em perene movimento. A vida, com seus numerosos complexos, e ràpidamente variáveis problemas, nunca fica parada e requer uma "aproximação" sempre nova, a cada dia, a cada minuto. E assim acontece que, no seu encontro com esta vida, há uma luta constante entre a mente condicionada e estática e a vida, em constante movimento. É isso que está acontecendo, não é verdade?

Não só há um conflito entre a vida e a mente condicionada, mas também essa mente, encontrando-se com a vida, cria mais problemas ainda. Adquirimos um saber superficial, novos métodos de conquistar a natureza,

novas ciências. Entretanto, a mente que adquiriu êsse saber, continua no seu estado condicionado, acorrentada a uma determinada forma de crença.

Nosso problema, pois, não é "como enfrentar a vida", mas: "como a mente, com todos os seus condicionamentos, dogmas e crenças, pode libertar a si mesma?" É só a mente livre que pode encontrar-se com a vida, e não a mente que está amarrada a algum sistema, alguma crença, alguma forma de saber. Por conseguinte, não achais importante — se não desejamos criar mais problemas e se desejamos pôr fim a tôdas as tribulações e sofrimentos — que compreendamos o funcionar da nossa própria mente? A compreensão não nasce do seguirmos alguém, não nasce por ação da autoridade, não nasce pela imitação ou qualquer forma de compulsão. Ela só nasce quando se está verdadeiramente cônscio do modo como a mente funciona.

Cada um de nós pode observar os seus próprios "motivos", suas atividades e desígnios, compreendê-los e resolver êste problema da existência, sem criar mais sofrimentos, mais guerras e mais confusão. Compreender o funcionar da mente é a coisa mais essencial. As relações, afinal de contas, são o espêlho em que se pode ver a mente funcionar — a maneira como falo com um criado, a maneira como crio uma mentalidade cheia de importância. Nas relações, posso observar as operações da mente e ver os extraordinários meandros dos nossos "motivos" (por exemplo, na prática de **puja**, nos inumeráveis rituais, nos absurdos de seguir alguém que me oferece uma recompensa celestial). No processo das nossas relações pode-se observar a mente; e se a pudermos observar sem tendência para julgar, condenar e comparar, essa observação, então, começará a libertar-nos a mente da coisa a que está acorrentada.

Se quiserdes experimentar o que estou dizendo, vereis

que a vossa mente está prêsa a um determinado dogma, uma determinada tradição. E vereis que, com o próprio ato de observar, com o próprio percebimento do dogma ou da tradição que prende a mente — percebimento que é só percebimento, isto é, sem condenação, sem julgamento, sem o desejo de ser livre — a mente começará, sem nenhum esfôrço, a libertar-se.

A liberdade nos vem, sem necessidade de compulsão, resistência, luta. Consideremos o exemplo superficial de praticardes um **puja**, um rito, como hinduísta, muçulmano, cristão ou seja o que fôr. Vós o praticais por tradição, absolutamente sem pensar. Ainda que penseis nessa coisa, êsse próprio pensamento está condicionado, porque pensais como hinduísta ou cristão. Quando pensais a respeito da prática de **puja** ou dos ritos da missa, vosso pensamento está condicionado para aceitar ou rejeitar; não podeis pensar na coisa de maneira nova, pois a totalidade do vosso "fundo" ou tradição — consciente e inconsciente, das camadas superficiais e das camadas mais profundas — está fechada dentro do hinduísmo ou do cristianismo; e, por conseguinte, se pensais na coisa, não nasce claridade alguma, mas tão-sòmente uma reação que provoca outra forma de complicação, outro problema.

Não sei se vós mesmos já observastes êste fato. Se observastes, como achais que uma pessoa pode ficar livre de um ritual? Estou tomando êste caso como um exemplo superficial, sem preocupação analítica. Não sei se isto é complexo ou difícil demais.

Quando se analisa uma determinada questão, a análise é ainda condicionada, porquanto, o "pensador", estando condicionado, sua análise há de ser forçosamente condicionada e, por conseguinte, tudo o que êle fizer só produzirá problemas mais complexos do que o que se procura resolver. Afinal de contas, há sempre no nosso pensar o "pensador e o pensamento", o "observador e a coisa ob-

servada". Ora, quando praticais **puja**, o observador, o pensador está sempre a analisar, separando o que é mau e o que é bom; mas o analista, o "pensador", está condicionado, em si mesmo. Suas análises, portanto, suas observações, suas experiências, tudo isso é condicionado, limitado por preconceito. Parece-me que, enquanto não percebermos realmente êste importantíssimo ponto, a mera intropecção e auto-análise — seja psicanálise ou a análise a que intelectual e teòricamente precedeis, sôbre vós mesmo — será de todo em todo inútil.

Existe um pensador, um observador, um analista diferente da observação, da análise? Há "pensador" se não há "pensamento"? Se não há pensamento, não há pensador. Se o pensador não fizesse parte da mente, se não fizesse parte da consciência, deveria então estar livre de todo condicionamento, em nossa análise e compreensão. Mas, se se observar bem, pode-se ver que não há pensador sem pensamento. Quando estou pensando, analisando, observando, o "eu" que pensa, analisa e observa é ainda resultado do pensamento condicionado. Observo como hinduísta ou como comunista. O pensamento que produz o "eu" é resultado do "fundo" comunista ou de uma crença, hinduísta, cristã. O pensador, portanto, tem de estar sempre condicionado, enquanto houver pensamento, pois foi o pensamento que produziu o pensador, e o pensamento é condicionado, limitado por preconceito.

Ocorrrem-vos pensamentos. Se desejardes examiná-los profundamente, apresentar-se-á a questão de se o pensamento pode cessar, acabar-se — o que não redunda em esquecimento, mas, sim, realmente, num problema muito profundo de meditação. Se há meditador, a meditação é ilusão; porque o meditador é resultado do pensamento, resultado de uma mente que está condicionada e que é moldada no "processo" do viver, com seus temores, apreensões, ambições, desejos, ânsias de felicidade, ânsias

de viver com êxito, sem mêdo ou sem ajuda, etc. Tudo isso cria o pensador. Damos um atributo de permanência ao pensador que, pensamos, paira acima de tôdas as experiências passageiras, transitórias. Mas o pensador é resultado do pensamento. Não há pensador se não há pensamento. Por conseguinte, só há pensamento, que é reação a uma forma de experiência, e essa experiência resultado do nosso condicionamento. O pensamento, pois, nunca poderá resolver-nos os problemas.

Nosso problema se refere à libertação do condicionamento que produz o pensamento limitado. Tal é o verdadeiro processo da meditação — não aquela outra forma estereotipada, tradicional e ilusória de meditação, mas a meditação que começa quando compreendemos, no seu todo, o processo do nosso pensar e as provações do viver. Nessa meditação não há "pensador", já que ela nos revela o que êle é e põe-lhe, portanto, fim. Por conseguinte, durante essa meditação, a mente está tranqüila. Esta espécie de tranqüilidade não se adquire por meio de um estúpido esfôrço deliberado.

A mente tem de compreender a significação do "processo" do pensamento e a maneira como êle cria o pensador, e tem de compreender o "processo" relativo à sua própria tranqüilidade. É na tranqüilidade da mente que os problemas são resolvidos; sem ela, êles são multiplicados pela estupidez do pensador condicionado.

Creio, realmente, deveis considerar bem êste problema, como pessoas sèriamente interessadas, pois as crises são muito numerosas e muito intensos os problemas que nos oprimem.

Por certo, é função da educação ensinar-nos não a maneira de enfrentarmos a vida, mas **como** libertarmos a mente de todos os seus condicionamentos, todos os seus valores tradicionais, para que essa mente livre possa enfrentar e resolver os inumeráveis problemas de todos os

dias. Só então é possível o conhecimento real do que chamamos "Deus", a "Verdade". Só a Verdade resolve os problemas.

PERGUNTA: *É coisa má ser-se cheio de desejos e paixões?*

KRISHNAMURTI: Que é mais importante, compreender os desejos e paixões ou condená-los? Quando se usa a palavra "mau" ou "bom", isso subentende condenação, não é verdade? Se estais realmente interessado, acompanhai-me até o fim. Desde pequenos, sois educados para condenar, porque assim procedem os mais velhos; êstes não têm tempo, não tem interêsse, e a condenação é a maneira mais fácil de resolver um problema.

A pergunta é a seguinte: é mau ter desejos e paixões? A primeira coisa que se deve compreender é que tôda espécie de condenação põe fim ao pensar, à investigação e pesquisa. A mente que funciona subordinada a restrições — "faça isso" e "não faça aquilo" — é a mente mais estúpida que pode existir. Infelizmente, quase todos somos educados junto com a estupidez. Quando pudermos sair desta limitação, estaremos aptos a investigar o problema do desejo — **não** procurando saber se êle é bom ou mau, mas compreendendo-o. Porque, quando compreendemos uma coisa, ela deixa de ser um problema para nós. Se sei operar um motor, êle já não é um problema para mim; não digo que êle está errado ou certo — sei fazê-lo funcionar. E, se não sei, não condeno o motor, por causa disso. É o mesmo caso, com relação aos desejos. Nada adianta ficar-se confuso ou assustado, alimentando ou condenando os desejos. Se sou capaz de compreender o mecanismo do desejo, então êle já não é problema. Só a atitude medrosa perante o desejo, cria o problema.

Onde está êsse "eu", que é desejo? Escutai, por favor, sem condenação ou justificação. O desejo precisa ser

compreendido. Na própria compreensão do desejo, êle se torna outra coisa, e não é mais uma coisa temível que se deve reprimir.

Que é o desejo? Vejo um belo automóvel, reluzente, novo, do último modêlo, de motor possante. Dá-se a percepção, a seguir o contato e a sensação, e depois o desejo. A gênese do desejo é muito simples: percepção — contato — sensação — e desejo. O desejo nasce dêsse processo de ver, tocar, sentir — e desejar. Depois do desejo, vem o impulso para adquirir e o processo de identificação; desejo o carro. Surge aí o problema: devo desejar ou não devo desejar? — já que o desejo é condicionado pelo meu "fundo" mental. Se estais sendo criado na América, lá sois persuadido psicològicamente, a tôdas as horas, a adquirir um automóvel. Portanto, o desejo de possuir carro não é problema algum. Mas, se tendes tendência para o ascetismo, a renúncia, a devoção, há então problema. — Há, ainda, o desejo de beleza, sob várias formas, o desejo de sensação, o desejo de várias coisas que a mente anseia por possuir — confôrto, segurança, permanência, etc. Todos desejamos a permanência — permanência nas relações, permanência na segurança, na continuidade. E pensamos, então, que há um Deus permanente, uma Verdade permanente, e assim por diante. Uma tal questão é de ordem teórica, acadêmica.

Se se puder compreender êsse processo do desejo, que é muito complexo, muito sutil, haverá a possibilidade de a mente perceber todo o significado do desejo, tudo o que êle implica e, assim, transcendê-lo. Nós, porém, não compreendendo a significação de nada disso, dizemos apenas: "êsse é um desejo bom", "êste é um desejo mau", e "é essencial o cultivo do desejo bom". Se adotamos uma tal atitude contra o desejo, a mente se torna, então, um simples mecanismo automático, baldo de pensamentos e

de sensibilidade. Em tais condições, ela não pode atender ao complexo problema do viver.

PERGUNTA: *Temo a morte. Que é a morte e como posso deixar de temê-la?*

KRISHNAMURTI: É muito fácil fazer uma pergunta. Não há resposta para a vida, nem "sim", nem "não". Mas a nossa mente exige "sim" ou "não", porque foi educada para "o que pensar", e não para compreender as coisas, ver as coisas. Quando dizemos "que é a morte e como posso deixar de ter mêdo dela?" — estamos pedindo fórmulas, definições; mas nunca sabemos pensar a respeito dêste problema.

Vejamos se podemos pensar juntos, de modo completo, sôbre êste problema. Que é a morte? Deixar de existir, não é verdade? — findar. Sabemos que tudo tem fim, vemo-lo todos os dias. Mas **eu** não quero morrer, sendo "eu" um processo: meu pensar, e experimentar, meu saber, as coisas que cultivo, as coisas a que resisto, o caráter, a experiência, o conhecimento, a precisão e capacidade, a beleza. Não quero que tudo isso acabe, quero prosseguir, ainda não terminei nada, não quero findar. Entretanto, há um findar, é óbvio, pois todo organismo que está funcionando contìnuamente, tem de gastar-se. Mas minha mente não quer aceitar isso. E começa, assim, a inventar um credo, a crença na continuidade, e eu adoto essa crença, porque, com ela, tenho teorias completas, um condicionamento completo: **eu** continuo a existir, há reincarnação.

Não estamos disputando sôbre se há continuidade ou não, renascimento ou não. O problema não é êsse. O problema é que, embora tenhais essas crenças, continuais com mêdo; porque, afinal de contas, não há certeza alguma, e sempre incerteza. Há sempre a busca ansiosa de uma

garantia. A mente, como vemos, sabendo que há o fim, começa a ter mêdo, anseia por viver o mais possível e está sempre à procura de lenitivos. A mente crê também na continuidade após a morte.

Que é continuidade? Continuidade não implica o tempo, não o tempo cronológico marcado pelo relógio, mas o tempo como processo psicológico? Eu quero viver, e entendendo o viver como um processo contínuo, interminável, minha mente está sempre a acrescentar, a juntar algo, a si mesma, na esperança da continuidade. Por conseguinte, se a mente que pensa em têrmos de tempo puder ter continuidade no tempo, já não temerá.

Que é imortalidade? A continuidade do "eu" é o que chamamos imortalidade — o "eu" situado num nível superior, o **Atma**, ou como quer que o chameis. Esperamos que o "eu" continue a existir.

O "eu" está sempre dentro da esfera do pensamento, não é verdade? Êle foi **pensado** por nós. O "eu", por superior que o pensemos, é produto do pensamento; e o pensamento é condicionado, produto do tempo. Senhores, não sigais apenas a lógica do que digo, mas percebei seu inteiro significado. Positivamente, a imortalidade não é feita de tempo, não é produto da mente, não nasce das minhas ânsias, minhas exigências, meus temores, meus impulsos.

Vê-se que a vida tem fim, um fim súbito; o que ontem vivia, hoje pode não mais viver, e o que hoje vive pode já não viver amanhã. A vida tem certamente um fim. Isto é um fato que não gostamos de admitir. Hoje sois diferentes do que fôstes ontem. Várias causas — contactos, reações, compulsões, resistência, influências — transformaram "o que era" ou lhe puseram fim. Um homem realmente criador tem de ter fim, e aceita êsse fim. Não queremos aceitá-lo, porém, porque nossas mentes estão muito acostumadas com o "processo" da acumulação. Di-

zemos "aprendi isto hoje", "aprendi aquilo ontem". Pensamos só em têrmos de tempo, em têrmos de continuidade. Quando não mais pensarmos em têrmos de continuidade, haverá um findar, haverá um morrer, e poderemos ver as coisas com clareza, em toda a sua simplicidade, diretamente.

Não admitimos o fato do findar, porque a mente busca, na continuidade, a segurança — segurança na família, na propriedade, na profissão, em qualquer trabalho que fazemos. Por isso, temos mêdo. Só uma mente livre da "busca aquisitiva" da segurança, livre do desejo de continuidade, do "processo" da continuidade — só essa mente saberá o que é a imortalidade; mas a mente que está buscando a imortalidade pessoal, o "eu" que deseja a continuidade, jamais saberá o que significa "mortalidade"; jamais conhecerá o significado do mêdo e da morte, e nunca poderá transcendê-los.

PERGUNTA: *Pensar não resolve o problema; é seu produto. Isto não é um pensamento, ou, por outras palavras, é diferente do pensar que impugnais?*

KRISHNAMURTI: Ao perceberem-se as limitações da razão, transcende-se a razão. Precisa-se, porém, saber pensar, saber raciocinar. Mas, se não se sabe raciocinar, se não se sabe pensar, nunca será possível ultrapassar aquelas limitações. Nós, em geral, não sabemos o que é pensar; sabemos **o que** devemos pensar, que é uma coisa muito diferente. Mas, para se compreender a extraordinária complexidade da mente — que não se pode aprender de outra pessoa, pois cada um tem de descobrir por si mesmo como sua mente funciona — é necessário observar. O que se aprende de psicologia ou de filosofia num colégio ou num salão de conferências, não é uma coisa viva, é coisa morta. Mas, se observardes os vossos pensamentos

e ações na vida diária — quando falais com um criado, com vossa espôsa ou filho, quando reagis ante a beleza — se perceberdes os vossos "motivos", nas vossas ações, então, graças a êsse percebimento, conhecereis as várias barreiras da vossa mente, vereis como a mente engana a si mesma, como altera as coisas, com o conhecimento, com sua maneira de raciocinar. Percebendo-se tudo isso, pode-se então ultrapassar os limites do pensamento e da razão, e encontrar a liberdade.

Esta questão não é dessas em que podemos interessar-nos ocasionalmente ou repetir ocasionalmente. Alguns de vós, que me tendes ouvido, talvez digais: "coitado! Não sabe o que diz. Como pode terminar o pensar? Se não fôsse o pensamento, como poderiam ter resposta as perguntas feitas pela mente para compreender o complexo problema do pensamento?".

Importa sobremodo ver como pensamos. Infelizmente, a maioria dos nossos educadores vos ensinam **o que** pensar, e vós o repetis. E se sois capaz de repeti-lo em sânscrito, em inglês ou noutra língua, vos julgais extraordinàriamente instruídos. Mas descobrir como a mente funciona e falar sôbre o que se descobriu sem repetir o que foi dito por outro, isto é de enorme importância; é sinal de iniciativa, é o comêço do viver criador.

Infelizmente, na Índia, somos funcionários, de alto a baixo, fomos educados em "o que pensar". Eis porque nunca somos revolucionários, no sentido profundo e criador. Somos, meramente, discos de gramofone, tocando sempre a mesma música. Por conseguinte, nunca pode haver verdadeiro descobrimento.

PERGUNTA: *Qual a significação da vida?*

KRISHNAMURTI: A significação da vida é viver. Vivemos verdadeiramente, e vale a pena viver, quando existe

mêdo, quando somos educados para viver copiando? Se seguimos autoridades, isso é viver? Estamos vivendo quando seguimos alguém, não importa que seja o maior dos santos, o maior dos políticos, ou o maior dos letrados?

Se observardes vosso próprio procedimento, vereis que não fazeis outra coisa, senão seguir a êsse ou àquele. Êsse "processo" de seguir é o que chamamos "viver"; e, depois, no fim de tudo, perguntais "qual é a significação da vida?". A vida tem sempre significação, mas sua significação só será revelada, quando lançardes fora a autoridade. É muito difícil desembaraçar-nos da autoridade.

Que é estar livre da autoridade? Se infringis uma lei, isto não significa que estais livre da autoridade. Mas estamos em liberdade, quando compreendemos todo o "processo", isto é, como a mente cria a autoridade, porque cada um de nós está confuso e, por conseguinte, quer uma orientação segura para viver. Como queremos que nos digam **o que** devemos fazer, somos explorados por **gurus**, espirituais e científicos. Não conhecemos a significação da vida, porque estamos a copiar, a imitar, a seguir.

Como se pode conhecer o significado da vida, quando se busca apenas o bom êxito? Assim é a nossa vida; queremos êxitos felizes, queremos estar perfeitamente seguros, interior e exteriormente, desejamos alguém que nos diga que estamos procedendo corretamente, seguindo o caminho certo da salvação, do **moksha**, etc. Nossa vida se consome, tôda, no seguir uma tradição, tradição de ontem ou de milênios; e de tôda experiência fazemos uma autoridade que nos ajudará a alcançar um resultado. Por conseguinte, não conhecemos a significação da vida. O que conhecemos é só mêdo — mêdo do que alguém diga, mêdo de morrer, mêdo de não conseguir o que se deseja, mêdo de cometer êrros, mêdo de praticar boas ações. Nossa mente está tão confusa, tão cheia de teorias, que não sa-

bemos descrever a significação que a vida tem para nós. A vida é uma coisa extraordinária.

Quando se pergunta "qual é a significação da vida?" — o que se quer é uma definição. O que se fica sabendo é tão-sòmente a definição, meras palavras, e não o significado mais profundo, a riqueza extraordinária, a sensibilidade para o belo, a imensidade do viver.

PERGUNTA: *Como pode ser estabelecida a paz no mundo? Nós e todo o mundo estamos procurando viver numa atmosfera pacífica; mas o perigo de guerra mundial está se aproximando de nós.*

KRISHNAMURTI: Queremos viver em paz, não é verdade? Quereis de fato? Não estais competindo com vosso semelhante? Não aspirais a um emprêgo, tal como o vosso próximo? Não odiais ninguém? Não vos dizeis hindu, com tôda a idiotice patriótica e os conflitos que isso produz? Como se pode ter paz quando se está fazendo exatamente o oposto, o contrário da paz? Enquanto vos intitulardes hinduísta ou muçulmano ou cristão ou comunista, nunca tereis a paz no mundo.

A paz está no leigo. Enquanto se estiver seguindo algum partido, político ou de outra espécie, em oposição a outro partido; enquanto a política não fôr mais do que uma divisão de poder, é óbvio, nunca se terá paz no mundo. Os políticos não estão interessados em pessoas, estão interessados no poder; e enquanto existir o sistema de partidos, não haverá paz, não poderá haver paz. Isto não significa que deva haver um partido único. Os partidos não têm interêsse pelo povo; têm interêsse pelas idéias sôbre "como dar pão ao povo" e, por isso mesmo, muito pouco se faz no sentido de dar, de fato, pão ao povo.

Assim, pois, enquanto estivermos seguindo a trilha da guerra, enquanto tivermos exércitos, polícias e advo-

gados, continuaremos a ter guerras. Estamos constantemente a falar de não-violência, e, ao mesmo tempo, mantemos exércitos. Por um lado, estamos interiormente preparados, pela nossa moderna educação, para odiarmos uns aos outros; e, por outro lado, queremos a paz. Em nós mesmos, somos contradição, cada um de nós — a nação, o grupo, a raça. Só haverá paz no mundo quando fôr dissolvida a contradição existente em cada um de nós. O essencial é que cada um pense por si, investigue por si. A repetição de divisas de partidos, ou o desfraldar de bandeiras, tem muito pouca utilidade.

Queremos ser nacionalistas, ter nossa bandeira. Isso acontece porque o indivíduo, pela identificação com o que é maior, alcança uma satisfação, um sentimento de segurança. É o que se está fazendo na Índia, na América, na Rússia, em tôda a parte. Por conseguinte, preparamos a nossa completa e total destruição. Nas escolas e nas Universidades, nossa educação não é outra coisa senão o cultivo dêsse ódio e dessa agressividade aquisitiva.

A paz, por certo, não é nenhuma reação a determinado sistema social, determinada organização, idéias ou ações. A paz é coisa totalmente diversa. Ela nasce, sem dúvida, quando se compreende o "processo" total do homem — o que significa: compreensão de mim mesmo. Êsse autoconhecimento não pode ser obtido de um livro, não pode ser aprendido de outra pessoa. Quando um homem tem amor no coração, quando observa e compreende a si mesmo, em cada momento da vida, surge então a Verdade; e dessa Verdade nasce a paz.

17 de janeiro de 1954.

III

O PROBLEMA do saber e da especialização parece-me muito importante. Consideremo-lo e vejamos se a mente, educada na especialização e no conhecimento pode ser livre para investigar e descobrir se nada mais existe além daquilo que lhe é conhecido; se pode perceber aonde o conhecimento nos está levando, e o significado da especialização.

Há muitos ramos do saber, e cada dia se põem ao nosso dispor, numa escala formidável, novos e copiosos conhecimentos. Aonde nos está levando tudo isso? Qual é a função do saber? Vê-se que o saber está essencialmente num certo nível do nosso viver consciente ou inconsciente, da nossa existência. Pode êsse saber ser um obstáculo à investigação mais profunda, à compreensão do inteiro significado da existência? Por exemplo, eu posso, como indivíduo, saber construir uma ponte. Pode êsse conhecimento produzir uma mudança radical na minha maneira de pensar? O que êle pode produzir é uma modificação ou ajustamento superficial. Mas, que é necessário, na atual crise do mundo: um mero ajustamento superficial ou uma revolução radical? A mim me parece que a revolução nascida de qualquer sistema determinado de ação não é revolução, absolutamente, e que, se desejamos criar uma nova geração, com uma nova mentalidade, precisamos descobrir qual é a função do saber.

Que é o saber? — não estou pedindo o significado ou a definição do dicionário. O saber não significa cultivo da memória numa dada especialidade? Não significa o desenvolvimento da faculdade de acumular conhecimentos, para

serem utilizados para um determinado fim? Sem a ciência, evidentemente, é quase impossível a existência moderna. Pode o saber, que é cultivo da memória, acumulação de conhecimentos e emprêgo dêsses conhecimentos para fins especiais — a cirurgia, a guerra, o desconhecimento de novos fatos científicos, etc., etc. — pode o saber constituir um obstáculo à perfeita compreensão da sociedade humana?

Como disse, o saber pode ser de notável utilidade num nível especial. Mas, se não compreendemos o processo total da existência humana, não será êsse saber um obstáculo à paz humana? Por exemplo: temos suficientes conhecimentos científicos para dar alimentação e teto a tôda a humanidade. Por que razão não se põe isso em prática? Não é um problema que interessa à maioria de nós? Não está êste problema impedindo que se tome na devida consideração a questão do bom entendimento e da paz entre os homens?

Que é que impede a abolição da guerra, o fornecimento de alimentos, de roupas, de morada a todos os homens? Certamente não é o saber, e, sim, uma coisa de todo diferente. É o nacionalismo e os interêsses de toda ordem — capitalistas, comunistas, ou de determinado grupo religioso — é tudo isso que está impedindo a união dos homens. A menos que haja uma transformação radical da nossa maneira de pensar, o saber continuará a ser utilizado para a destruição do homem. Que estão fazendo as nossas sapientes Universidades, acadêmicas e espirituais? Estão a produzir, a gerar, uma revolução fundamental em nossos corações e em nossas mentes? O ponto fundamental parece-me ser êste e não a constante acumulação de mais conhecimentos e mais saber.

Pode realizar-se uma revolução total, mercê do conhecimento, que, afinal de contas, é o desenvolvimento contínuo da mente, por meio da memória? Posso conhecer

muitos fatos, saber as distâncias entre os vários planetas, saber operar aviões a jato; mas êsse saber, êsses conhecimentos podem produzir uma mudança radical do meu pensar? Se não pode, que produzirá êle então? Êste problema não interessa à maioria de nós? Queremos paz, neste mundo, queremos acabar com a inveja entre os indivíduos humanos, na sua busca de poder, desejamos pôr fim às guerras. Como consegui-lo?

A mera acumulação de conhecimentos pode acabar com as guerras, ou o que se necessita é uma revolução radical em nosso pensar? Pode, o pensar, produzir essa revolução? Não sei se já tendes considerado qual dêsses pontos; mas a mim me parece que uma revolução baseada em determinado padrão de pensamento não é revolução, em absoluto. Bem considerado, pensar é a reação a uma determinada condição, reação a um "desafio", de acôrdo com um determinado "fundo" **(background)**. Reajo ao desafio de acôrdo com meu condicionamento, meu próprio "fundo" (background): meu preparo, minha educação de cristão, hinduísta, muçulmano, etc. Como pode desaparecer êsse "fundo", êsse condicionamento, êsse peculiar padrão de ação, e nascer uma nova maneira de pensar? Não é um problema que interessa à maioria de nós? Porque nenhuma revolução radical é possível, a menos que se dê a quebra completa do condicionamento, do padrão do nosso pensar, orientado em determinado sentido.

O saber, a acumulação de conhecimentos sôbre fatos, pode produzir a quebra do meu condicionamento? Entretanto, é isto o que estamos fazendo; cuidamos tão-sòmente de acumular conhecimentos, saber, de exercitar a memória. Isso é importante, no seu nível próprio. Pode-se conhecer ou, buscar pela investigação, obter conhecimentos relativos à consciência total do homem pelo método psicológico de auto-revelação — quase todo êle intelectual, verbal — ou seja, pela especialização. Pode isso, porém,

produzir a transformação fundamental? Eu acho que a mera instrução e saber não pode operar nenhuma transmação radical. Deve haver um outro fator totalmente diverso; e êsse fator é a compreensão do processo da consciência, do processo da mente, sempre a acumular, a entesourar conhecimentos.

Porque vivemos acumulando conhecimentos? Fazemo-lo para alcançar a segurança, que aliás é essencial num nível da nossa existência. Pensam alguns que o conhecimento é meio de descobrimento. Pode-se descobrir com o conhecimento? O conhecimento não impede o descobrimento? Como pode a mente descobrir coisas novas, se, na sua totalidade, ela só está preparada para juntar conhecimentos, saber? Não deve a mente examinar esta questão, sem estar ancorada em coisa alguma, em nenhuma crença, nenhum conhecimento? A mente que possui conhecimentos, que possui saber, deve ficar livre dêles, para que possa descobrir; do contrário, nada descobrirá.

Afinal, em todos nós há um conflito entre o consciente e o inconsciente, entre os hábitos superficiais de pensamento e o processo oculto, dos "motivos", dos desejos, das ansiedades e temores. Estamos acumulando conhecimentos e saber, no nível superficial, sem alterarmos fundamentalmente os níveis mais profundos da nossa consciência. A coisa mais importante, na crise atual, é que a revolução se realize no nível inconsciente, e não meramente no nível consciente. É impossível a revolução no nível inconsciente quando o consciente não faz outra coisa, senão cultivar a memória. Não é êste o problema de todos nós, i. é., como produzir uma revolução profunda em nós mesmos?

O indivíduo, afinal de contas, é **o homem;** o resto do mundo não é diferente de vós nem de mim; e é só o indivíduo quem pode produzir a transformação radical. Mostra a História que foram sempre uns poucos indivíduos,

diferentes dos outros na sua conduta de vida, que operaram modificações na sociedade.

A não ser que, individualmente, nos transformemos profundamente, fundamentalmente, nenhuma possibilidade vejo de se ter a paz, a tranqüilidade no mundo.

Como pode o indivíduo — vós e eu — transformar-se radicalmente, no profundo nível inconsciente? — É exeqüível isso pela prática de um ideal ou virtude? O cultivo de determinada virtude não tem por efeito, meramente, tornar mais forte aquela consciência que está nutrindo o processo acumulativo da memória, tornar mais forte o "eu", o "ego"? A prática de uma idéia ou ideologia não é também uma forma de fortalecer o "eu", o "ego", com o inevitável conflito interior e exterior, que é a causa fundamental de tôdas as guerras?

Pode haver revolução no "eu" pela ação da vontade? Não sei se já exercitastes a vossa vontade com o fim de produzir modificação. Se o fizestes, deveis ter notado que a ação do "eu" está sempre no nível consciente e nunca no nível inconsciente; mas a simples alteração ou exercício da vontade no nível consciente jamais produzirá revolução alguma, alteração, transformação radical de nossos hábitos de pensamento. Não é, pois, importante investigarmos, cada um de nós, como a mente funciona; investigar não de acôrdo com uma dada filosofia, mas observando as "maneiras" da nossa mente em ação, o nosso comportamento na vida, para que, com a compreensão da mente superficial, possamos descer abaixo da superfície e compreender a mente total?

Como disse no domingo passado, a menos que se produza a integração do pensador e do pensamento, o pensador se servirá do pensamento, da razão, da filosofia, da acumulação de saber, como meio de engrandecimento individual ou coletivo, ou como instrumento de propaganda de

uma dada ideologia. Muito importa, pois, que todos aquêles que sentem muito interêsse por estas questões, descubram o modo de realizar a total integração do homem. Isso, òbviamente, não se pode fazer mediante qualquer forma de compulsão ou persuasão, nem mediante processos disciplinares, nem pela ação da vontade; porque tudo isso — se observarmos bem — se acha no nível superficial. Nosso problema é então êste: como poderá realizar-se a transformação total do nosso ser? Já o tentamos por meio da autoridade, da compulsão, do ajustamento, da imitação. Se compreendermos a verdade relativa à comupulsão, à disciplina, à imitação ou ajustamento, a mente superficial se tornará livre dêsses processos compulsórios e imitativos e se tornará tranqüila. Então todos os processos inconscientes poderão projetar-se na mente consciente; e, nessa projeção, temos a possibilidade de descobri-los, compreendê-los e libertar-nos dêles.

Sempre que há compreensão dos fatos profundos da vida, a mente está, invariàvelmente, tranqüila; não está fazendo esfôrço algum para compreender. E só quando a mente está de todo tranqüila, se oferece a possibilidade de uma compreensão capaz de operar a revolução radical em nossa vida.

PERGUNTA: *Tenho de estudar uma matéria muito enfadonha. Não tenho nenhum interêsse por ela, mas sou obrigado a estudá-la. Como criar êsse interêsse?*

KRISHNAMURTI: Ora, senhor, como se pode criar interêsse quando não se tem interêsse por alguma coisa? Como é falsa a nossa maneira de pensar nas coisas da vida! Vossos pais vos mandam para a Universidade, para o Colégio; nunca procuram saber — e os mestres tão pouco — qual é a vossa verdadeira vocação, quais os vossos verdadeiros interêsses. Dadas as condições políticas, econô-

micas e sociais, sois impelido para dentro de um "canal", obrigado a tornar-vos matemático, quando, verdadeiramente, apenas vos interessais pela pintura. Por isso dizeis: "como posso ficar interessado na matemática?".

Num país superpovoado, onde há tanto condicionamento — econômico, social, religioso — é quase impossível a um homem, romper essas cadeias, para fazer o que realmente deseja. Mas descobrir o que se deseja fazer, descobrir cada um a sua própria capacidade, isso é dificìlimo. Requer uma revolução total do nosso "processo" educativo, não é exato? Porque, em geral, somos preparados para sermos todos iguais, nunca temos a possibilidade de fazer o que temos capacidade ou inclinação para fazer, e o resultado é que quase todos acabamos como funcionários mal pagos.

Não podeis criar interêsse por uma matéria porque não descobristes qual é a vossa verdadeira vocação. Acho que muito mais importante do que passar em exames e tirar diplomas é o viver criadoramente. Considero preferível passar fome, se necessário, mas fazer o que desejo fazer, a ser obrigado a realizar uma coisa que detesto. Porque, quando uma pessoa faz, sob compulsão, uma coisa que detesta, a sua mente é destruída e a vida se torna uma coisa feia, pútrida, como a vida que quase todos levamos.

PERGUNTA: *Qual é vossa opinião a respeito de: Concentração,* Sushumna, *os* Chacras, *e* Om? *Essas coisas estão mencionadas em livros considerados por nós da mais alta autoridade, embora talvez não sejam lidos por vós. Os* Tantras *contêm copiosas instruções acêrca de* Mantras *individuais,* Pranayana *individual,* yantras, *etc., como meio de "realização". Tudo isso está pràticamente esquecido na Índia moderna, mas é sabido de uns*

poucos gurus, que vivem ocultamente. Qual a vossa valiosa opinião a êste respeito?

KRISHNAMURTI: Minha opinião a respeito da concentração, ou seja fixar a mente num determinado puja, numa idéia, prestar-lhe tôda a atenção?

Se há qualquer espécie de compulsão, qualquer espécie de esfôrço, na concentração, isto é concentração? Pode haver concentração mediante o exercício da vontade? No "processo" do puja em que me concentro, está a entidade que diz: "eu quero concentrar-me". Há, pois, um processo dual, não é verdade? Isto talvez esteja um pouco fora de propósito, mas espero não enfadar-vos, apreciando esta questão, porquanto me parece que temos uma noção falsa sôbre o que é a concentração. Se me concentro na leitura de um livro que acho aborrecido, mas de cuja leitura espero um resultado, um êxito — isso é concentração? Não está, aí, em operação, um processo dual: "a pessoa que se concentra" e "a coisa em que ela se concentra"? Nesse processo dual não se verifica um conflito entre "a pessoa que se concentra" e "a coisa em que ela se concentra"? Se há qualquer esfôrço para afastar outros pensamentos e controlar a mente, a fim de concentrá-la numa determinada idéia ou ordem de idéias — isso é concentração ou uma coisa muito diferente?

Na concentração usual, que conhecemos, uma parte da mente se concentra numa outra parte, representada por uma idéia, um símbolo — um anjo, etc. Nesse "processo" vêm interferir várias outras partes da mente e fica, assim, havendo um conflito constante — a chamada divagação da mente. É possível não criar êsse conflito, mas ficar totalmente atento, completamente unido com a coisa em que se está meditando, e compreendê-la realmente?

É importante descobrir "o meditador" e compreender o "meditador" — só êste, e não a coisa em que medita ou

em que se concentra; porque esta questão só concerne ao meditador, e não à coisa em que medita. Penetrando profundamente na questão, vê-se que o meditador medita numa dada coisa e que, no esfôrço de meditação, há um conflito constante, um contrôle constante, uma constante batalha entre o meditador e a coisa em que está meditando. Quando há compreensão das peculiares atividades do meditador, não só no nível consciente, mas também nos níveis mais profundos da consciência, é então possível descobrir-se a verdade. Não pode ser achada a Verdade quando se faz a separação e a seguir o contrôle de uma coisa contra outra. Só se acha a verdade quando a mente está de todo em todo tranqüila, sem ter sido posta nesse estado de tranqüilidade mediante compulsão ou disciplina de qualquer espécie; e não pode a mente estar tranqüila enquanto existir o meditador, como entidade separada, que busca, que investiga, que acumula, que nega, incessantemente.

Com efeito, já que é muito sutil e muito complicada esta questão, deve ela ser examinada com todo o cuidado e não respondida e "despachada" em poucos minutos. Não há solução, mas só problemas. A solução está em compreender o que é o problema; infelizmente, porém, quase todos nós queremos a resposta "sim" ou "não", e é com essa atitude que escutamos. Mas, se pudermos afastar tais atitudes e nos ocuparmos ùnicamente com o problema, haverá então a verdadeira concentração, sem esfôrço algum.

Temos de compreender integralmente o "processo" da entidade que se concentra. A meditação é a compreensão do "meditador". Só nessa meditação é possível, à mente, ultrapassar os próprios limites e não ficar prêsa numa ilusão dela mesma "projetada".

PERGUNTA: *A questão mais acesa da nossa época é a guerra. Tendes pregado que a guerra é evitável, desde que os indivíduos em si mesmos, estejam "integrados". Esta integração do indivíduo é possível? Pelo que sei, não existe nenhum indivíduo nessas condições. Até as mais excelentes instituições, como a Liga das Nações e a ONU, se tornaram ineficazes ante o egotismo e o egoismo dos indivíduos ou dos grupos.*

KRISHNAMURTI: A pergunta é: "a integração é possível"?

Que se entende por integração? A integração dos vários "processos" do nosso pensar, do nosso agir, da nossa consciência; a integração do ódio e do amor, da inveja e da generosidade, de todos os segmentos, tôdas as partes componentes de nossa estrutura total — é isso o que se entende por "integração"? Ou a integração é coisa muito diferente?

Ora bem, costumamos pensar em têrmos de transformação do ódio em amor. Isso é possível? Se odeio, que é importante: que eu ame ou que compreenda o ódio? Não é importante que eu compreenda o "processo" total do ódio, e não que cultive um ideal de amor? Se sou invejoso, o importante não é que eu me livre da inveja, que tenha o ideal do amor ou da generosidade, etc., mas, sim, que compreenda, inteiramente, o "processo" da inveja. A compreensão do **que é** importa mais que o cultivo de "o que deveria ser". Se sou estúpido, é muito importante que eu compreenda que sou estúpido, e não que aprenda **como** alcançar a inteligência. No momento em que eu compreendo todo o "processo" gerador da estupidez, nesse momento, naturalmente, haverá inteligência.

A integração pode ser realizada pelo processo dual do nosso pensar, ou só pode realizar-se quando "o que é" foi compreendido, sem a menor preocupação com respei-

to a "o que deveria ser"? A integração se realiza tão-sòmente quando compreendo o que sou de fato e não o que sou conforme Sankara, Buda, qualquer psicólogo moderno ou qualquer comunista. Essa Realidade, só posso descobri-la nas minhas relações da vida real — a maneira como falo com outras pessoas, a maneira como as trato, as minhas idéias, conforme as tenho.

A vida, afinal de contas, é um espêlho em que posso ver-me, a mim mesmo, em ação. Mas não podemos ver o que está realmente sucedendo, porque queremos ser uma coisa de todo diversa do que somos. A meu ver, a "integração" só é possível, quando percebo o que realmente sou, quando não estou obcecado por uma ideologia ou um ideal. É possível então operar-se uma transformação radical do que sou, do que é.

PERGUNTA: *De que maneira estas vossas luminosas palestras preenchem ou promovem os vossos fins? Há muito que o mundo vem ouvindo o evangelho da revolta, o culto do atingimento da Verdade Suprema, ou o holocausto do "eu", para se chegar às alturas supremas e mais sublimes. Mas, qual é a reação — é uma reação criadora ou "recreativa"?*

KRISHNAMURTI: Que entendeis por "preencher"? Perguntais se estas palestras ajudam alguém a preencher-se. Acreditais existir uma tal coisa — preenchimento? É só quando alguém se vê contrariado, que deseja preenchimento. Só quando quero tornar-me juiz ou uma pessoa importante, me vem o mêdo de não preencher os meus fins. Mas, se não desejo tornar-me alguma coisa, não há nenhum problema de preenchimento.

Todos nós aspiramos tornar-nos algo neste mundo ou no outro mundo, interior ou exteriormente; e nosso propósito é bem definido, porquanto os nossos desejos nos estão

sempre impelindo para um determinado fim, a que chamamos o "preenchimento". Se não compreendemos êsses desejos, e se êles são contrariados, há conflito, sofrimento, dor, e, por conseguinte, uma busca perene de preenchimento. Mas, se começamos a compreender tôdas as características do desejo, nossos inumeráveis impulsos, conscientes e inconscientes, não há mais a questão do preenchimento. É o "eu", o "ego" que está sempre ansiando o preenchimento, quer no sentido de sermos as pessoas mais importantes do país, ou de nos preenchermos interiormente, tornando-nos alguma coisa, alcançando a libertação, *moksha* ou o que mais seja. Mas, se compreendemos tudo o que o desejo — isto é, o "eu", o "ego" — implica, não há mais questão de preenchimento.

PERGUNTA: *Se se dá muita importância à quietação da mente, não se reduz a atividade criadora?*

KRISHNAMURTI: Que é atividade criadora e que é compreensão?

Para se compreender a atividade criadora, nunca deve haver mêdo. Não achais? Afinal de contas, a mente de quase todos nós é imitativa. Estamos sob a tirania da autoridade e de temores sem conta, tanto conscientes como inconscientes. Uma mente tão "preparada", tão pequena, tão insignificante, tão condicionada, pode ser criadora? A mente só pode ser criadora — no sentido mais profundo da palavra, e não no sentido de se ser capaz de escrever meia dúzia de poemas ou de pintar meia dúzia de quadros — a mente só pode ser criadora quando compreende integralmente o processo do temor. Para se compreender o temor, não é preciso investigar todo o mecanismo da mente, observar-lhe as maneiras de imitar, de copiar a autoridade? Só então pode a mente ser criadora.

A mente é criadora, ou a capacidade de criar é coisa

inteiramente diferente? Afinal, que é a mente? A mente é resultado do tempo, e o tempo é um "processo". A mente é resultado do passado, sendo o passado: cultura, tradição, experiência, influências econômicas, e outras influências inconscientes. Tudo isso constitui a mente. A mente, resultante do tempo, pode ser criadora? A criação não é uma coisa que está fora do tempo, acima do tempo, e por conseguinte fora dos limites da mente? Não há uma criação "hindu" ou uma "criação européia". A cultura não é hindu nem européia, nem oriental nem ocidental; sua expressão poderá sê-lo.

Aquela coisa criadora, aquela realidade criadora, aquela Verdade, Deus — ou o que quiserdes — está certamente fora do tempo.

A mente, que é resultado do tempo, não pode conceber nem conhecer o desconhecido; portanto, ela tem de libertar-se do conhecido, do seu saber, de tôdas as suas experiências e tradições. Só então será ela capaz de receber o "desconhecido". O "desconhecido" é que é criador, e não a mente que sabe "como se cria".

PERGUNTA: *Quando há conflito entre o coração e a mente, qual dos dois se deve seguir?*

Em primeiro lugar, tratemos de compreender se o conflito é necessário. Quando o conflito surge, surge também a questão relativa ao que devo seguir — isto ou aquilo? Por que temos conflitos? Pode o conflito produzir compreensão?

Talvez vos pareça que não estou respondendo à pergunta. O que quereis saber é "o que deveis seguir". É um desejo muito superficial, êsse, e ficais satisfeito se se vos diz, meramente, "o que" deveis fazer. Infelizmente, como acontece com quase todo o mundo, hoje em dia, nós só sabemos "o que" pensar, e não sabemos pensar; por isso,

o problema se torna muito superficial. Se queremos esclarecer uma questão desta natureza, temos de pôr de parte "o que pensar" e investigar a questão de "saber pensar". Se sei pensar, o problema não existe. Mas, se digo "devo seguir **isto**", ou "devo seguir **aquilo**", ou "qual dos dois devo seguir?", vem então o problema.

Se investigamos com clareza e profundeza, nota-se que o problema de "o que fazer?" implica uma escolha, não é verdade? Pode a escolha dissipar ou pôr fim ao conflito? Existe alguma outra maneira de agir, sem ser entre duas alternativas, mas com a compreensão das exigências da mente e das exigências do coração, e sem se perguntar "o que" se deve fazer? Ante tôdas essas exigências, não devo seguir esta ou aquela, mas compreender cada uma delas, sem compará-las entre si. Então, e só então, é possível libertarmos a mente da escolha e, portanto, do conflito.

Tudo isso requer uma mente que esteja muito atenta, não só ao que estou dizendo, mas também às suas próprias operações, e que compreenda essas operações. Somos muito poucos, porém, os que desejamos fazer isso. Muito poucos se acham sèriamente interessados nisso. Temos muito interêsse em coisas superficiais — diversões ou excitações. Mas, para se penetrar verdadeiramente o problema da existência, requer-se a compreensão da mente a tôdas as horas — compreensão de como ela vive e como ela age. Para isso, poucos, bem poucos, têm vontade. Nisso não há nenhum risco, não se ganha um bom emprêgo, ninguém se torna famoso, ninguém faz "sucesso". Enquanto estivermos desejando ser famosos, bem-sucedidos, populares, estaremos criando misérias e conflitos e, por fim, a guerra.

24 de janeiro de 1954.

ÍNDICE
E
RESUMO DAS PERGUNTAS

COMO PODE SER ESTABELECIDA A PAZ NO MUNDO?

COMO se pode ter paz no mundo quando se está fazendo exatamente o oposto, o contrário da paz? Enquanto vos intitulardes hinduista, muçulmano ou cristão ou comunista, nunca tereis a paz no mundo.

A paz está no leigo. Enquanto se estiver seguindo algum partido, político ou de outra espécie, em oposição a outro partido; enquanto a política não fôr mais do que uma divisão de poder; e enquanto existir o sistema de partidos, não haverá paz, não poderá haver paz.

Por um lado, estamos interiormente preparados, pela nossa moderna educação, *para odiarmos uns aos outros e, por outro lado, queremos a paz. Só haverá paz no mundo quando fôr dissolvida a contradição existente em cada um de nós.*

A paz não é nenhuma reação a determinado sistema social, determinada organização, ideias ou ações. A paz é coisa totalmente diversa. Ela nasce, sem dúvida, quando se compreende o "processo" total do homem — o que significa: compreensão de mim mesmo. Êsse autoconhecimento não pode ser aprendido de outra pessoa. Quando um homem tem amor no coração, quando observa e compreende a si mesmo, em cada momento da vida, surge então a Verdade e dessa Verdade nasce a Paz.

J. KRISHNAMURTI